ANO 54.º/ 18715 4$00

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA 17 MARÇO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

JORNALISTA ASSASSINADO

O jornalista francês Paul Leandri, de 37 anos, cujo assassínio pela Polícia em Saigão, está a provocar protestos veementes (ler na página 14). Lenadri foi morto a tiro após ter sido interrogado, no Quarte-General da Polícia, acerca de um artigo que escrevera. (Telefoto UPI-Teleimprensa).

ESTA SEMANA, SEGUNDO AS PREVISÕES

COLIGAÇÃO ALARGADA

. Coligação alargada, abrangendo desta vez o M. D. P. /C.D.E. e maior coesão, devem ser caracteristicas do Governo Provisório, após as remodelações já anunciadas, na generalidade, pelo Primeiro-Ministro brigadeiro Vasco Gonçalves.

A inclusão do M. D. P. / C. D. E. surge como quase certa porque outra interpretação não poderá ser dada aos contactos estabelecidos neste fim-de-semana entre o Primeiro-Ministro, o dr. Mário Murteira, vice-governador do Banco de Portugal o major Melo Antunes e o prof. Pereira de Moura. Aos contactos iniciais seguiram-se reuniões bastante longas que podem enquadrar-se já em esquemas concretos de trabalho.

Nada autoriza a afirmar que seja o prof. Pereira de Moura, o elemento do M. D. P. / C. D. E. a incluir na coligação mas recorda-se que foi este dirigente quem há longos meses, em entrevista publicada pelo «D. L» denunciava pela primeira vez a sabotagem económica da Banca privada. O que veio a passar-se posteriormente foi apenas a confirmação das acusações e das advertências então feitas.

É dada como certa a saída do Governo dos ministros Costa Brás (Administração Interna), Vítor Alves (ministro sem pasta), Maria de Lurdes Pintassilgo (Assuntos Sociais) e Rui Vilar (Economia). Admite-se ainda que Mário Soares abandone a pasta dos Negócios Estrangeiros, que poderia ser entregue a um militar. Não estará em causa a figura de Mário Soares cujo esforço na abertura ao novo Portugal foi evidente, mas a verdade é que muitas Embaixadas e consulados não responderam. A campanha internacional que a determinada altura se orquestrou contra o sentido progressista da revolução portuguesa, teve, se não a cumplicidade, pelo menos o silêncio (que também é cúmplice) e a inércia de funcionários que nada fizeram para repor a verdade no seu lugar. Os emigrantes queixam-se também da falta de saneamento de muitos consulados onde vigoram ainda os métodos fascistas. Todos estes factos poderão, portanto, levar a uma remodelação do Ministério dos Negócios Estrangeiros ou a uma acção mais enérgica, em termos de saneamento, do actual ministro, caso venha a manter-se.

Os sectores da Economia e das Finanças poderão ser integrados e certos observadores admitem a criação de um Ministério Coordenador do Plano que poderá vir a ser dirigido pelo major Melo Antunes.

Nada de concreto existe que possa justificar qualquer modificação no Ministério do Trabalho. O capitão Costa Martins não só tem a confiança dos trabalhadores, amplamente demonstrada em múltiplas ocasiões, como é um dos motores do M. F. A. na procura de uma maior justiça social para as classes mais desfavorecidas.

PAULO JORGE DENUNCIA ATITUDES DISCRIMINATÓRIAS EM RELAÇÃO AO M.P.L.A.

(Pág. 24)

A nacionalização dos seguros

Depois da banca privada foi a vez das companhias de seguros serem nacionalizadas por decisão do Conselho Superior da Revolução. Esta medida reveste-se de alto significado político e social face ao peso determinante que o sector de seguros desempenhava na vida económica portuguesa. Pode dizer-se que a actividade seguradora secundava completamente a acção monopolista dos bancos.

A este propósito o Conselho Revolucionário emitiu o seguinte comunicado:

. «O Conselho da Revolução aprovou, em 15 de Março, um diploma segundo o qual são nacionalizadas todas as companhias de seguros com sede no Continente e Ilhas Adjacentes, com excepção daquelas em que se verifica uma participação significativa de companhias estrangeiras no seu capital.

«A medida tomada segue-se, naturalmente, à da nacionalização da banca, obedecendo aos mesmos motivos e princípios norteadores. Considera-se com efeito, plenamente justificada a sua oportunidade e urgência tendo em conta que as companhias de seguros dispunham de avultados capitais utilizados, não para benefício das classes trabalhadoras, mas para aumentar ainda mais os lucros de uma minoria de privilegiados. Assim, e justamente com a finalidade de acautelar os reais interesses nacionais proporcionando maior segurança aos dinheiros confiados às sociedades de seguros, adoptou-se esquema idêntico ao da banca recorrendo-se a comissões administrativas a nomear pelo Governo para as companhias nacionalizadas e, delegados do Governo para as companhias com participação significativa de capitais estrangeiros, desse modo se garantindo um controlo efectivo dos interesses do Estado. Também, como já se salientou para o caso da nacionalização da banca, cumpre salientar que a medida agora tomada em nada poderá afectar os interesses dos indivíduos que fizeram os seus seguros, antes pelo contrário, pensa-se, que maiores benefícios virão mesmo a ser colhidos através duma gestão orientada para servir o Povo

Continua na pág. 24

COMÍCIO DO P.C.P. —80 mil pessoas

. Uma enorme multidão calculada em cerca de oitenta mil pessoas resistiu ao frio e à chuva durante cerca de três horas, no Estádio 1.º de Maio, onde decorreu o comício para apresentação dos candidatos do Partido Comunista Português pelo distrito de Lisboa. Um importante discurso do secretário-geral do Partido e ministro de Estado, Álvaro Cunhal, mobilizou a atenção entusiástica dos militantes presentes e de todos os meios políticos do País. O comício terminou em festa animada pela Orquestra Sinfónica Popular, a Banda do Barreiro, e vários artistas democratas. (Pág. 4).

2.ª EDIÇÃO

A grande decisão

O Conselho da Revolução decidiu a nacionalização da banca. A lei mais revolucionária que jamais foi promulgada em Portugal, na opinião do Presidente Costa Gomes, e que faz do dia 14 de Março um dia histórico para o nosso Povo, segundo a expressão do Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves. A decisão foi imediatamente apoiada pelos sindicatos, pelos partidos democráticos e pelas amplas massas populares.

(Em relação aos partidos, o apoio foi tanto mais entusiástico quanto mais democráticos são. Claro!).

A grande decisão, a Grande Decisão, a **GRANDE DECISÃO** não vale apenas pelo que significa de controlo efectivo da vida financeira e económica do País, o que já seria importante, mas pelo que representa de ponto de partida, pelo que representa de opção fundamental no emaranhado ambíguo das opções possíveis, que parecia ser a tónica antes de 11 de Março.

A nacionalização da banca não vale como um fim, mas como um princípio. (Ou o princípio do fim?).

Mas se é assim, exige, muito de nós. Exige por exemplo que saibamos distinguir o que convém nacionalizar (o que convém para o País) e o que não convém. Nacionalizar apenas as empresas falidas, por exemplo, seria a falência. Nacionalizar as engraixadorias, seria o ridículo.

A grande decisão decidiu a estrada por onde vamos seguir para a democracia portuguesa. Para a ordem democrática. Para o trabalho democrático. Quer dizer, a partir da grande decisão não poderá haver dúvidas de que estamos na revolução.

MANUEL DE AZEVEDO

De sábado a segunda

Costa Martins em Estocolmo

Para Estocolmo voou o ministro do Trabalho, major Costa Martins. Acompanham-no o secretário de Estado da Emigração, eng. Pedro Coelho, o chefe do gabinete, três outros elementos das Forças Armadas e um representante da Secretaria de Estado do Comércio Externo e Turismo. A viagem é descrita como de «intensificação de relações entre os dois países», Portugal e Suécia, devendo o ministro ser recebido pelo «premier», Olof Palme, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros e, com toda a verosimilhança, por responsáveis do sector do Trabalho. Contactos com associações portuguesas sediadas na Suécia, e com a colónia portuguesa em geral, estão igualmente previstos.

Entretanto, a delegação da Jugoslávia que era esperada ontem em Lisboa acabou por não vir. A visita foi adiada para data a marcar oportunamente.

■ VINHO DO PORTO DÁ INQUÉRITO

Eventuais responsabilidades de entidades públicas e privadas na importação e comercialização de álcool e aguardente sintéticos para «beneficiar» o vinho do Porto estão sob a mira de uma comissão de inquérito designada pelo ministro cesssante da Economia, dr. Emílio Rui Vilar — soube-se agora de fonte oficial. Nos próximos dias 21 e 22 a comissão irá ao Instituto do Vinho do Porto, na capital do Norte (à Rua de Ferreira Borges), ali recebendo todas as pessoas que se lhe apresentem a prestar declarações acerca do problema. Brevemente deslocar-se-á também à Casa do Douro, na Régua.

■ MAIS UMA VÍTIMA DO COMBOIO DA LOUSÃ

Em Coimbra, por cujo centro passa impávido o comboio da Lousã, houve a registar anteontem mais uma vítima desta incongruente situação: uma automotora colheu no Largo da Portagem a jovem Maria da Glória de Jesus Frade, de 19 anos, aluna do 5.º ano da Escola Técnica Avelar Brotero.

Maria da Glória acabava de apear-se do carro do tio, padre Manuel Ventura, de Taveiro, correndo em direcção à paragem dos eléctricos quando surgiu a composição ferroviária. Nos Hospitais da Universidade, onde se encontra internada em estado gravíssimo, conseguiria explicar que pensou ter tempo de atravessar a linha, isto é, o largo, e safar-se assim à automotora. O maquinista desta sustenta que realmente viu a jovem aproximar-se, mas que também ele julgou não ir suceder nada para além de uma corrida mais veloz. Apanhada em cheio, Maria da Glória, que tem os pais emigrados no Canadá, está por um fio no hospital: os médicos abanam a cabeça.

■ UM MORTO NA ESTRADA

Perto das instalações do Amoníaco Português, na estrada Aveiro-Porto, o embate de um automóvel com um camião custou a vida ao sr. Adriano de Oliveira Beco, de 50 anos, natural de Avanca, que seguia ao volante do primeiro veículo. Momentos depois despistava-se sobre a carga do segundo um motoretista, José Maria Pereira, residente na vizinha povoação de Água Levada, que teve de ser transportado ao Hospital de Salreu.

■ VIOLÊNCIA E VIGILÂNCIA

Elementos da G.N.R. e do R.I.O.Q. detiveram anteontem na zona das Fontaínhas dez caboverdianos armados de punhais, facas e luvas de ferro. Este foi o saldo de uma rusga aparentemente destinada a «limpar» mais uma bolsa de marginais na Grande Lisboa, estando agora o caso entregue à Judiciária para as competentes averiguações.

Ontem realizou-se para o cemitério de Benfica o funeral do motorista de táxi António Gomes da Silva, de 28 anos, vítima mortal de agressão à pedrada em Algés. O crime, ocorrido na madrugada de sexta-feira, deve ter tido como móbil um simples roubo, pois não se encontram nem a carteira nem o porta-moedas do taxista. Mais de meio milhar de camaradas incorporou-se na manifestação de pesar. Aliás, por proposta do Sindicato dos Motoristas desde a madrugada que os táxis de Lisboa vinham parando, mantendo-se alheios a quaisquer chamadas até à hora do funeral.

Contra a violência, uma medida desde já — vigilância. A 5.ª Divisão do E.N.G.F.A. distribuiu, a propósito, uma nota na qual dá fé de estarem «alguns indivíduos» a utilizar abusivamente o nome do Copcon «para fins criminosos», tentanto nomeadamente penetrar em moradias com o argumento de que se trata de «uma busca». Atenção, portanto: buscas só com mandatos de captura e busca!

MANIFESTAÇÕES DE APOIO AO M.F.A.

A Comissão de Unidade de Trabalhadores da C.U.F. emitiu um comunicado em que reafirma o seu apoio e confiança no M.F.A., Presidente da República e Governo Provisório, para que se consolide definitivamente a democracia em Portugal.

Relativamente à onda de boatos que, «por coincidência significativa» se propagou nas fábricas da empresa no dia seguinte à detenção do dr. Jorge de Melo, a Comissão tranquiliza os trabalhadores da C.U.F., dizendo-lhes que nada de anormal se passou nas fábricas que afectasse a sua boa produção ou provocasse qualquer anomalia no seu funcionamento.

Manifestaram também, quer apoio ao M.F.A., Presidente da República ou Governo, quer repúdio pela intentona contra-revolucionária, quer aplauso pelas recentes e importantes deliberações do Conselho Superior Revolucionário, as seguintes entidades Sindicato dos Médicos Veterinários, Comissão Sindical dos Empregados da Companhia Europeia de Seguros (sede), Comissões Concelhias de Albufeira do M. D. P./C. D. E., P. S. e P.C.P., Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, Sindicato dos Construtores Civis, Aliança Socialista da Juventude — Partido Revolucionário dos Trabalhadores, e ainda os trabalhadores da Lisnave, da «Propagandas Belarte», do Arlíquido, da J.N.P.P., e os militantes e aderentes do Partido Socialista da Standard Eléctrica e da I.T.T.-Semicondutores.

O tempo nos próximos dias

. Até ao próximo dia 25, e segundo previsão do Serviço Meteorológico, em Portugal continental o céu apresentar-se-á geralmente muito nublado e o vento será fraco ou moderado do quadrante oeste. Haverá nevoeiro ou neblinha matinais, especialmente nas regiões do litoral oeste, e até 22, períodos de chuva e aguaceiros, mais frequentes nas regiões a norte do Tejo. A temperatura média do ar manter-se-á próxima dos valores normais da época.

Ainda de acordo com o S. M. N., o estado do tempo, na última década, foi geralmente favorável às culturas, principalmente às forragens e pastagens naturais.

Sindicato do Serviço Doméstico

O Sindicato do Serviço Doméstico, que neste momento aguarda apenas a legalização oficial do Ministério do Trabalho, insurge-se, num comunicado enviado à nossa Redacção, contra o «Sindicato Livre das Empregadas Domésticas», a constituir-se sob o patrocínio da obra de Santa Zita.

Lê-se no comunicado que este «sindicato» não pode nem conseguiu esconder aquilo que é — «Sindicato comprometido com os patrões e ao serviço destes, em vez de estar ao serviço da classe trabalhadora.»

. O seu aparecimento teria sido «uma táctica de antecipação, uma vez que os seus elementos tinham conhecimento dos nossos trabalhos e da intenção de realizarmos a assembleia para aprovação dos Estatutos e eleição dos corpos gerentes».

Acontece que o sindicato patrocinado por Santa Zita apresentou ao Ministério, «numa outra manobra de antecipação, um projecto de lei para todos nós sem nos ter consultado (quem teve conhecimento da sua discussão?)».

Afirma, finalmente, o Sindicato do Serviço Doméstico que levou a cabo uma assembleia geral «para ampla discussão dos diversos pontos do caderno reivindicativo». Nessa assembleia «fizeram-se diversas propostas concretas a introduzir no texto base para o projecto de regulamentação colectiva de trabalho.»

. Propõe-se, por exemplo, a criação de um Registo de Desempregados cuja consulta é obrigatória por parte dos patrões. «Este registo — acentua-se no comunicado — teria como fim acabar com as agências exploradoras do nosso trabalho, incluindo a Casa de Santa Zita.»

COLISEU DOS RECREIOS

(EMPRESA RICARDO COVÕES, HERD.)

TEMPORADA DE ÓPERA DE 1975

— DO —

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

HOJE — ÀS 21.15 H. — DIA 19 — (QUARTA-FEIRA) — ÀS 21.15 H.

A ÓPERA

RIGOLETTO

de VERDI

Distribuição: Rigoletto ..... FRANCO BORDONI (*)
Gilda ..... ELIZETTE BAYAN
Duque de Mântua ..... ALFREDO KRAUS
Sparafucile ..... CARLOS FONSECA
Madalena ..... HELENA CLÁUDIO
Conde de Monterone ..... ÁLVARO MALTA

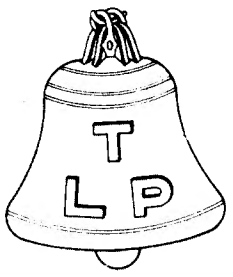
e: ELSA SAQUE, JOÃO PESSANHA, ARMANDO GUERREIRO, JOÃO VELOSO, MARIA RAMOS, SARA ROSA e ANTÓNIO SARAIVA

Direcção Musical: ANTÓNIO DE ALMEIDA — Encenação: GINO BECHI

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA — CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

(*) FRANCO BORDONI, que o público de Lisboa conhece pelas suas interpretações no S. Carlos e no Coliseu dos principais papéis de barítono das óperas «D. Carlos», «Ernani» e «La Bohème» substitui Piero Cappuccilli, impossibilitado de cantar por ter adoecido.

(GRUPO B - 10 anos)



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

ASSINANTES COM NUMERAÇÃO INICIADA POR «71»

Na noite de 14 para 15 do corrente todos os postos com o prefixo numérico «71» foram alterados.

Em vez de «71» marque «89»

Seguidos dos restantes algarismos.

Não se esqueça, pois são cerca de 10 000 postos que mudaram de prefixo.

LEMBRE-SE DESTA ALTERAÇÃO

post scriptum

O feudalismo não acabou

Leitor do «DL» há muitos anos, tantos que não sei quantos (tenho 62 anos), venho solicitar o auxílio do V/ jornal para uma causa justa.

É o caso de no nosso País, com a maior incidência aqui no Alentejo, nos seus três distritos, existirem ainda foros, os quais se contam por centenas (de resto existem em todo o País, o que muito e muito aumenta o seu número).

Tais foros incidem apenas sobre propriedades, terras e não só, pois também sobre muitas casas. Eu, como tantos outros foreiros, considero os foros um tributo feudal, inadmissível, caduco e que a razão não aceita. A existência dos abominados foros tem sido causa de muitos aborrecimentos, de especulações e tentativas de especulação frequentemente tendo o seu termo nos tribunais, quando é o caso de os senhores feudais seus proprietários se recusarem ao pedido de demissão que nós, foreiros, lhes fazemos, com o consequente dispêndio em acções judiciais, origem de muitas dívidas.

Impõe-se que o Governo determine de imediato a abolição dos foros sobre terras e casas, terras e casas que, na opinião geral, só devem pertencer a nós, seus possuidores.

Ao apelar para o «DL» acredito que não me vá desiludir, não posso acreditar em tal, não pode suceder, que o «DL» não atenda a minha solicitação tão justa, que é também a de outros foreiros aqui presentes, aos quais neste momento vou ler esta carta. De resto afirmo-vos sob minha palavra de honra que este apelo traduz a justa pretensão de centenas de foreiros do Alentejo.

Joaquim Fernandes Ferreira («por quatro foreiros de pequenas terras e casas do distrito de Beja, dois dos quais, infelizmente analfabetos») — Beja

Um recado das Flores

Aqui a reacção age a seu bel-prazer. É verdade: nesta distante e isolada Ilha das Flores a reacção também não dorme. Pelo contrário, tudo faz para consolidar a sua posição e desacreditar as pouco numerosas forças progressivas.

Como actua a reacção neste recanto de Portugal? Que armas usa? Exactamente como em qualquer ponto do País, actua na sombra, serve-se dos obedientes amigos e dos superdespolitizados habitantes, que eles sempre manobraram.

As armas são as mesmas: o boato, a mentira, a tentativa de dividir o povo (neste caso conseguida). Não sei se será caso único no País, a reacção aqui utiliza em grande escala o verso anónimo feito nas repartições públicas e distribuído pelos seus funcionários.

De onde parte a reacção? Suponho ficar bem definida a sua procedência ao dizer que é desta ilha o que foi governador do distrito nos últimos vinte anos. Não será por isso de admirar que a família tivesse dominado e continue a dominar os pontos-chave. Há que acrescentar ainda que estes têm sido bem acompanhados pela célula altamente reaccionária do clero, cuja actuação se manifesta desde a divisão dos honestos e desprevenidos paroquianos até ao conselho amigo de que devem votar em determinado partido, isto porque ainda não está garantida a candidatura por este distrito dos seus simpáticos associados.

Ilídio José Vaz — Lajes das Flores

Tão lorde o dono como o cão

Não pude resistir à tentação de vos contar um episódio de que fui testemunha. No passado dia 10, encontrando-me num estabelecimento deste terra, chegou uma senhora e pediu frango ou galinha, que depois veio a declarar se destinava a um cão pastor alemão de que era proprietária, porque o cão não comia senão coisas destas.

Quando se acabará em Portugal com tais injustiças? Enquanto uns têm dinheiro para comprar frango para dar ao cão, outros não têm dinheiro para comprar um bocadinho de carne para os filhos?

Que mentalidade é a destas pessoas que no contexto actual, quando o País pede medidas de austeridade, se dá ao luxo de gastar dinheiro desta maneira?

O marido daquela senhora é pessoal dos quadros da Metalúrgica Duarte Ferreira, aos quais foi feita uma proposta para o ordenado máximo ser de 20 000$00. Recusaram, tendo um daqueles funcionários delcarado publicamente terem a sua vida organizada para o ordenado que presentemente lhes é pago (há alguns que levam 32 000$00).

Será aquela a organização que têm de vida? (...

Berta Maria da C.Duarte — Tramagal

Doenças com calendário (em Paço de Arcos)

Os habitantes de Paço de Arcos só podem adoecer nos dias 6, 7, 8, 14, 15, 16, 22, 23, 24, 30 e 31. E porquê? Porque as inteligências raras deste nosso novo Portugal, interessadas em ajudar o povo, fizeram um esquema de turnos para as farmácias de serviço toda a noite, na zona de Oeiras, Paço de Arcos e Caxias, que, se um desgraçado adoecer às 4 da manhã e precisar de um remédio, não tem nos outros dias comboio ou táxi para ir buscar esse medicamento a cerca de três ou cinco quilómetros no mínimo (ida), isto para o caso de haver remédio e de o habitante ser de Paço de Arcos — porque, se não houver remédio e se o doente for de Caxias, talvez seja melhor chamar o prior da freguesia para lhe dar a extrema-unção...

José M. P. Soares Vaz — Paço de Arcos

NACIONALIZAÇÃO: O ESCUDO E O PRÉMIO

Não se ignora, é antes, do conhecimento comum, que em Portugal o chamado capital financeiro (fusão dos capitais bancário e industrial) detinha o poder económico e o controle da actividade produtiva. As possibilidades de sabotagem decorrentes dessa situação tornavam-se um factor real que se foi revelando na prática contra-revolucionária por acções diversificadas a todos os níveis e através dos mais diferentes canais. Volumosas fugas de divisas, resistência aos financiamentos, desencorajamento narginal às remessas dos fundos das massas emigrantes, deslocação subterrânea do investimento nacional para países de economia oligárquica — Espanha e América do Sul, sobretudo — tudo isto preparou a atmosfera propícia à explosão da intentona de 11 de Março.

Se o Programa do M.F.A. previa uma «política antimonopolista que favoreça as classes menos protegidas», a verdade é que o Programa de Política Económica e Social que lhe dá concretização desenvolvida neste sector, não contemplava a nacionalização da Banca. O que significa que esta medida de tão larga ambição aparece como consequência do recente golpe contra-revolucionário.

As anteriores detenções de individualidades de destaque no meio bancário do País podem ter levantado pistas para um conhecimento das actividades que os seus pares vinham exercendo na corrupção da estabilidade económica e pressionar esses mesmos à decisão urgente de apoiar uma rebelião «a tempo». Assim sendo, os revoltosos de Spínola teriam actuado como braço de emergência de certos grupos em impaciência e talvez isso explique o traçado aventureiro do golpe.

Igualmente significativo é o facto de a nacionalização da Banca constituir a primeira medida tomada pelo Conselho Superior da Revolução, instituído após o 11 de Março». Sabendo-se, como se sabe, que alguns partidos a consideraram desde logo inoportuna por razões de táctica eleitoral, a nacionalização veio como uma firme e isenta resposta às exigências de fundo do processo da democratização do País e não dos interesses imediatos dos grupos políticos em jogo. Ela apoia-se na expressão económica da esmagadora maioria da população conta desde já com a valiosa intervenção do Sindicato dos Bancários.

Assim, lançadas as bases para um efectivo domínio dos sectores fundamentais da economia, pressupõe-se, entre outras vantagens:

— a impossibilidade de fuga de capitais;

— controlo das principais empresas industriais, comerciais, de transportes e de prestação de serviços que têm nas unidades bancárias os seus principais accionistas;

. — maior segurança do sistema bancário pela redução das dificuldades de liquidês que em gra de parte apresenta;

. — maior garantia para o depositante, uma vez que fica eliminado o risco da bancarrota;

. — redução sensível de despezas de promoção — principalmente no que toca à publicidade de concorrência, à representação, às amortizações excessivas e às elevadíssimas verbas contemplativas dos conselhos de administração e fiscais;

. — reforço da actividade bancária, orientando-se o crédito num sentido mais eficaz, nomeadamente à agricultura e à pequena e média empresa;

. — aumento, por conseguinte, do investimento a escalões diversificados com a decorrente baixa de desemprego;

. — anulação das actividades meramente especulativas;

— reforço e aceleração da actividade económica com benefício das massas populares, uma vez que os recursos financeiros passarão a ser canalizados pelo Estado numa política predominantemente orientada sobre o investimento;

. — coordenação da actividade dos diferentes bancos.

O risco da burocratização é sem dúvida, um dos mais graves pontos negativos da nova estrutura bancária. A isso há que acrescentar as dificuldades de adaptação de quadros e de fórmulas de gestão que tornem verdadeiramente operacionais as directirzes impostas por um regime totalmente diverso do que até aqui se praticava. Essas dificuldades são tanto mais sensíveis quanto é certo que terão de enfrentar durante algum tempo uma receptividade indecisa por parte do público, habituado a métodos de trabalho que aceitava como tradicionais e irreversíveis.

A reacção assumirá, por isso, novas linhas de actuação. O desencorajamento e a confusão, sem dúvida. O boato preparado. Algumas formas de especulação clandestinas, difíceis mas nem por isso, impossíveis de ensaiar. A insistência — agora menos eficaz, é certo — em corromper e retardar a produtividade. A intensificação de uma campanha de desprestígio nos meios financeiros internacionais. Etc.

A isso só a acção do M.F.A. e do Governo, fortemente participada pelos trabalhadores bancários, poderá opor-se a tempo e eficientemente. Mas não só os bancários terão um papel vigilante e interferente no processo: aos próprios quadros das empresas ligadas aos grandes grupos compete uma colaboração fundamental nesta complexa malha de operações antimonopolistas. E também aqui, e sempre, o saneamento se demonstra essencial: antes do mais, só uma revisão dos órgãos que orientam a actividade económica nacional pode facilitar o clima e o rendimento de trabalho, indispensáveis à grande renovação para que a nossa Banca foi impelida.

Ela foi, bem o sabemos e a que ponto, o grande polo monopolizador de dezenas e dezenas de anos da nossa economia e do nosso trabalho. Cabe-lhe agora uma função diversa, mas importantíssima e fundamental — dela depende o equilíbrio de um país em via revolucionária, em liberdade e em justiça.

A Nacionalização dos Seguros é, por sua vez, uma urgência consequente determinada pelos estreitos compromissos que esta indústria mantinha com a Banca e com grupos financeiros da grandeza da Cuf, Espírito Santo, Quina, Champallimaud ou Pinto de Magalhães. Trata-se de uma actividade em directa comunicação com o estrangeiro (através, até do resseguro), com possibilidades de exportar clandestinamente fundos nacionais e, uma das que mais beneficiou do proteccionismo do regime anterior. Marcelo Caetano, além de accionista e administrador de uma empresa seguradora, ocupou a presidência do Grémio daquela indústria e participou nalguma legislação que a orienta.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Prop. da Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Mas, independentemente do papel que as Companhias desempenhavam nos «holdings» monopolistas e das recentes pressões políticas, a sua nacionalização já tinha sido levantada nalgumas intervenções partidárias e na assembleia geral, em Janeiro, do Sindicato dos Profissionais de Seguros do Distrito de Lisboa. Acrescente-se ainda que, não no todo, mas em ramos como o dos Acidentes de Trabalho, o seguro já há muito tinha sido nacionalizado sectorialmente na maior parte dos países europeus, incluida a Espanha.

Nota necessária: razões compreensíveis desvincularam o capital estrangeiro do novo estatuto. Excluem-se, portanto, dele, um total de sete companhias, mas não será de todo improvável que a opinião sindical venha a pretender de alguma forma a associá-las ao sistema geral.

80 por cento do valor dos prémios, carteiras de favor cedidas a personalidades dos círculos de influência, «rappels» (supercomissões) secretamente partilhadas por quadros superiores da empresa, isso, e muito mais, alimentava à volta das companhias uma legião de instalados altamente onerosa. A elaboração de um estatuto do agente de seguros torna-se, por consequência, inadiável.

Sector eminentemente social, o Seguro ocupa uma posição de grande sensibilidade nesta inversão do poder económico. A sua acção estende-se às áreas primordiais do trabalho, da saúde, do equipamento social, etc; a sua nacionalização, com todas as inestimáveis vantagens que promove, confronta-se desde logo com as dificuldades convencionais nesta etapa de transformação: burocracia estatal (recorde-se a experiência, mal lograda, do seguro de doença na nossa Previdência Social), entraves ao saneamento, resistências, orientadas ou não, aos nossos métodos. O habitual em qualquer nacionalização.

Outros problemas ocorrerão certamente no curso do processo, de carácter menos geral e decorrentes da prática específica do trabalho. Entre eles, um se antevê, desde já, e cuja antecipação justifica uma atenção meditada e medidas cautelosas: a hipótese de terem de se reduzir os quadors do pessoal externo.

É que cerca de 30 por cento dos profissionais de Seguros pertencem a esse contigente. Eliminada ou profundamente enfraquecida, alterada no estilo até, a competição entre companhias pela conquista do mercado, grande número de quadros externos terá de ser reconvertido ou desviado dos centros de actividade, com todos os problemas familiares e profissionais decorrentes dessa alteração.

No plano político económico a nacionalização da Indústria de Seguros tem alcance imediato e da maior eficácia na solução de vários focos da crise.. A interdição da fuga de capitais será, evidentemente, um deles — mas não apenas da fuga com destino ao estrangeiro, sublinhe-se: fica igualmente cancelado o seu desvio para negócios de interesse privado, alheios àquela indústria. A poupança nacional aumentará assim, em reservas e em investimento planificado, pondo-se desde já como provável a criação de um organismo controlador do resseguro que, por um lado, retenha as divisas habitualmente escoadas do País e por outro, que garanta essa modalidade indispensável de colaboração internacional.

Também a partir da nacionalização passar-se-á a dispor de um conhecimento real da situação financeira das companhias seguradoras. Uma vez despojadas dos artifícios com que as administrações escamoteavam os dividendos, em prejuízo do segurado e do pequeno accionista, torna-se possível moralizar e racionalizar a distribuição das mais-valias — dos bens imóveis, principalmente.

Paralelamente, a situação precária de algumas unidades seguradoras, quer por desvios, quer por especulações ou má administração (caso da Alentejo, sob a gestão do dr. Taborda Ferreira, e da Aliança Funchalense, do grupo UTIC) passará a dispor de meios de recomposição. Agora, em enquadramento racional e já não isoladas em sobrevivência de competição, aquelas deficitárias receberão do Estado créditos e outros apoios que as tornarão operacionais a curto prazo. Para tanto — nova vantagem a considerar — muito contribuirá a distribuição programada do seguro dos bens estatais e para-estatais pelo conjunto das diversas companhias, inclusivamente na base do co-seguro. (É, de resto, previsível uma acção orientada no sentido de moderar o resseguro no mercado estrangeiro para, em contrapartida, incentivar a expansão do co-seguro).

Protecção ao segurado; protecção, sobretudo, ao trabalhador. O saneamento financeiro das Companhias pressupõe uma redução de taxas de seguros e confere uma maior confiança pública e maior isenção na assistência aos lesados. Por sua vez, controladas as declarações dos empresários (que frequentemente manifestavam sa-

Continua na pág. 10

Nacional

"ASSIM SE VÊ A FORÇA DO P.C."

OITENTA MIL PESSOAS À CHUVA NO COMÍCIO DO PARTIDO COMUNISTA

Compreendemos razões que possam existir para defender a actual coligação. Mas não se podem ignorar as reservas feitas pelo povo em relação ao P.P.D.», afirmou Álvaro Cunhal ao usar da palavra ontem à tarde no comício do Partido Comunista Português, no Estádio 1.º de Maio. **Nos últimos tempos**, acrescentou, **o P.P.D., em toda a sua acção política afastou-se de uma atitude de partido participante num Governo democrático de coligação para se lançar numa campanha e numa propaganda de conteúdo reaccionário e contra as forças democráticas.** Em resposta, cerca de 80 mil pessoas gritaram: **O M.D.P. pró lugar do P.P.D.** Eram 17.30 da tarde. Chovia há várias horas e ninguém arredava pé.

Antes de Álvaro Cunhal usaram da palavra Octávio Pato, membro da Comissão Política do Comité Central do Partido e Georgette Ferreira, também do Comité Central, o primeiro para lembrar que **o P.C. reforçou mais ainda a sua ligação com as massas trabalhadoras, em consequência do 11 de Março**; Georgette Ferreira para sublinhar que o 11 de Março deve servir de **lição para aqueles que, enganados, enfileiraram na campanha anticomunista, facilitando o caminho da reacção.**

Antes de Georgette Ferreira fazer a sua intervenção, foi lida a lista de candidatos do Partido, por Lisboa, cujos nomes foram muito aplaudidos. No final da apresentação e antes das palavras de Álvaro Cunhal cantou-se o «Avante Camarada».

O 11 DE MARÇO

O mau tempo, embora fizesse com que nem todos os oradores previstos para falarem o pudessem fazer, não impediu que, durante cerca de três horas, aquela impressionante multidão pensasse mais nos discursos e nas palavras de ordem do que na chuva e na lama. Alguém diria, na mesa que presidiu ao comício que **o tempo não está connosco.** Foi o rastilho para uma das mais entusiásticas palavras de ordem da tarde de ontem: **Assim se vê a força do P.C.** Durante muito tempo entoado pela multidão, este «slogan» só viria a ser ultrapassado no entusiasmo com que foi gritado por aquele outro que sublinhou a parte do discurso de Cunhal que se referiu ao P.P.D.

O secretário-geral do P.C.P. fez uma análise ao 11 de Março, no início da sua intervenção, avisando que **é absolutamente certo que os conspiradores contavam com elementos e com forças militares que não sairam para a rua. É necessário apurar quem são esses elementos e quais eram essas forças e tomar as medidas necessárias para neutralizá-las, pondo-as em condições de não poderem fazer mal.**

Quanto aos conspiradores presos, Cunhal afirmou ser necessário castigá-los exemplarmente, embora **não seja caso para os fuzilar** pois segundo disse, **não é a pressa nem a violência que resolvem grandes problemas políticos. Devemos, a cada momento considerar a situação real que defrontamos.**

Afirmando que **há oficiais sargentos e soldados capazes de fazer frente, nas suas unidades, a oficiais facciosos, se eles aparecerem,** Cunhal fez a ligação entre as várias etapas do processo contra-revolucionário, intimamente ligado à campanha anticomunista e contra o M.F.A., desde a tentativa de Palma Carlos, secundada por outros ministros, **entre os quais Sá Carneiro, secretário-geral do P.P.D.** ao 11 de Março, passando pelo 28 de Setembro.

Para reforçar a consolidação do processo revolucionário e o prosseguimento das conquistas já alcançadas, Álvaro Cunhal referiu a importância da institucionalização do M.F.A. e da entrada para o Governo de **representantes de forças democráticas que, na crise de 11 de Março deram, uma vez mais, em cooperação com outras forças populares e com o M.F.A. valiosa contribuição à defesa das liberdades contra o golpe da reacção.**

REMODELAÇÃO DO GOVERNO

Depois de afirmar, como dissemos acima, que **compreendemos as razões que possam existir para defender a actual coligação, mas não se podem ignorar as reservas feitas pelo povo em relação ao P.P.D.**, Álvaro Cunhal lembrou que **a propaganda e campanha de conteúdo reaccionário** deste partido da actual coligação governamental **continua já depois do 11 de Março.** E exemplificou:

. Se por exemplo, se confirma que, num comício do P.P.D. realizado já depois do 11 de Março, nos Açores em vez de se pedir o castigo dos conspiradores, se grita em coro «morte aos comunistas» temos o direito de perguntar que cooperação pode haver com estes senhores. Quer o P.P.D. continuar a cooperar numa coligação democrática contra a reacção, ou prefere ser um porta-voz da reacção contra as forças democráticas? Quer o P.P.D. acompanhar uma nova política económica que vai ter como base a nacionalização da banca e das companhias de seguros, ou pretende continuar a entravar uma política antimonopolista e antilatifundista? Naturalmente que a participação do P.P.D. na coligação, a nosso ver, exige respostas claras a estas perguntas.

Foi então que a multidão, em uníssono gritou: **O M.D.P. pró lugar do P.P.D.** Em resposta Cunhal lembrou que o P.C.P. é acusado de dar as ordens de cima e dizer às pessoas as posições que elas devem tomar e, afinal, eram as pessoas que se adiantavam e diziam por sua livre vontade, aquilo que havia a fazer.

Eu ainda não me tinha referido ao M.D.P. Fostes vós que o dissestes. Mas, seja ou não no lugar do P.P.D., o M.D.P. terá no Governo o lugar que a sua actividade plenamente justifica.

TOMAR MEDIDAS EFICAZES

O secretário-geral do P.C.P. falou em seguida da necessidade de o Governo tomar medidas **que ponham fim à chantagem e ao gangsterismo político de grupos irresponsáveis.** Não se pode ser **tolerante e condescendente ante violências, golpes de mão, violações dos direitos e liberdades dos cidadãos,** que **têm levado à criação de um clima de violência e anarquia que só pode beneficiar a reacção.**

Referindo-se, depois, à nacionalização da banca e dos seguros, afirmou que estas medidas mostram **que a Revolução Portuguesa vai por bom caminho e está decidida a vencer os obstáculos que encontre.**

Quanto às relações com países estrangeiros disse: **É necessário combater com firmeza os elementos que visam provocar dificuldades com esses países,** chamando depois a atenção para a vaga de boatos alarmistas. Assim:

Seja qual for a bandeira que arvorem, por muito esquerdistas e revolucionários que se digam, os boateiros são, pelos seus actos, agentes da contra-revolução. É necessário detectá-los, agarrá-los e entregá-los às Forças Armadas.

ELEIÇÕES

Muitas vezes interrompido pela multidão, que sublinhava as partes mais significativas do seu discurso, com vivas ao P.C.P., ao M.F.A. e às forças democráticas, Álvaro Cunhal tocou, em seguida, no ponto quente das eleições:

. As eleições não decidem tudo. São uma primeira experiência depois de meio século de fascismo (...) mas será necessário, antes delas, que os partidos democráticos e o M.F.A. se ponham de acordo acerca das grandes linhas da Constituição a elaborar e acerca da política do Governo Provisório até à entrada em vigor da nova Constituição.

O secretário-geral do Partido Comunista Português diria ainda que **há que assegurar uma grande vitória das forças democráticas cuja primeira e fundamental expressão será uma grande votação no P.C.P.**

«UM PORTUGAL A CAMINHO DO SOCIALISMO»

Quase seis horas da tarde. A multidão, encharcada de chuva e de entusiasmo, empunhava os seus cartazes, gritava palavras de ordem, aplaudia o discurso do secretário-geral do seu Partido que, nessa altura, focava as linhas gerais do prosseguimento da construção da Democracia em Portugal:

. Lutamos por um Portugal em que coincidam duas realidades fundamentais: (...) a existência de amplas liberdades democráticas (...) e a realização de profundas reformas económicas e sociais.

Álvaro Cunhal referia-se **às realidades de um Portugal democrático no caminho do Socialismo** citando **a nacionalização de amplos sectores fundamentais da economia nacional com respeito pelas pequenas e médias empresas, a industrialização e o desenvolvimento económico em benefício de amplas massas trabalhadoras e da efectiva independência de Portugal** e a reforma agrária e o consequente **melhoramento radical das condições de vida da população trabalhadora dos campos** com pontos fundamentais do prosseguimento da luta.

Ao terminar a sua intervenção, Cunhal afirmaria que **não há em Portugal nenhuma força política que possa, ela só, defender as liberdades contra a reacção e assegurar a construção do novo Portugal Democrático. O P.C.P. tudo fará para contribuir para o reforço da unidade das forças populares democráticas e para o reforço da sua aliança com o M.F.A. Os encontros nos últimos dias realizados entre delegações do P.C.P. e delegações de outros partidos, incluindo o P.S., confirmaram a necessidade e a possibilidade de reforçar a cooperação com vista à realização das tarefas que o Povo Português tem por diante (...) Um regime democrático e uma sociedade democrática caminhando para o Socialismo estão ao nosso alcance.**

Depois do discurso de Cunhal, o locutor Rui Pedro e a actriz Maria do Céu Guerra anunciaram o prosseguimento da reunião, agora com música e canções, o que se verificou imediatamente a seguir a ter-se cantado em coro e de punho erguido, o Hino Nacional. Intervieram na festa popular o Coro da Academia dos Amadores de Música, a Banda do Montijo, elementos da Banda de Torres Vedras, Luis Cília e a Orquestra Sinfónica Popular.

Durante ainda muito tempo, cantou-se em coro, dançou-se e gritaram-se «slogans», entre os quais «Vitória», e, «A vitória é difícil mas é nossa».

A chuva a cair e a não cair, e as pessoas sempre presentes, constantemente afirmando a sua adesão a uma política que transforme o País de ponta a ponta. Isto no Estádio 1.º de Maio, ontem domingo, perante os candidatos do P. C. P. à Constituinte.

Céu claro por momentos, e logo uma núvem negra a aproximar-se, a desfazer-se em água. Abriam-se os guarda-chuvas, quase todos a um tempo — e eis que uma enorme tartaruga, fraterna, ligada elo a elo, ficava agarrada à superfície do Estádio. Agarrada, fixa, mas com alma de avançar no momento oportuno.

O momento que todos nós estamos a viver, num «pão, pão, queijo, queijo» impressionante, tem a altura de uma nova Era dos Descobrimentos ou, então, retrocedendo nas datas históricas, de um «Corram ao Paço que matam o Mestre». Irreversível, se a cobardia não nos tolher, esta página de História que se vai lentamente construindo...

Parágrafo a parágrafo, sob a chuva ou sob o sol, uma nova lei vai sendo oferecida ao País. Democraticamente. E com aquela força de todas as causas justas. Tão solene, certa e fatal como o suceder das estações. O Inverno está a findar, a Primavera vem aí.

PEDRO ALVIM

MÁRIO SOARES NO PORTO:

Parece-me desejável que a coligação se mantenha

PORTO, 17 — De passagem pelo Porto, a fim de participar numa reunião de trabalho de candidatos do Norte do País pelo Partido Socialista, Mário Soares, secretário-geral, aproveitou o ensejo para, durante uma conferência de Imprensa, desmentir um telegrama da «France Press», reproduzido em vários jornais da manhã, que atribuia ao líder do P.S. declarações feitas à «Europa Um» de defender uma aliança privilegiada com o P.P.D. Uma vez que tais declarações eram susceptíveis de dar origem, na actual conjuntura política a más interpretações, Mario Soares considerou importante uma rectificação. Assim, é do seguinte teor o comunicado distribuido aos órgãos de comunicação social, através do gabinete de Imprensa do P.S.

«O 'Jornal de Notícias' e outros periódicos transcrevem hoje um telegrama da agência «France Press» que me atribui declarações à «Europa Um», que deformam manifestamente as minhas palavras, e, portanto, exigem imediata rectificação.

«Na verdade, nunca defendi uma aliança privilegiada ou isolada com o P.P.D., o que é contrário à linha política do Partido Socialista amplamente divulgada em diversos comunicados. O que disse — e mantenho — é que me parece desejável que a coligação que tem estado no Governo desde 25 de Abril — definidas pela aliança do P.S., do P.P.D. e do P.C.P., com o M.F.A., tendo por base o cumprimento do programa do M.F.A. — se mantenha não somente até às próximas eleições, fixadas para 12 de Abril, como para além delas, independentemente dos resultados eleitorais.

É neste espírito que o P.S. aborda as negociações com as instâncias superiores do M.F.A. para a composição do quarto Governo Provisório.

Bate-se o P.S. por consolidar as conquistas revolucionárias — que estão a ponto de transformar Portugal a caminho da socialização — e por viabilizar as soluções que se impõem no respeito pelas liberdades democráticas e pelo pluralismo político.

Essa tem sido — e há que a defender — a principal originalidade da Revolução Portuguesa».

No decorrer da conferência de Imprensa, Mário Soares anunciou que o seu partido iniciará a sua campanha eleitoral no Porto, no decorrer de um comício marcado para o dia 19 do corrente, no Palácio de Cristal.

"O M.D.P./C.D.E. intervém na economia com a vontade popular"

PORTO, 17 — «O nosso Partido está, hoje como ontem, interessado no desenvolvimento de uma ampla acção de massas que crie uma barreira definitiva ao avanço da reacção e liquide a contra-revolução.

Hoje como ontem o M. D. P. participará na construção de uma verdadeira democracia que remeta ao povo não só o poder político mas também e principalmente o poder económico e social. Assim, o M. D. P./C. D. E. entervém na economia com a vontade popular» afirmou no comício realizado na noite do passado sábado, no Palácio de Cristal, o candidato por aquele Partido, Sousa Pereira. Prosseguindo, afirmou: «O M. D. P. faz de toda a sua luta no momento presente a luta contra os monopólios como forma de conseguir um Estado amplamente democrático, um Estado de Governo do povo cuja acção se oriente para esse mesmo povo». O Movimento Democrático empenha-se na luta e exige um saneamento intransigente e eficaz das estruturas do aparelho do Estado e do aparelho económico privado».

A terminar, acentuou a necessidade urgente de se tomarem medidas do controlo do aumento do custo de vida e que também seja «elaborado um novo plano de tributação fiscal, por forma a que a crise seja paga fundamentalmente por aqueles que mais culpados são. E, acrescentou: «na continuidade das medidas revolucionárias já tomadas, que sejam inquiridas, julgadas e expropriadas as fortunas fascistas que nos governos corruptos de Salazar a Caetano traficaram as suas influências, acumulando fortunas à custa do suor e lágrimas do Povo Português. Que sejam julgados Correia de Oliveira, Mota Campos, Gonçalves Proença, Santos Costa, os pidescos Rapazote e Santos Junior, Duarte do Amaral e tantos outros».

O comício que serviu para apresentação dos candidatos do M. D. P./C. D. E. à Assembleia Constituinte e para a abordagem do tema «Intervir na Economia com a Vontade Popular» foi presidido pelo dr. Armando Cotta. Como convidado de honta, o prof. dr. Ruy Luis Gomes tomou, igualmente, assento na presidência.

Abriu a sessão o locutor do R. C. P. Rui de Melo, também candidato do M. D. P. que procedeu à chamada dos candidatos pelo círculo do Porto. Com a assistência que enchia o pavilhão do palácio, a gritar a palavra de ordem: — «M. D. P. no lugar do P. P. D., usaram, ainda, da palavra: Ilídio Sardoeira (que depois de afirmar é preciso instalar democratas nos lugares de decisão» citou uma frase de Miguel Asturias: «Cuba é a madrugada da esperança» para concluir: «Desde o 25 de Abril, o Povo Português conheceu e tem nas mãos a madrugada da sua esperança. Mas os dias de justiça, do direito e da dignidade começaram a nascer para o Povo Português».

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

NACIONALIZAR A BANCA : CAPAR OS MONOPÓLIOS

A nacionalização da Banca é, depois do 11 de Março, a grande notícia do País. Como todas as grandes notícias, traz consigo a possibilidade de não ser entendível, em toda a sua grandeza, por uma data de gente. Em especial por tanta gente empurrada para o desinteresse durante os tempos fascistas. Com a agravante de se tratar de um tema que envolve noções tão complexas e tão difíceis de trocar por miúdos.

Daqui resulta a importância deste *Teledomingo*, à responsabilidade, como de costume, de Joaquim Letria. Um *Teledomingo* que principiou infantilmente, com aquela «reportagem» em Grândola. É assim. Nunca mais perdemos o hábito de brincar à televisão. Por que não usam antes o jogo das cinco pedrinhas? Como diabo se distribuem os papéis em tarefas de tamanha importância?

Mas falemos de coisas sérias.

Em primeiro lugar, aponte-se a qualidade de representação dos estudiosos e dos trabalhadores. Como não podia deixar de ser, os nossos amigos bancários estiveram no centro da roda. Amplamente merecida a homenagem que de diversos sectores lhes foi prestada, com realce para a sua dedicação, para a sua vigilância, para a sua organização em defesa da democracia. Todo o seu trabalho foi apontado como exemplo, agora mais necessário que nunca: a vigilância dos trabalhadores a *«vigilância articulada»* para usar a feliz expressão de Carlos Carvalhas, secretário de Estado do Trabalho) nas empresas vai desempenhar um importante papel no esforço de reconstrução.

Claro que não vou ao ponto de dizer que esta emissão de *Teledomingo* terá esclarecido toda a gente, pelas razões já apontadas. Fez-se, isso sim, um sério esforço nessa direcção. E o nosso público ficou pelo menos com a ideia de que a nacionalização era um passo indispensável, dado que sem ela não se podia avançar: as forças progressistas deste País vinham, há longo tempo, vincando a sua necessidade. Houve até quem, muito, muito antes do 25 de Abril a apresentasse como uma das primeiras medidas a tomar para uma correcta via democrática.

A certa altura referiu-se a dificuldade que a nacionalizaçao nos podia trazer no plano da burguesia internacional. Neste ponto, o economista Tavares da Cruz explicou a situação nos seus termos exactos: essa complicação com a burguesia internacional não se deve atribuir à nacionalização da Banca, mas àquilo que está na sua origem ou seja, o 25 de Abril...

Realmente, aos grandes interesses internacionais o 25 de Abril não interessa nada. Nadinha. A esses tais, convinha que a nossa Revolução parasse, isto é: que a nossa Revolução morresse e que, num onze de Março qualquer, voltássemos ao redil. Perdoa lá o mau jeito, ó imperialismo, mas o nosso povo e o seu braço armado não estão resolvidos a fazer-te a vontade.

Torna-se impossível dar aqui uma ainda que breve imagem da variedade dos temas tratados. Só um breve apontamento para lamentar as intervenções de Armando Nogueira. Pareceram-me, sobretudo, muito em cima do joelho pouco estruturadas, pouco amadurecidas.

Claro que as nacionalizações não podem avaliar-se fora do poder político sob o qual se praticam. Os exemplos de França, de Itália, e mais concretamente, de Inglaterra são de recordar. Carlos Carvalhas veio dizer-nos depois, com toda a razão, que não pode haver uma comparação mecânica entre esta nossa nacionalização e outras cometidas noutros lugares. Na realidade, o **Programa do M.F.A.** proclama a luta antimonopolista como factor na defesa das classes mais desprotegidas. Daqui resulta que a nacionalização da Banca não se faz a favor de uma classe exploradora. Também, é certo, da primeira intervenção de Armando Nogueira, isso não estava explícito ou sequer implícito. Mas subsistiu — pareceu-me subsistir uma ambiguidade que a realidade portuguesa de forma alguma consente.

Por outro lado, a sua explicação para o afluxo de depósitos no sábado passado não devia provocar optimismos exagerados. Tratar-se-ia de depósitos de empresas privadas de o fazerem durante alguns dias.

Não se nega alguma parte dessa possibilidade, embora se acredite que essas empresas, já agora, podiam esperar pela segunda-feira. Mas a experiência dos bancários presentes (e não só) prova que grande parte dos depósitos foi um acto político, foi um gesto público de confiança e de apoio ao Movimento das Forças Armadas.

Falta aquela sua sugestão de modificar o aspecto das notas de banco. Para além das dificuldades e desvantagens a vários níveis que daí viriam, quer-me parecer que a «sangria», que a sabotagem, utiliza (pode utilizar) processos mais sofisticados e perigosos do que as notas dentro da mala, ou mesmo do malão.

Enfim. Foi-se o *Teledomingo* da Banca. Falta o *Teledomingo* dos seguros. Também — ah também! — muito importante. Porque o seguro morreu de velho.

NOVO FILME DE VADIM

Sirpa Lane, a protagonista do filme de Roger Vadim, «La Jeune Fille Assassinée», será a principal intérprete de uma película a realizar por Jean François Jonvelle, numa produção de Carlo Ponti.

No filme, ainda sem título, Sirpa Lane encarnará a personagem de uma rapariga europeia que casa com o filho de um potentado árabe. Sirpa, porém, não consegue adaptar-se ao seu novo ambiente familiar.

PASCOA 75
semana santa

TORREMOLINOS — Visitando: SEVILHA - MIJAS - MÁLAGA — DE 23 A 30/3 - (8 DIAS) 4.700$00
ANDALUZIA E CEUTA — DE 24 A 30/3 - (7 DIAS) 4.300$00
SEVILHA — Visitando: CÁDIS E CORDOBA — DE 24 A 31/3 - (8 DIAS) 3.700$00
MADRID — Visitando: VALE DOS CAÍDOS NAVACERRADA E ESCORIAL — DE 26 A 31/3 - (6 DIAS) 3.300$00
SEVILHA — Visitando: GRUTAS DE ARACENA E RUÍNAS ROMANAS DE ITÁLICA — DE 27 A 31/3 - (5 DIAS) 2.900$00
SERRA DA ESTRELA E SALAMANCA — DE 27 A 30/3 - (4 DIAS) 2.300$00
SERRAS DO CARAMULO E DA ESTRELA (POR VISEU) — DE 29 A 30/3 - (2 DIAS) 1.000$00
ALGARVE E AYAMONTE — DE 29 A 31/3 - (3 DIAS) 1.750$00
VIGO - SANTIAGO DE COMPOSTELA - LA TOJA — DE 28 A 31/3 - (4 DIAS) 2.300$00
ALTO MINHO — DE 28 A 30/3 - (3 DIAS) 1.700$00
PORTO E BRAGA — DE 28 A 31/3 - (4 DIAS) 1.700$00
PEÇA O PROGRAMA DETALHADO.
Capristanos Viagens e Turismo

CHARLES BRONSON!
num filme de MICHAEL WINNER
O TRITURADOR
- the stone killer -
com
MARTIN BALSAM/NORMAN FELL
Technicolor
AMANHÃ ESTREIA
ÀS 21,15 HORAS
EDEN
Não aconselhável a menores de 18 anos

SABEMOS QUE NECESSITA HABITAÇÃO

Temos com 2-3-4 assoalhadas (Benfica)

Temos com 5 e 7 assoalhadas (Portela de Sacavém) e temos condições de arrendamento vantajosas a propor-lhe.

Contacte para 322105 ou 368688 ou Pessoalmente na Tr. do Carmo, 13-r/c — LISBOA.

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

AVISO

TRANSFERÊNCIA DE INSTALAÇÕES

São por este meio avisados todos os interessados de que as instalações da Secção de Mobilização deste Centro passaram a funcionar, desde o dia 17 de Março de 1975, inclusive, na **RUA MARTENS FERRÃO, N.º 26 — 3.º andar.**

Lisboa, 17 de Março de 1975

O CHEFE DO CENTRO
João Calado Orvalho
ten. cor. pil.

Hoje

Bernardo Santareno.

I PROGRAMA

18.30 Abertura e **TV Juvenil**
19.00 **Magazine do Norte**
19.30 **Teledesporto** — reportagens e comentários dos acontecimentos desportivos de domingo.
20.00 **Telejornal** — 2.ª edição
20.20 **Antologia** — «Em Vossa Alma e Consciência» — 1.º programa da autoria de Pierre Dumayet e realização de Claude Barma. Intérpretes: Yves Vincent, André Falcon, Michel Creton, André Haber, François Darbon e Lucien Hubert.

Dois homens são acusados de assassínio e por isso julgados e condenados à morte. Porém, durante todo o processo, eles dizem estar inocentes...

22.25 **Telejornal** — 3.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
23.00 Fecho

II PROGRAMA

20.00 **«Ivanhoe»** — o célebre romance de Walter Scott dramatizado por Alexandre Barou. Realização de David Maloney. 2.º episódio com Anthony Bates, Kevin Brennan, Graham Weston Hugh Wacters e Eric Flynn.
20.25 **Desenhos animados**
20.45 **Escrever é Lutar** — José Carlos Vasconcelos entrevista Bernardo Santareno
21.00 **Telejornal** — em diferido a edição das 20 horas transmitida no I Programa.
21.15 **Teatro** — «A Estátua» de Luís Stau Monteiro. Intérpretes: Rogério Paulo, Zita Duarte, Vicente Calfo, Maria João Galope, Raquel Maria e Fernanda Barreira. Cenários de Luís Moniz Ribeiro. Realização de Herlander Peyroteo.
22.30 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA
Antologia (20.00)

II PROGRAMA
Escrever é Lutar (20.45)
«A Estátua» de Stau Monteiro (21.15)

SIEMENS
ESTORIL Rekord

Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura e desenhos animados «Laurel e Hardy»; **13.00**: Documentário; **13.30**: Telejornal — 1.ª edição; **13.45**: Dominic — 7.º episódio; **14.15**: Lgo à noite; **18.30**: TV infantil; **19.00**: Nome mulher; **20.00**: Telejornal — 2.ª edição; **20.15**: Temas e variações; **21.10**: Temas e problemas; **22.15**: Telejornal — 3.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **23.00**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e a série filmeda «Dominic»; **20.25**: Desenhos animados; **20.40**: Documentário; **21.00**: Telejornal; **21.15**: Noite de cinema «Nascida para o Mal»; **23.00**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Espectáculos

O 150.º aniversário do nascimento de Johann Strauss (filho)

Em 25 de Outubro de 1975, a Áustria e com ela todo o mundo musical, celebra o centésimo quinquagésimo aniversário do nascimento do «rei da valsa», Johann Strauss (filho).

Já seu pai, que também se chamava Johann Strauss, encantou a multidão com a sua música cheia de vida. Contando apenas quatorze anos estreou numa pequena orquestra e mais tarde num quarteto que dirigia o violinista de música de dança, Josef Lanner. O quarteto converteu-se em orquestra e Johann Strauss pai, em seu dirigente. As suas composições: valsas, quadrilhas, galopes, polcas e marchas foram muito cedo internacionalmente famosas, mas o cansaço da agitada vida errante e de concertos foi demasiado grande para Johann Strauss pai e uma febre nervosa debilitou-o de tal maneira que necessitou de esmerados cuidados. Logo após o seu restabelecimento abandonou a esposa Anna (nascida Streim) e os filhos, para iniciar uma nova vida com Emilie Trampusch.

Monumento a Johann Strauss (filho) no Parque da Cidade de Viena

O «JOVEM JOHANN» ESTREIA NO «DOMMAYER»

No lar da família abandonada reinava grande miséria. O filho mais velho, nascido em 1825, Johann, chamado familiarmente «Schani» teve que ganhar o sustento aos 19 anos para poder alimentar a mãe e os irmãos. Devido ao facto de que assim como seu pai — que havia tentado afastá-lo da música — era um violinista apaixonado, solicitou à municipalidade de Viena a permissão «para executar música ligeira em locais públicos com uma orquestra de 12 a 15 membros». Em 15 de Outubro de 1844 apresentou-se pela primeira vez em público. Apesar de que o jovem Strauss dispunha somente de um curto programa que compreendia 4 valsas, 3 polcas e 2 quadrilhas, este primeiro concerto no salão de baile «Dommayer», no bairro de Hietzing, foi um grande êxito. Teve-se que repetir a valsa de sua criação «Sinngedichte» (Epigramas) 19 vezes e já a primeira noite deu provas de que em «Schani» havia crescido um digno sucessor do famoso pai. Assim sendo, ninguém ficou surpreendido, quando, após a morte do pai, no ano de 1849, os músicos da orquestra lhe entregaram a batuta.

Strauss (filho) dirigiu a orquestra durante 13 anos e foi o favorito declarado dos vienenses. Depois desta época, só quis compor e conhecer o mundo, motivo pelo qual passou a direcção da orquestra aos seus irmãos Josef e Eduard.

OESTE E LESTE SOB O FEITIÇO DA MÚSICA DE STRAUSS

Se o pai havia fascinado o Oeste da Europa com a sua música, então cabia ao filho conquistar o Leste. Uma empresa ferroviária russa contratou-o, em 1854, para oferecer concertos de Maio a Setembro nos arredores de São Petersburgo durante 12 verões, recebendo um alto honorário assim como viagens e estadia gratuitas. Eles foram uma sensação e Strauss, que era reconhecido por todos na rua, devido à distribuição de inúmeros retratos, tornou-se extremamente popular. As polcas, mazurcas e as fantasias de óperas italianas entusiasmavam tanto o auditório, que, Strauss, depois dos concertos, tinha que fugir da multidão delirante, saindo pela porta de trás e com barba postiça.

Nas suas últimas representações na Rússia, o artista foi acompanhado por sua esposa Henriette, nascida Treffz. Foi ela também quem o levou a escrever operetas. «Indigo» (1871), «O Morcego» (1874), «Uma Noite em Veneza»(1883), «O Barão Cigano» (1885) e «Waldmeister» (1895) foram sensacionais êxitos públicos; contudo, é de se admirar que a valsa «Danúbio Azul», que actualmente é considerada o segundo hino nacional austríaco, não tenha sido bem acolhida no início. Somente depois de ser aclamada entusiasticamente na Exposição Mundial de Paris em 1867 foi reconhecida também pelo crítico público vienense.

Sua esposa necessitou de grande força persuasiva para que Johann Strauss empreendesse uma viagem à América do Norte. Já a viagem de trem, ao passar o «Semmering», converteu-se em calamidade para ele, que se sentou no chão do vagão para não ter que ver as montanhas. Ao chegar a Boston, saudou-o o próprio retrato em todas as esquinas: Strauss sentado como um rei sobre o globo, a batuta na mão como se fosse um cetro. Quatorze concertos figuraram no programa por ocasião da celebração do primeiro centenário da declaração da independência dos EE. UU. que culminou com a estreia coral da valsa «Danúbio Azul». Johann Strauss partiu da América do Norte como um verdadeiro «rei da valsa», celebrou outros triunfos na Itália e França onde foi nomeado cavalheiro da Legião de Honra. Em 1878 falece repentinamente sua esposa Henriette. Demasiado rápido e sem reflectir casou-se o infeliz Strauss com Angelica Dietrich para encontrar, anos mais tarde, uma abnegada esposa em Adele Deutsch (1883).

NOS ÚLTIMOS ANOS DEDICOU-SE À MÚSICA DE DANÇA

Johann Strauss não foi somente um compositor para um público menos exigente; também mestres da música «séria» como Johannes Brahms, Richard Wagner e Franz Lisz tiveram profunda admiração pelo seu génio. Contrariamente, Strauss interessou-se pela música «séria» e foi ele quem executou pela primeira vez em Viena fragmentos da ópera «Tristão» de Wagner no jardim «Volksgarten» da capital austríaca. Nos seus últimos anos, após haver escrito 16 operetas, dedicou-se novamente à alegre música de dança. Desta época datam as composições saturadas de melodia e rítmo deliciosamente excitante. «Milhões, sede abraçados» (dedicada a Johannes Brahms), a «Valsa do Imperador», «Contos do Oriente» e muitas outras. A instrumentação era a mesma que a de suas obras anteriores «Vida de artista», «Contos dos bosques de Viena» ou «Sangue vienense».

Na segunda-feira de Pentecostes de 1899, Johann Strauss dirigiu pela última vez a abertura da opereta «O Morcego», na Ópera Imperial de Viena; pouco depois, em 3 de Junho de 1899, a morte chamou-o quando se encontrava em plena actividade, fechando os olhos para sempre aos 74 anos de idade em Viena.

Contudo, as suas obras, quase 500 composições, são imortais e o monumento de Johann Strauss (filho) no Parque da Cidade de Viena imortaliza o «rei da valsa».

O CITAC percorre o País

Após a realização de várias sessões de teatro infantil, efectuadas no seu Teatro de Bolso na A. A. C., e que abrangeram cerca de 1.800 crianças das escolas primárias de Cimbra, o CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra) começou com as representaçõesdeduaspeças de teatro para adultos, resultado dum trabalho colectivo.

Suspenso durante quatro anos pelas autoridades fascistas, o CITAC depara com graves problemas de índole financeira, e técnica, já que estas peças foram montadas sem subsídios especiais e a maioria do seu material técnico desapareceu durante a suspensão do grupo. Não obstante todos os problemas, o CITAC tem ajudado e incentivado diversos grupos amadores, quer na montagem das suas peças, quer no apoio técnico (dentro das suas estreitas possibilidades).

Numa tentatva de dinamização e de descentralização cultural, o CITAC começou já a fazer representações em diversas aldeias e vilas, indo brevemente a Porto de Mós, Alcobaça, Outil, Marinha Grande, entre outras localidades.

Milhares de pessoas já viram "Catarina"

Do Grupo de Teatro «Seiva Trupe» do Porto recebemos o seguinte comunicado:

«A primeira companhia de teatro do Norte do País que se constituiu com objectivos de itinerância, a «Seiva Trupe» já se pode orgulhar de ter atingido num curto espaço de tempo mais de 50.000 pessoas que viram em diversas localidades a peça «Catarina na Luta do Povo».

Com efeito, a «Seiva Trupe» lançou-se decididamente no pioneirismo de levar um teatro actual às populações que normalmente, ou quase nunca tiveram contacto com ele.

Muito brevemente, serão anunciadas as próximas realizações deste agrupamento. Entretanto a autêntica dinamização cultural que a «Seiva Trupe» encetou, continuará a processar-se continuamente de terra em terra, inserindo-se desta forma no processo revolucionário que o país atravessa».

"Fuenteovejuna" em digressão

A Junta Distrital de Setúbal, no âmbito da Campanha de Dinamização Cultural que está a levar a cabo, vai apresentar às populações do sul do Distrito a peça «Fuenteovejuna» pelo Grupo de Teatro Experimental de Cascais.

O programa prevê actuações no cine-teatro de Alcácer do Sal amanhã às 21 horas, em colaboração com a Sociedade Musical de Matos Galamba, no dia 19, à mesma hora, na Sociedade 1.º de Janeiro Torranense, em Torrão do Alentejo e no dia seguinte, quinta-feira, às 21 horas, na Sociedade Musical Fraternidade Grandolense.

O espectáculo pelo Mundo

A MORTE DE SUSAN HAYWARD

A actriz de cinema Susan Hayward faleceu em Beverley Hills com a idade de 58 anos, vítima de um tumor cerebral. Susan entrou em mais de meia centena de filmes. O seu maior sucesso foi em «I Want To Live» no papel da condenada à morte. Este papel valeu-lhe o «Oscar» de 1958.

«Susan sabia que tinha um tumor no cérebro e que ia morrer» — afirmou o dr. Lee Siegel, médico da «estrela». Acrescentou que a actriz faleceu sossegadamente, sem dores.

Susan Hayward, cujo nome verdadeiro era Edythe Marriner, tornou-se uma das «estrelas» mais famosas da tela nos anos 40 e 50, após trabalhar como modelo de fotógrafos.

B.B. E AS «MEMÓRIAS»

De vez em quando, Brigitte Bardot aparece agora em programas de televisão francesa, não tendo para já qualquer projecto de interpretação cinematográfica.

«Creio que contribui para lançar um certo erotismo no cinema aí há uma quinzena de anos» — declarou a actriz. «Todavia, era um erotismo são — acrescentou — que nada tem a ver com a actual onda de pornografia no cinema». «Espero sem impaciência um argumento que me convença. A história de uma mulher normal que se encontre numa determinada situação dramática».

Entretanto, B.B. dispõe-se a escrever as sus memórias. «Escreve-las-ei sozinha — disse — melhor ou pior, sem a intenção de criticar ninguém, apenas para deixar uma imagem minha que corresponda à verdade».

OS 200 ANOS DO BOLSHOI

A União Soviética planeia a restauração do Teatro Bolshoi para as comemorações do 200.º aniversário da ópera e do «ballet» Bolshoi que decorrerá no próximo ano — anuncia o jornal «Pravda».

Entretanto, as companhias de teatro e de bailado do Bolshoi, vão iniciar uma digressão pelos Estados Unidos, em Abril, que se prolongará durante o Verão.

TEATRO EM LUZ NEGRA
HOJE ÀS 21.15 H. ESTREIA SENSAÇÃO

«...COM TUDO QUANTO EXIBE DE ONÍRICO E DE FANTÁSTICO, DE SÉRIO E DE CÓMICO, MISTO DE REALIDADE E DE SONHO, ALGO QUE, UMA VEZ VISTO, NÃO SE ESQUECE MAIS.»
Hugo Rocha de «O Comércio do Porto»

TEATRO CAPITÓLIO
TELEF. 32 74 93
Para M/10 anos
Exclusivo em Portugal da Agência Internacional Artística

SINDICATO DOS PROFESSORES

ZONA DA GRANDE LISBOA

PLENÁRIO

REAJUSTAMENTO DE LETRA

A C. D. P. convoca todos os professores sindicalizados para um Plenário a realizar na segunda-feira, dia 17 de Março, às 21,00 horas, no pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, Praça das Indústrias em Lisboa.

NOTA: Lembra-se a necessidade de trazerem identificação, estando os serviços aptos a passar cartões de sindicalizados.

ASSINA: A Comissão Directiva

Lisboa, 13 de Março de 1975

Partidos políticos apoiam a nacionalização da Banca

. A nacionalização da Banca, por decisão do Conselho da Revolução, abrange treze das principais instituições de crédito com sede em Portugal e ilhas adjacentes. Esta medida vem bulir com os interesses dos grandes grupos financeiros que dominavam a economia nacional. A Banca, os seguros, empresas hidroeléctricas, e de produção de matérias primas, a indústria ligeira, os transportes, além de outros sectores, estavam sob o controlo dos grupos Cuf, Espírito Santo Champalimaud, Português do Atlântico, Bip, Borges e Irmão, Pinto de Magalhães, Banco da Agricultura, Sociedade Central de Cervejas, Conde de Caria, Sonap, Entreposto, Fonseca e Burnay e ITT.

A propósito da nacionalização da Banca, o brigadeiro Vasco Gonçalves pronunciou-se numa entrevista à Emissora Nacional e à RTP. Referindo-se ao significado desta decisão do Governo o Primeiro Ministro afirmou que «o dinheiro do povo, depositado nos Bancos, vai deixar de servir para especulação fraudalentas de uma minoria de privilegiados e passar a servir as verdadeiras necessidade do povo, no desenvolvimento da agricultura, da indústria, do comércio, interno e externo».

O brigadeiro Vasco Gonçalves salientou ainda a vaga de boatos reaccionários postos a correr no sentido de convencer as pessoas de que as suas pequenas economias estariam em perigo com esta medida governamental.

Por todo o País há manifestações de regozijo pela nacionalização da Banca. No Porto milhares de pessoas concentraram-se na Praça Humberto Delgado, correspondendo ao apelo do P. C. P., M. E. S. L. C. I. P. S. M. D. P. e União dos Sindicatos do Porto. Em Coimbra e Viseu, onde também se realizaram manifestações, foram apupados elementos do P. P. D. que tentaram integrar-se na movimentação. Em Lisboa, o M.D.P./C.D.E. convocou uma concentração junto ao Palácio de Belém, a que nos referimos desenvolvidamente noutro local.

Os partidos políticos tomaram posição perante a nacionalização da Banca. O P. C. P. no comunicado distribuido à Imprensa afirma a sua total adesão a essa medida «que se estava tornando indispensável para a consolidação e desenvolvimento do processo democrático» e propõe a todas as forças democráticas «que provem o regozijo popular e reforcem a aliança Povo M. F. A.» Por sua vez o P. S. divulgou um texto em que salienta a necessidade de escolha do que se pretende «o avanço para um socialismo que assenta no poder democrático dos trabalhadores e na construção deuma sociedade pluralista, com disciplina e liberdade, ou a adopção de uma estratégia anarco-populista que só pode ter como desfecho um capitalismo de Estado monolítico ou, mais provávelmente, o retorno à vitória das forças reaccionárias». O M. D. P. acentua que a Banca nacionalizada será importante instrumento popular que urge saber utilizar e propõe em lugar «da deformada concepção de tecnocratas colocados nos postos-chave de orientação gestores recrutados no seio dos trabalhadores bancários». Pelo seu lado a F. S. P. destaca que «a medida agora tomada só terá um conteúdoverdadeiramenteprogressista, se for integrada numa política global de controlo e gestão da economia pela classe trabalhadora». Do comunicado do M.E.S. transcrevemos a seguinte passagem: «a banca nacionalizada somente poderá ser posta ao serviço das classes trabalhadoras e não ao reforço da exploração capitalista assente numa burocracia de Estado, se as instituições bancárias forem efectivamente controladas pelos trabalhadores».

A U. D P. considera o princípio da nacionalização da Banca e a prisão de grandes capitalistas medidas fundamentais para o enfraquecimento do capitalismo monopolista e do imperialismo estrangeiro. O sector bancário do P.P.D. também manifestou a sua adesão à nacionalização dos Banca privada.

Além dos partidos referidos, outras entidades deram o seu apoio ao decreto-lei do Conselho de Revolução. Entre outros, destacamos o conselho directivo da Faculdade de Medicina de Lisboa, Movimento Democrático das Mulheres, trabalhadores da Lisnave, sindicatos dos Operários das Indústrias de Madeira e OfíciosCorrelativos do distrito de Lisboa, Profissionais da Industria Hoteleira, trabalhadores da Indústria Vidreira da zona Sul, trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul e ainda os trabalhadores da Imprimarte e de Seca — Construções Metálicas.

Por sua vez, o P. P. M. apoia a nacionalização da Banca, no que é coerente com o seu programa que abertamente preconiza a subordinação do poder económico ao político. No circunstancialismo actual esta solução impõe-se. Mas a medida é insuficiente e pouco diz acerca da correcção de vícios dos monopólios e das cúpulas. Para nós, monárquicos, é indispensável interessar todo o povo livremente, na definição da orientação bancária. Devem pôr-se os bancos ao serviço imparcialdostrabalhadores,das empresas, sobretudo das pequenas e das médias, e das comunas rurais, sem dúvida as que mais injustamente têm sido esquecidas. O P.P.M. considera imperioso reestruturar a Banca ao serviço da dinamização da economia e do desenvolvimento regional, corrigindo-se as macrocefalias do espartilho napoleónico-fascista. Subordine-se a política bancária às linhas gerais da política económica, mas sem sufocar a liberdade. assim como verberámos a posse da Banca por meia dúzia de famílias, somos contra o seu domínio monolítico por uma superestrutura sindical, centralizada e ditatorial.

Para o Partido Popular Monárquico nacionalizar não basta — há que comunalizar a Banca».

Folha oficial

Foi dada por finda a requisição do dr. Lopo de Carvalho Cancela de Abreu, antigo ministro da Saúde, para prestar serviço na Presidência do Conselho. Regressa ao Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

///

Para a Cruz Vermelha Portugesa, como presidente do conselho fiscal, entrou o brigadeiro Joaquim Rodrigues de Carvalho, que substitui o general da reserva Luís Mário do Nascimento.

///

O subsecretário de Estado do Turismo, dr. Asdrúbal Calixto, nomeou um guarda nocturno, Miguel Joaquim Milhinhos, para prestar serviço no seu gabinete.

///

Por despacho dos ministros da Administração Interna e do Equipamento Social e do Ambiente foram constituídas subcomissões de apreciação da prática urbanística para as sindicâncias às Câmaras Municipais de Setúbal e Almada. A primeira é formada pelo sr. José Gomes Luís (presidente), eng. Artur Mendes de Magalhães e arquitecto Salustiano Augusto Lopes dos Santos; a segunda pelo dr. José Artur Saraiva e Aguilar (presidente), eng.º João Manuel Palmeirim Ramos e arquitecto Alfredo Silva e Castro.

///

Em substituição de D. Maria Luísa da Costa Dias, agora candidata do P.C.P. à Constituinte, entrou para a comissão administrativa da Junta de Freguesia do Campo Grande (Lisboa), como vogal, o técnico de contas António Miguel Ferro dos Santos.

///

A Câmara Municipal de Coimbra foi autorizada a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo, no montante de 46 mil contos, destinado aos Serviços Municipalizados para obras de abastecimento de água e esgotos. Para o abastecimento de água do concelho de Sesimbra a respectiva Câmara Municipal foi, por seu turno, autorizada a contrair, também na Caixa, um empréstimo de 10 mil contos.

///

A partir de 15 de Abril podem ser apresentadas, na sede da Junta do Crédito Público, em Lisboa, na sua delegação do Porto ou nas Direcções e Repartições de Finanaças dos restantes distritos e concelhos, as requisições para entrega da 2.ª folha de cupões do empréstimo do V Centenário do Infante D. Henrique (1960).

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

Portugal e o Acto de Estocolmo

Segundo anuncia o Ministério dos Negócios Estrangeiros, a Missão Permanente de Portugal junto das Nações Unidas, em Genebra, depositou junto do director-geral da Organização Mundial da Propriedade Industrial o instrumento de ratificação, por parte do nosso País, do Acto de Estocolmo, de 14 de Julho de 1967, da Convenção de Paris para a Protecção da Propriedade Industrial, aprovado pelo Decreto n.º 22/75, de 22 de Janeiro.

O Acto de Estocolmo, de que são partes mais de 50 países, entrará em vigor, em relação a Portugal, em 30 de Abril próximo.

BEJA - FARO - LEIRIA - COIMBRA PORTALEGRE - SANTARÉM

Torne-se independente criando o seu próprio negócio

NÓS AJUDAMOS NA:
1. Montagem das Instalações
2. Comparticipação nas Despesas Gerais
3. Assistência Técnica e Comercial

OFERECEMOS:
1. Exclusividade de Venda na Zona Escolhida
2. Artigo de Absoluta Novidade e Exclusivos no Mercado Nacional

VOCÊ SOMENTE PRECISA:
Dispor de pequena quantia para Mostruário

CONTACTE-NOS:
APARTADO 4032
LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

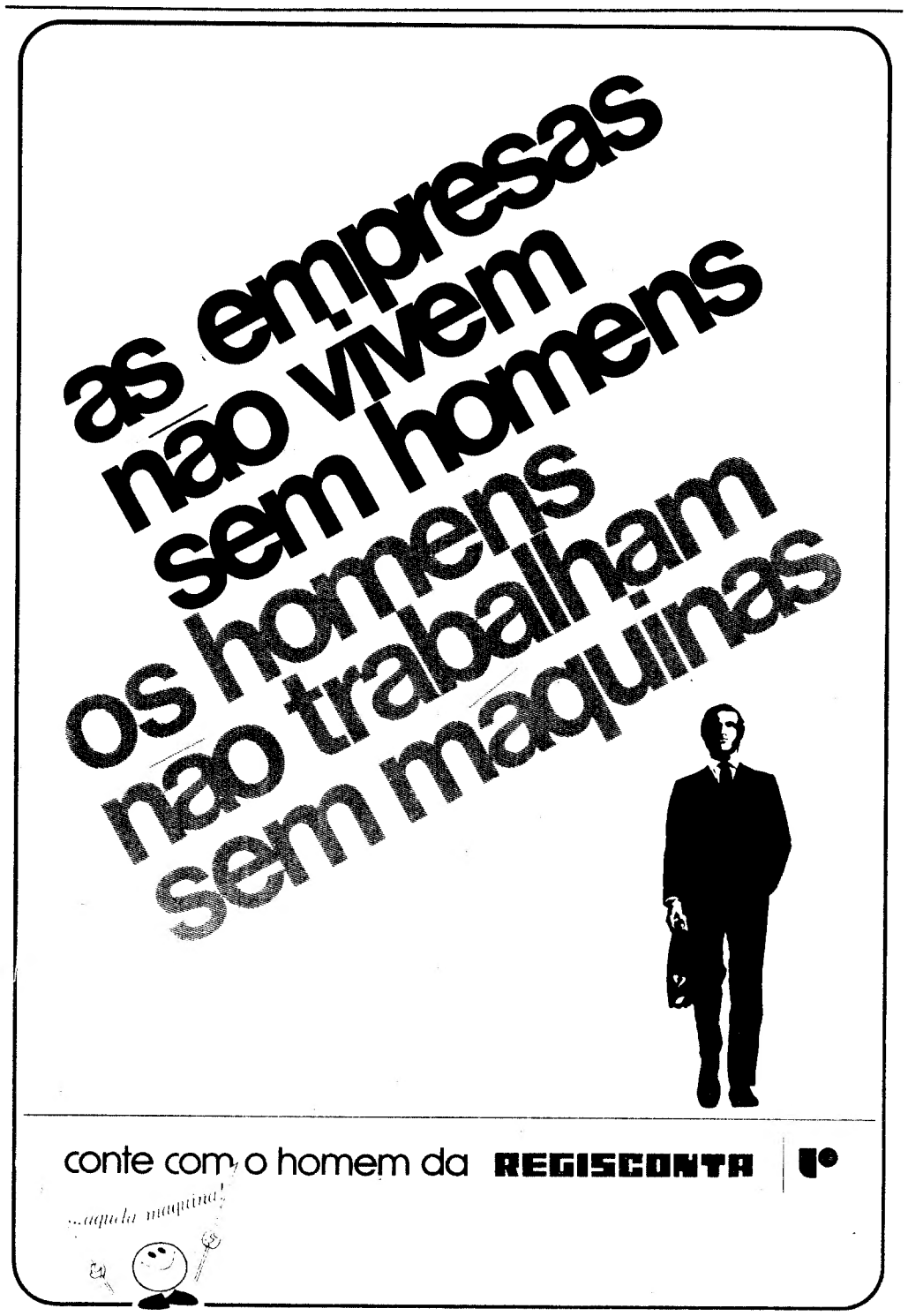
NAVIO	SAÍDA	PORTO DE DESTINO
ALCOBAÇA	26/3	Lobito

guênia boutique

uma escolha diferente
Av. António Augusto Aguiar 167-LISBOA

1 SEMANA em LONDRES

FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS
Fevereiro 2, 9, 16 e 23
Março 2, 9, 16, 23 e 30
Abril 6, 13, 20 e 27
Preços excepcionais desde * 3.450$
* a vantagem dos voos especiais
Milhares de pessoas dizem com satisfação: "fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu!"
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telefs. 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS



Nacional

HISTÓRIA DE UM "PIDE" QUE "CAÇAVA PIDES"

JOSÉ MOUTINHO RESPONDE A MODESTO NAVARRO

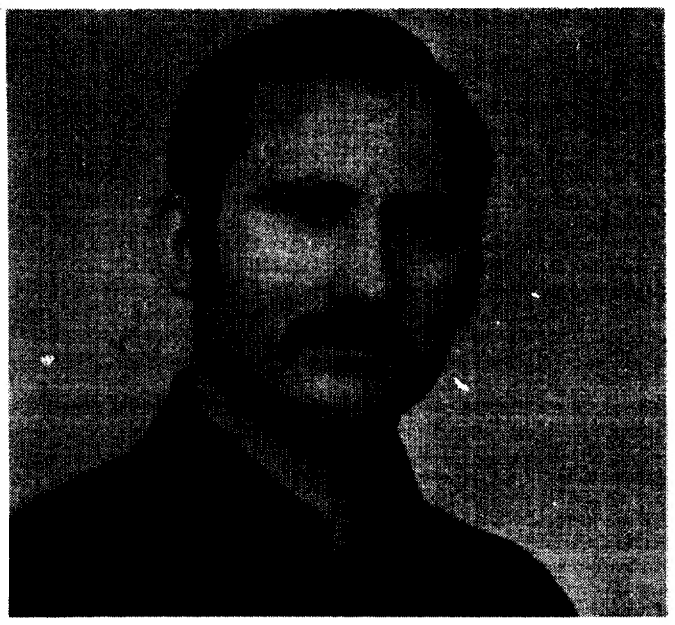
. Ao abrigo da Lei de Imprensa, solicita-nos o sr. José Joaquim Quitério Moutinho, mais conhecido apenas por José Moutinho, a publicação da seguinte carta:

. «Em 2 de Setembro de 1974, no número de 18552, do jornal «Diário de Lisboa» de que V. Ex.ª é mui digno director, foi publicado sob o título história de um «Pide» que «caçava Pides», da autoria dum tal Modesto Navarro no qual fui gravemente injuriado e difamado quer como homem quer quanto às minhas ideias políticas.

Logo que tive conhecimento de tal notícia, dirigi-me ao sr. capitão Geada do M. F. A. afim de esclarecer a verdade, porém, ali fui informado que por virtude de tal artigo e dadas as acusações nele feitas havia já sido passado um mandado de captura e logo fiquei detido e conduzido por uma força militar de 12 homens, fortemente armados, para o Forte de Caxias, onde estive preso desde o dia 5 de Setembro até ao dia 10 de Outubro.

Durante a minha estadia na prisão foi feita uma rigorosa devassa à minha vida, quer em Angola quer na metrópole, mercê da qual fui restituido à liberdade, por se ter apurado a falsidade das acusações feitas pelo sr. Navarro.

Logo que fui solto solicitei ao «Diário de Lisboa» um formal desmentido a tal notícia, mas esse jornal da direcção de V. Ex.ª limitou-se a referir, em síntese, no dia 12 de Outubro, acerca de tão afrontoso escrito que «nada se apurou por ora contra José Moutinho — assevera o mandado de soltura ontem mesmo emitido e assinado pelo presidente da Comissão de Extinção da Pide/



D. G. S. e L. P.» o que era muito pouco para lavar a calúnia de que fui alvo, pelo que, nos termos da Lei de Imprensa, peço que seja publicada esta resposta, de resto já solicitada várias vezes, sem que ela viesse ao lume sob a alegação que ela continha matéria estranha ao assunto.

Posto isto, direi para esclarecer as muitas pessoas que me conhecem, mas que ignoram em grande parte o que sofri em defesa da liberdade:

. 1.º — Ignoro por completo a existência da tal cooperativa «Devir» ou «Dervir» consequentemente, é falsa toda a história contada referente a ela.

2.º — É falso ter pertencido à Pide ou ter qualquer cartão de tal sinistra Polícia, contra a qual e contra o Governo que a mantinha tanto lutei: o que tantas prisões me ocasionou, como passo a demonstrar:

. Deixei a Metrópole em 1961, fixando-me em Luanda em busca do pão de cada dia e logo em 1964 fui detido na Vila de Sansa Pombo sob a acusação de andar a espiar o aquartelamento ali existente, onde fui interrogado pelo sr. tenente coronel Figueiredo Valente, hoje a prestar serviço no Comiberlant, que me remeteu para Carmona, onde fui entregue ao chefe Moutinho da Pide, que me mandou transferir, algemado para o Pavilhão Prisional de S. Paulo, em Luanda, onde estive nove meses preso.

Em 1966, voltei a ser preso no Piri, Quibaxe, pelo sr. alferes Dias, tendo o comandante do sector, sr. coronel Possidónio da Silva, hoje brigadeiro na reserva — mandado que fosse enviado à Pide de Luanda, onde recolhi à prisão da referida Polícia, tendo sido solto algum tempo depois para ser preso mais tarde, na cidade de Benguela pelo sr. capitão Pedro Pereira — até há pouco comandante da 3.ª Divisão da P. S. P. de Lisboa — tendo conseguido evadir-me da cadeia, porém, alguns meses depois fui preso em Luanda pelo famigerado inspector da Pide Jaime de Oliveira, tendo então sofrido muitas e fortes agressões infligidas pelo inspector Reis Teixeira, chefes Parra e José Henriques da Pide.

Em 1971, já em Lisboa, voltei a ser preso pela Pide, no restaurante «Solmar», acusado de preparar um atentado contra Silva Pais, director da Pide, facto que confessei posteriormente aos jornais «República» e «Diário de Lisboa» em entrevistas que vieram publicadas respectivamente em 3-5-74 e 3-7-74.

Em 1973, por pertencer à Comissão Eleitoral da C.D.E. de Vila Nova de Gaia e ter realizado reuniões clandestinas, voltei a ser preso no Porto conjuntamente com o camarada Peixoto.

Nesse mesmo ano, no dia 5 de Outubro, no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, na romagem aos democratas falecidos, logo após ter falado, estando junto de mim Horário Guimarães, António Mota, Pina Moura, Virgínia Moura, Fernando Peixoto e César Principe, a Pide tentou novamente prender-me e não fora a corajosa atitude do jornalista César Príncipe, que levando-me diante dele me empurrou para o seu automóvel, logo arrancou velozmente, mais uma vez iria tomar contacto com as masmorras de tão execranda Pide.

3.º — Foram todas estas prisões sofridas que me fizeram conhecer e fixar tantos agentes da sinistra Pide, devendo esclarecer que a quando do 25 de Abril, havia mais dois mandados de captura emitidos pela Pide, encontrando-se um em Luanda e outro em Vila Flor, pois a Pide não sabia do meu paradeiro.

4.º — Pelo exposto fácil é de concluir que sendo sobejamente conhecido como antifascista, não seria possível que perante outro antifascista, se fizesse passar por agente da Pide, para lhe extorquir dinheiro, como vem acusado pelo auto-escritor Modesto Navarro.

5.º — Falso também o seu apoio à alta burguesia de Vila Flor e é curioso perguntar a Modesto Navarro se ele tinha algum aparelho de escuta para ouvir a pretensa conversa com o ex-presidente da Câmara de Vila Flor?

. 6.º — Nada há verdadeiro no caso referido como sendo passado entre o padre Fais bem como quanto ao telefonema diz ter-lhe sido feito por mim, pois de há muito que não mantenho relações com tal plumitivo.

7.º — Só para encher papel, Modesto Navarro conta o caso da Rua Capelo, que a ser verdade, nada significa quanto à honorabilidade política.

Não pode o autor do torpe artigo a que se responde, com o qual nunca tive contactos pessoais, ignorar — pois é meu conterrâneo — ignorar que tenho o 7.º ano do seminário e bem assim que meus pais são remediados lavradores, nunca exercendo as profissões que ele lhes atribui.

Certo que o signatário foi convidado a falar, pelos senhores dr. Coelho dos Santos, José Domingos e Carlos Lage, do Partido Socialista que teve lugar em Vila Flor e no qual acorreu muita gente, mais de 2 000 pessoas, tendo eu exortado os meus conterrâneos a seguirem o Partido Socialista e ajudarem a democratização do País de acordo com o Programa do M. F. A. e, porque dias antes o Partido Comunista efectuara um outro comício, que teve fraca concorrência e no qual foi um dos oradores Modesto Navarro que se intitulava dirigente da C.D.E. sentiu-se deprimido pela diferença grande de assistentes e deste facto aliado às fotografias que ele ja tinha visto em vários jornais em que estava em cima dum jeep da Polícia Militar, no Rossio, falando às massas populares e bem assim a ser abraçado por vários oficiais do M. F. A. entre eles o sr. major Gonçalves da Costa, como se pode ver na «Capital» de 28 de Abril e ainda por ter sido entrevistado pela Televisão e pelo Rádio Clube Português, tudo isto fê-lo sentir politicamente inferior a mim e despejou a sua bilis contra mim no referido artigo que por certo o «Diário de Lisboa» aceitou como verdadeiro.»

UMA RECTIFICAÇÃO

TAMBÉM NACIONALIZADO O BANCO DO ALENTEJO

. Lamentável lapso na recolha de informações levou-nos a transmitir aos leitores, no sábado passado, uma notícia falsa: a de que o Banco do Alentejo não fôra nacionalizado, por ser uma filial do Lloyds Bank, de Londres. Na realidade, o Banco do Alentejo segue o regime geral de nacionalização previsto no decreto-lei do Conselho Supeiorr da Revolução, uma vez que são nacionais portugueses os titulares da maioria das suas acções.

A publicação da falsa informação, no corpo do artigo «Reabriram os Bancos» («DL» de 15 de Março, 1.ª e última páginas) suscitou certa inquietação entre os trabalhadores do Banco do Alentejo, que de todo o País telefonaram para a comissão de delegados da sede para conhecerem qual a verdadeira situação da instituição em que prestam serviço.

O grupo Quina (Banco Borges e Irmão) detinha mais de 50 por cento das acções do Banco do Alentejo. As restantes pertencem a accionistas dispersos. Desmente-se assim que o poderoso Lloyds possua qualquer posição dominante que implique o funcionamento da ressalva legal à nacionalização.

O Lloyds Bank detém posição dominante, como principal accionista, no Bank of London and South America, conhecido por «Bando Inglês», que não foi nacionalizado, como correctamente referiamos na notícia de sábado. Outras das instituições bancárias não-nacionalizadas é o Crédit Franco-Portugais, que pertence maioritariamente ao Crédit Lyonnais, dominado pelo Estado francês.

Pela perturbação que involuntariamente provocámos através da notícia relativa ao Banco do Alentejo apresentamos as nossas desculpas aos leitores, e em especial aos trabalhadores daquela casa, cujos delegados prontamente nos procuraram para que imprimíssemos a devida rectificação.

Tomás Rosa nos E.U.A.

Partiu para os E.U.A., a convite do Departamento de Estado norte-americano, o capitão Tomás Rosa, delegado do Governo junto da Raret — Sociedade Anónima de Rádio-Retransmissão, S.A.R.L. e membro que foi da extinta Comissão «Ad Hoc» para a Imprensa, Rádio, T.V., Teatro e Cinema.

Este oficial permanecerá duas semanas em território americano, visitando algumas cidades e tomando contacto com os sectores do trabalho e do emprego (é assessor do ministro do Trabalho), e bem assim com os meios de Comunicação Social.

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

A LISTA DOS IMPLICADOS NO GOLPE DO DIA 11

Foi oficialmente distribuida a lista dos 101 indivíduos presos por implicação no golpe frustrado de 11 do corrente. Eis as suas identidades:

. Domingos Samorano Pina, agente de viagens; Tomás de Aquino Rodrigues Ciriaco, agente de viagens; Manuel Gomes do Couto, director bancário; António Luis Roquette Ricciardi, 1.º tenente na reserva; José Alfredo Parreira Holpreman Roquette, economista; José Manuel Pinheiro Espírito Santo Silva, economista; Carlos António Espírito Santo Silva de Mello, administrador de empresa; Jorge Manuel Pinheiro Espírito Santo Silva, empregado bancário; Manuel Ricardo Pinheiro Espírito Santo Silva, director de companhia; José Maria Borges Coutinho Espírito Santo Silva, proprietário; José de Jesus Madeira, motorista; Quirino dos Santos Mealha, advogado, Manuel Taínha Marecos Duarte, engº agrónomo; Joseph Tenreiro Theriaga, funcionário bancário; Orlando Mário Milhazes, bancário; Luis Frederico Arouca Marques dos Santos, economista; Luis Filipe Cardoso Passanha Guedes, regente agrícola; Luis de Afonso Passanha Guedes, agricultor; Nuno Maria da Câmara de Zea Bermudes, regente agrícola; Bernardo Manuel Pinheiro Espírito Santo Silva, agricultor; Gerald Jean Alberto Salles Lane, advogado; João Diogo Alarcão de Carvalho Branco, empregado de escritório; Gonçalo Bettencourt Correia e Ávila, empregado de escritório; José Carlos Vilardes Sommer Champalimaud, gerente comercial; José Maria da Costa Vilar Gomes, agente comercial; António Maria Rodrigues Simões de Almeida, estudante-trabalhador; António Infante Ribeiro da Cunha, comerciante; Arlindo Rodrigues da Silva, agente comercial; Edmundo Martins Sena Pinheiro, agente comercial ou comissionista; Álvaro Luís Santos Vilar Moreira, prof. Ens. Técn. Profissional; Jorge Augusto Caetano da Silva José de Mello, economista; Joaquim Simões Ferreira, major; João Carlos da Silva Arantes e Oliveira, major; Rui Tavares Monteiro, general; Paulo Manuel Belmarço da Costa Santos, cap. mar-e-guerra; António Martins Rodrigues, major; Rafael Ferreira Durão, coronel; Manuel Pereira Espadinha Milreu, coronel; Joaquim Ivóneo Rodrigues de Vasconcelos, major; César António Duarte Neto Portugal, major; Augusto Paulo Modra dos Santos, coronel; Henrique de Morais da Silva Caldas, capitão; Armando Almeida Martins, cap. pára-quedista; Sebastião José Ribeiro Martins, cap. pára-quedista; Afonso Eduardo de Melo Lopes Mateus, cap. pára-quedista, Henrique Fernando Manuel Montereu de Cardoso, cap. pára-quedista; Valério da Silva, cap. pára-quedista; António Joaquim Ramos, cap. pára-quedista; José Maria da Silva Gonçalves, cap. pára-quedista; Rui Manuel Martins Reis, cap. pára-quedista; António da Silva Osório Soares Carreiro, tenente-coronel; Levi da Silva Correia, tenente-coronel; Sérgio Durval Aniceto de Almeida, alferes-mil. pil.; José de Almeida Coelho, capitão; Durval Serrano de Almeida, coronel; Antero Manuel Rebelo, tenente; Luis Vieira Xavier de Brito, estudante; Luis Duarte Quaresma d'Oliveira e Santos, tenente; Mário Rui Correia Gomes, aluno da Academia Militar; António Arnaldo Rocha Brito Lopes Mateus, aspirante; Teotónio José de Carvalho Ribeiro Pereira, major; Joaquim Manuel Trigo Mira Mensurado, maj. pára-quedista; José Mártiniano Moreno Gonçalves, ten.-coronel; Joaquim António Nobre Jacinto, tenente; Carlos Manuel Leite Moreira, 2.º sarg. mil. pil.; Manuel Bação da Costa Lemos, cap. pára-quedista; Américo José Guimarães Fernandes Henriques, capitão; José Augusto Martins, capitão; Armando Carlos Alves, tenente; Jorge Manuel Costa de Oliveira, alf. mil. pil.; Francisco António Sebastião Ribeiro de Spínola, méd. veterinário; Fernando Flores Ribeiro de Spínola, eng. civil; Bernardino José da Costa Gonçalves Moreira, médico; João Luis Teixeira Rego Pinto de Sousa, eng.º químico; José Garcia Nunes Mexia, agricultor; Joaquim Manuel M. Grave, eng.º silvicultor; Alfredo Manuel Frasquilho de Paulo Soares, emp. de escritório; Guilherme Correia Gião, agricultor; Eurico José da Costa Vilar Gomes, vendedor de automóveis; Francisco Rosa Lourenço, fogueiro; Carlos José Machado Alves Morgado, coronel; António José Maria Gonçalves, pedreiro; Ricardo Fernando Pereira Durão, coronel; Heitor dos Santos Patrício, cap. frag.; Manuel Maria Castro Centeno, 2.º tenente; José Pedro Corte Real, 2.º tenente; Pedro Henrique Ribas Meneses, Luis Arouca, José Gouveia Barros, ten. mil. G.N.R.; Fernando Xavier de Brito, ten.-cor. cav.; João Almeida Bruno, ten.-cor. cav.; António Ferreira Damião, general; Luis Casanova Ferreira, maj. de Infantaria; Luis Fonseca Passanha Guedes, João António Rosa Garoupa, maj. de cavalaria; José Miguel Vasconcelos, maj. de cavalaria; Rui dos Santos Ferreira Fernandes, maj. de cavalaria; José Carvalho Ribeiro, maj. de infantaria; Carlos Loureiro Palmela, ten.-cor. Nuno Bívar, maj. de cavalaria; Manuel Monge, maj. de cavalaria.

CONFIANÇA NOS CAPITÃES MORAIS DA SILVA E RIBEIRO DA SILVA

A fim de rectificar a declaração do major Dinis de Almeida à «Capital» do dia 12, que envolvia os nomes dos capitães Morais da Silva e Ribeiro da Silva na intentona da véspera, o Copcon distribuiu o seguinte esclarecimento:

. «Foram elementos activos na Revolução de 25 de Abril, estiveram sempre ligados ao M.F.A. e merecem, até prova em contrário, total confiança.

A sua deslocação ao Batalhão de Comandos, no dia 11 de Março, não significa comprometimento com a tentativa de golpe reaccionário, colocando-os antes numa posição adversa, até porque a mesma deslocação se verificou depois de iniciado o bombardeamento do R.A.L. 1, com a finalidade de saber o que realmente se passava.

As averiguações já feitas sobre os acontecimentos de 11 de Março permitem concluir que aqueles oficiais não estavam comprometidos com o processo contrarevolucionário.

O Copcon, embora admitindo que as afirmações do major Dinis de Almeida possam ter sido feitas ainda sob a tensão provocada pela cobarde acção desencadeada sobre o R.A.L. 1, não pode deixar de repudiar acusações de um oficial contra camaradas, em relação aos quais se dispõe de dados que levam a considerá-los insuspeitos.»

Nacional

Livros

A ESPANHA DE CARRILLO

Dois livros de Santiago Carrillo, secretário-geral do Partido Comunista Espanhol: «Amanhã a Espanha», lançado por Publicações Europa-América, e «A Espanha após o Franquismo», com a chancela da Futura.

Em «A Espanha após o Franquismo» reunem-se vários textos de análise política. Carrillo defende a possibilidade da mudança do regime em Espanha sem o recurso à guerra civil. Para tanto contribuiria o facto de a ditadura franquista se encontrar no ocaso.

Tomando como exemplo a revolução portuguesa de 25 de Abril, o secretário-geral do Partido Comunista Espanhol diz que a convergência de correntes verificada entre nós (movimento operário e popular, por um lado; movimento militar, por outro; e, finalmente, a atitude do sector mais dinâmico e liberal do capitalismo) é o único caminho para se sair de uma ditadura para a liberdade. Enquanto em Portugal o detonador foi o movimento militar, em Espanha, segundo Carrillo, «pode ser o movimento operário e popular junto com a articulação de uma concreta alternativa de forças e programa político na base do pacto para a liberdade».

«Amanhã a Espanha», misto de memórias, ensaio político e análise da história do movimento operário e popular no País vizinho no decurso dos últimos decénios, resultou de uma longa entrevista (o volume tem 220 páginas) feita por Régis Debray e Max Gallo ao secretário-geral do Partido Comunista Espanhol. Três capítulos: «A história»; «Sobre alguns problemas de socialismo» e «A Espanha, hoje e amanhã».

À pergunta «1944-1974: há trinta anos que se anuncia a morte do franquismo. Será realmente para amanhã?», responde Carrillo:

. «Muitos homens da minha geração ainda duvidam. Viveram trinta anos de interminável pesadelo. Prisões, torturas, execuções, clandestinidade. E, no entanto, continuo a pensar que não é mero subjectivismo responder: sim. No próprio seio da sociedade espanhola amadureceram as condições para uma transformação democrático.

Daqui por diante, a ruptura poderá surgir em qualquer momento.»

«O NÓ GÓRDIO» DE GEORGES POMPIDOU

Reflexões sobre os acontecimentos de Maio-68, o diálogo, o Governo dos franceses e o futuro das instituições, a Universidade, o crepúsculo do marxismo, a política económica e social e a sociedade moderna constituem o livro de Georges Pompidou «O Nó Górdio», editado pela Arcádia.

«Chegámos a um extremo em que será necessário, não duvidemos, acabar com as especulações e criar uma nova ordem social. Alguém cortará o nó górdio. O problema consiste em saber como: impondo uma disciplina democrática, garante das liberdades, ou esperando um homem forte que saque da espada como Alexandre?», pergunta-se Georges Pompidou.

O Presidente da República Francesa tinha a opinião de que «o fascismo não é assim tão improvável, e está mais perto de nós do que o totalitarismo comunista».

T. da L.

Santiago Carrillo

Georges Pompidou

A DIABRIL LANÇA OS PRIMEIROS LIVROS

A nova editora Diabril realiza uma sessão de lançamento dos seus primeiros livros na quarta-feira, na Livraria Opinião a partir das 16 e 30. Estarão presentes, para autografarem os seus livros, Fernando Luso Soares, César de Oliveira, Vasco, Artur Maurício, Orlando Neves, Sarafim Ferreira e outros, contando-se ainda com a presença de alguns dos nomes mais destacados do meio literário, jornalístico e político.

Deste primeiro lançamento editorial fazem parte os seguintes livros: «Introdução à Política», de Fernando Luso Soares; «M.F.A. e Revolução Socialista», de César Oliveira; «258 Perguntas a Um Português Eleitor», de António Quelhas, Artur Maurício, F. Luso Soares, Orlando Neves e Serafim Ferreira, e «Desenhos Políticos», de Vasco.

Câmaras do Porto exigem anulação de um despacho

PORTO — O Secretariado da Administração Local do Distrito do Porto deliberou enviar ao Ministério da Administração Interna o seguinte telegrama: «Representantes dos trabalhadores das Câmaras do Porto, Gaia, Penafiel, Maia, Santo Tirso, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim e Gondomar exigem a anulação imediata do despacho de 27 de Fevereiro último por não ser de admitir imposição às normas organizativas dos trabalhadores em matéria que só a estes pertence, e contrariar o espírito do M.F.A.».

"Alfaiataria Brutus" preso no aeroporto o ex-administrador

. Do ex-administrador da Alfaiataria Brutus, Nuno Castelo Branco Ermida Parreira, recebemos, com o pedido de publicação ao abrigo da Lei de Imprensa, o seguinte esclarecimento, a propósito da notícia publicada no «Diário de Lisboa», no passado dia 13, intitulada: «Alfaiataria Brutus — preso no aeroporto o ex-administrador»:

. «1.º) — Contrariamente ao que se afirma, Nuno Parreira, não foi «preso» no aeroporto, mas simplesmente impedido de embarcar para o Brasil em virtude de estar pendente um processo de inquérito, referente à Alfaiataria Brutus, aliás solicitado pelo signatário e pelos seus sócios, em requerimento dirigido ao sr. ministro do Trabalho em 6 do corrente e tanto assim que:

. «2.º) — Quando foi comunicado ao signatário que não podia embarcar, foi-lhe dito que podia regressar a casa, onde chegou cerca da 1 e 30 da manhã, sendo, consequentemente, falsa a aleivosa notícia da «sua prisão».

«3.º) — Se o signatário pretendesse fugir para o Brasil, certamente não ia participar ao encarregado do inquérito sr. João Cristóvão Pereira, como sucedeu em conversa havida na manhã do passado dia 12;

. «4.º) — Se o signatário pensasse em fugir para o Brasil, não tinha comprado bilhete de ida e volta e não levava, apenas 17 900$00, deixando em Lisboa a sua mulher e dois filhos.

5.º) — O signatário, apenas ia ao Brasil, a fim de estudar as possibilidades de aí refazer a sua vida, em virtude dos trágicos acontecimentos que tanto afectaram a sua economia.

6.º) — Em Lisboa, ficava o seu irmão e sócio José Maria e o seu sócio Manuel Rodrigues.

7.º) — Os trabalhadores aproveitaram esta circunstância, para enquadrarem mais uma difamadora cabala».

Nacional

Continuação da pág. 3

lários e números de trabalhadores inferiores à realidade) os acidentados passam a auferir de prémios mais correctos e mais

NACIONALIZAÇÃO

compensadores do risco.

É evidente que essa possibilidade resulta, entre outros factores, da moralização das direcções e das administrações. Os interesses parasitários que as rodeavam e em que faziam pontos de sustentação, os altos salários e gratificações (que se lhes atribuiam) (na Tranquilidade chegaram a atingir a ordem dos mil contos anuais por individualidade), tudo isso comprimia a distribuição dos lucros e das remunerações dos segurados. Uma boa parte da redução das taxas virá, daí, dessa economia ao alto escalão.

Como plataforma inicial dessa melhoria, afigura-se indispensável fixar taxas de seguros em regime uniforme para todas as companhias; mas não deixa de ser oportuno relembrar que, no passado em letra morta, a iniciativa já fora tomada pelo Grémio nos ramos de Incêndio e Acidentes de Trabalho sem que por isso alguma vez tivessem sido praticadas...

Ainda neste sentido parece imperativo baixar para um nível razoável as comissões de agência e de angariação que as anteriores formas de trabalho em concorrência estimulavam. É que — vale a pena insistir — a nacionalização, entre outros méritos, anula a competição sem regra do capital desenfreado. Comissões que no ramo Agrícola absorviam por vezes

Também no plano da assistência aos acidentados haverá que adiantar alguma atenção prudente, dado que as nossas unidades seguradoras, dispunham, aqui sim, de excelente nível técnico, de serviços eficientes e de médicos bem remunerados. O exemplo da França justifica essa apreensão, sobretudo se recordarmos o descontentamento manifestado pelos trabalhadores, aquando da nacionalização daquele ramo, e a projecção nacional que atingiu.

SABER as vantagens, prevenindo os riscos, é afinal o princípio elementar de toda a inovação. No caso da Banca, como no de Seguro, a opção é mais que evidente e, em última análise, impositiva. A sabotagem a todos os níveis, interno e externo, carregou a herança deficitária do fascismo: fechámos 1974 com um saldo de 200 mil desempregados, em crise de liquidês de algumas unidades bancárias (BIP, Crédito Predial), com acréscimo de inflação e um quase nulo índice de investimento privado. A falta de coordenação entre o Estado e a iniciativa particular facilitou o resto, o golpe reaccionário.

A nacionalização vinha, pois, sendo «sugerida» pelas circunstâncias, e antes — com Spínola ou sem Spínola. Ao impor-se em duas áreas da importância da Banca e da Indústria de Seguros, entramos em duas linhas de força do processo revolucionário, isto é, lançamo-nos ao controlo efectivo de nós mesmos. Do nosso povo, do nosso futuro.

SINDICATO DA INDÚSTRIA HOTELEIRA

ABRANGENDO

SANTARÉM, SETÚBAL, PORTALEGRE, ÉVORA E BEJA

ASSEMBLEIAS REGIONAIS DE TRABALHADORES

ORDEM DOS TRABALHOS

I — **Actividade Sindical**
- a) Delegados Sindicais
- b) Relações de trabalho

II — **Verticalização**

III — **Contrato Colectivo de Trabalho**
- a) Esclarecimentos sobre o processo de negociação
- b) Organizar para acção conjunta de todos os trabalhadores durante a negociação

IV — **Informações**
- a) Direitos dos trabalhadores
- b) Taxa de serviço, salário fixo e alimentação

A Direcção de colaboração com as secções distritais, leva a efeito Assembleias Regionais, durante o mês em curso, com a ordem de trabalhos acima indicada, nas seguintes localidades:

DIA	HORA	LOCALIDADE	
18	15,30	Sede da Secção	PORTALEGRE
18	21,30	Parada do Castelo	ELVAS
19	15,30	Sociedade Filarmónica Sesimbrense	SESIMBRA
19	21	F. N. A. T.	SETÚBAL
20	17	Caves D. Teodósio Barbosa, Ltd.ª	RIO MAIOR
20	21,30	F. N. A. T.	SANTARÉM
21	15,30	Café «O Cantinho»	MOURA
21	21,30	Café Luís da Rocha	BEJA
22	14,30	Sociedade Filarmónica	ESTREMOZ
22	22	F. N. A. T.	ÉVORA
23	15,30	Casa do Povo	ODEMIRA
23	21	Casa do Povo	CASTRO VERDE
25	21,30	Salão Seminário Monfortinho	FÁTIMA
26	16	Sede do Sporting de Abrantes	ABRANTES
26	21,30	Centro de Trabalho Popular	TOMAR

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Dia 27 (5.ª-feira) às 15,30 horas

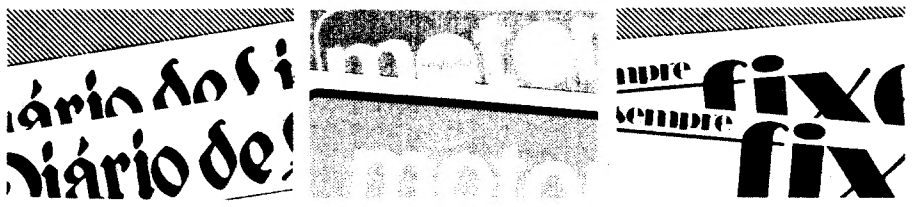
NOTA: A fim de se controlar as entradas, deves exibir documento de identificação (Carteira Profissional ou Cartão de Sócio).

A DIRECÇÃO
AS DIRECÇÕES DAS SECÇÕES

prático... fácil... e eficiente!

Mesmo no centro de Lisboa um local onde pode

. Fazer a sua assinatura
. Colocar o anúncio que lhe interessa
. Comprar números atrasados
. Tratar de qualquer assunto relacionado com



loja dos restauradores - restauradores 7

Setenta contos em notas num pão-de-ló para o Brasil

O piquete de trabalhadores da T. A. P. que, em colaboração com a Alfândega, tenta no Aeroporto de Lisboa, evitar a fuga de capitais, descobriu ontem, num «inocente» pão-de-ló, nada menos que setenta contos em notas de mil.

A nova «técnica pasteleira» parece ter tido origem numa pastelaria do Porto, que habitualmente envia encomendas para o Brasil. Portadores do «bolo-cofre»: José Gomes Hipólito e sua mulher, posteriormente entregues ao Copcon, onde afirmaram desconhecer em absoluto o conteúdo da «encomenda».

«Ultimamente temos detectado o envio de muitos bolos. Todos são devidamente fiscalizados, nomeadamente uma série destinada a Américo Tomás. É claro que os tivemos de «picar»: não tinham nada de comprometedor, mas duvido que o antigo presidente tenha sido capaz de os comer...», afirmou um funcionário.

Entretanto, nos últimos dias, nenhuma tentativa de fuga de capitais foi detectada. Verificou-se apenas a confiscação de alguns cartões de crédito.

Os piquetes de vigilância da T. A. P., formados por trabalhadores, funcionam em todos os «pontos-chave» do Aeroporto. Funcionam 24 horas por dia.

TURISTA ALEMÃO DETIDO EM FARO

Os serviços de Alfândega no Aeroporto de Faro detiveram um turista alemão, que, acompanhado da mulher, e de um filho, retornava ao seu país, sendo portador de numerário bastante superior ao permitido por lei: cerca de 100 contos em moeda portuguesa, bem como outros valores em libras, marcos e francos suiços. Após ter-lhe sido passado o auto, aquele cidadão alemão, foi remetido ao tribunal da comarca.

MAIS DETIDOS

Guilherme Gião, latifundiário alentejano e o eng.º Joaquim Grave, proprietário de uma ganadaria, foram presos pelo Copcon. O primeiro é acusado de participação indirecta no assassínio do general Humberto Delgado, uma vez que teria sido numa herdade sua que os «pides» se reuniram, antes do criminoso acto.

PASSAGENS NA FRONTEIRA

Com excepções de diversa ordem e mediante «contrôle» rigoroso, a passagem na fronteira terrestre foi alargada a outras pessoas para além das que o podiam fazer desde 11 de Março. No que respeita a veículos, a mesma foi aberta a camiões que transportem produtos considerados vitais para a economia nacional, que, no entanto, são totalmente revistos à saida e à entrada.

BUSCA NA RUA DA EMENDA

Uma força do Copcon passou busca, ontem, ao princípio da tarde, ao n.º 13, da Rua da Emenda, ao Camões. Não foi possivel apurar, nem no local, nem no Copcon, qual o fim da busca, nem os resultados eventualmente conseguidos.

SANCHES OSÓRIO EM ESPANHA

O secretário-geral do P. D. C. e ex-ministro da Comunicação Social no II Governo Provisório, major Sanches Osório, estaria em Espanha, de acordo com notícias publicadas no país vizinho.

O jornal «El Adelanto», de Salamanca, diz que Osório atravessou clandestinamente a fronteira, na noite de 12 para 13, e entregou-se à Guarda Civil na aldeia de Fuentes de Oñoro. Posteriormente, teria sido conduzido para Madrid.

EX-MONARCAS DEIXAM PORTUGAL

O «ABC» de Madrid noticia que vários ex-monaarcas radicados em Portugal, deixaram já o país ou preparam-se para partir. Assim, o conde de Barcelona já se encontra na Suiça, desde há três dias. E o ex-rei de Itália, Humberto, reside actualmente em Beaulieu-sur-Mer, na Côte d'Azur, tendo abandonado a sua residência de Cascais.

Entretanto, a rainha Joana da Bulgária, irmã de Humberto de Sabóia, é esperada em Madrid, passando a residir com seu filho Simeão, antigo soberano búlgaro.

D. Juan de Bourbon disse a jornalistas que só regressará a Portugal quando «a ordem, a paz e o equilíbrio tiverem sido restabelecidos de uma maneira verdadeiramente democrática, como é, segundo se julga, o objectivo fundamental das Forças Armadas portuguesas».

LOCUTOR MUDA DE NOME

O locutor Carlos Lacerda, do programa «Talismã» de Rádio Clube Português, mudou de nome, passando a chamar-se Carlos de Matos. Motivo da decisão: o não querer confundir-se com o «refinado fascista» brasileiro Carlos Lacerda.

No mesmo programa foi anunciada a supressão da música brasileira, como protesto contra a decisão do Governo daquele país de acolher o ex-Presidente da República António de Spínola e seus acompanhantes.

SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE BIENFAISANCE EN PORTUGAL

L'Assemblée Générale annuelle de la Société Française de Bienfaisance aura lieu le Mercredi 9 Avril prochain, à 17 heures, à l'Ambassade de France, sous la présidence de Son Excellence Monsieur l'Ambassadeur.

A U.D.P. OCUPOU UMA VIVENDA

Militantes da U. D. P. (União Democrática Popular) ocuparam, na madrugada de domingo, em Carcavelos, na Rua 5 de Outubro, uma vivenda abandonada de que é proprietário o conhecido construtor Reinaldo Lapinha.

Segundo foi noticiado, a ocupação seguiu-se a uma série de tentativas para alugar o edifício, ao que Reinaldo Lapinha não terá oposto grandes obstáculos, remetendo, porém, os elementos da U. D. P. para o seu advogado.

Durante a manhã de sábado, e segundo relato do «Diário de Notícias» que cita elementos da U. D. P. sem, contudo, os identificar, estes avistaram-se de novo com Reinaldo Lapinha, o qual terá respondido que as coisas «não podem ser feitas no ar, como o golpe de 11 de Março».

Foi então que os militantes da U. D. P. decidiram ocupar a velha vivenda.

Nacional

"O ALENTEJO PRODUZIRÁ DOA A QUEM DOER"

— esclarecimento do sr. José Ferreira Queimado

. Esclarecendo afirmações contidas na local que publicámos no passado dia 6, sob o título «OAlentejo produzirá doa a quem doer», enviou-nos o sr. José Ferreira Queimado, de Lisboa, proprietário da Herdade de Botaréus e de outras terras sitas no concelho de Évora, a seguinte carta:

. «1.º — A exploração daquelas minhas propriedades é efectuada com o tríplice fim que lhes é comum, de aproveitamento agropecuário e florestal, e de modo que cada uma das terras não pode ser considerada como coisa independente, impondo-se, antes, que o seja como parte de um todo de carácter económico.

Não é, pois, possível pretender que, na mesma época, todas as terras do aludido conjunto se encontrem afectas a sementeira de trigo, porque, se tal sucedesse, prejudicar-se-ia a pluralidade de finalidades da exploração.

O facto, portanto, de haver em certas ocasiões áreas sem sementeiras de trigo, só por má-fé ou ignorância, é susceptível de ser qualificado como abandono, pois em tais circunstâncias, como é o caso actual dos «Botaréus», essa área está afecta a pastos para gado no usual sistema rotativo de folhas de sementeira.

«2.º — No conjunto das minhas terras foram colhidos em cereais, nos anos de 1968 a 1973, a média de 259 534 quilos, 750 892 quilos em 1974 e está previsto para o ano corrente, se as circunstâncias climatéricas não forem desfavoráveis, a colheita de 900 000 quilos.

Além disto, também no conjunto daquelas propriedades, são criadas por ano e vendidas para consumo público cerca de 3000 cabeças de gado entre bovinos, ovinos e suínos.

«3.º — Por outro lado em matéria no conjunto daquelas propriedades, são criadas por ano e vendidas para consumo público cerca de 3000 cabeças de gado entre bovinos, ovinos e suínos.

«3.º — Por outro lado em matéria de salários rurais, paguei as importâncias de:

. Colheita de 1970/71, Esc. 1 087 878$70; colheita de 1971/72, Esc. 1 129 266$80; colheita de 1972/73, Esc. 1.236.638$90; colheita de 1973/74, Esc. 1 761 816$00; colheita de 1974/75, por estimativa, cerca de Esc. 3 000 000$00.

«Não estão incluídas as importâncias com salários em construção civil na edificação de casas para pessoal, celeiro, casa das máquinas, malhada para suínos, cabanas, silos, parques para ovelhas, etc. que montam também a muitos milhares de contos.

«4.º — Estes gastos e aqueles resultados, são a prova inequívoca:

. a) de que proporcionei, naquela região, trabalho relevante e bem remunerado dentro das limitações em que vive a lavoura alentejana;

. b) de que as minhas terras de Évora estão a ser exploradas eficientemente.

Chamam-me latifundiário. Pode ser que o seja. Devo, porém, esclarecer que tudo quanto possuo, foi adquirido exclusivamente por meio de trabalho honesto, exercido sem complacências face a sacrifícios muitas vezes exigido; assim, se sou latifundiário, isso deve-se ao bom senso com que sempre me soube administrar e ao critério de me dedicar ao trabalho sem perder tempo a formular reivindicações sem carácter construtivo, sem perder tempo em reuniões que só comprometem a possibilidade da melhoria do viver de cada um.

É, por isso, que são profundamente injustas as apreciações que me foram feitas como proprietário rural e é ilegal, imoral e anti-social a ocupação de certa área da minha «Herdade de Botaréus», facto com que não me conformo, e pelo qual, oportunamente, exigirei as responsabilidades que forem de exigir, seja a quem for.

PEQUENOS AGRICULTORES RECLAMAM

PRIORIDADE AO SECTOR AGRÁRIO NO INVESTIMENTO NACIONAL

. Considerando «que já tarda pôr cobro de vez ao sistema de o sector agrário ser uma área donde se tiram lucros e impostos e pouco ou nada se investe», os pequenos agricultores do distrito de Évora, no final do seu primeiro Encontro, aprovaram uma moção na qual «reclamam energicamente que o sector agrário seja considerado sector prioritário no investimento nacional, a fim de assegurar a produção de matérias-primas e o abastecimento do País, acabando com as crescentes importações de géneros, pois que de tudo isso depende o desenvolvimento de toda a economia nacional; exigem que sejam urgentemente abertos créditos ao sector agrário: não nos bancos do Estado através dos bancos privados e da indústria e para os grandes senhores, que são quem sempre tem beneficiado desse dinheiro que é do povo; todas as verbas para a agricultura devem ser concentradas num só departamento — Caixa Geral de Depósitos — e a sua distribuição deve ser efectuada directamente e somente aos pequenos agricultores e às cooperativas, sob controlo do I.R.A., das ligas de pequenos agricultores e outras entidades representativas das classes trabalhadoras.»

. Numa análise prévia à situação no distrito de Évora, verifica-se, segundo as conclusões aprovadas no Encontro, que se multiplicam os casos de despedimento de seareiros e rendeiros, tornando-se mais grave a crise de falta de trabalho. Assim, exige-se «que sejam imediatamente conferidos ao Instituto de Reorganização Agrária poderes legais para requisitar terras necessárias para resolver os problemas sociais e económicos nacionais e dos trabalhadores, pois que, além do mais, se está prestes a perder também a ocasião para fazer os cultivos de Primavera. As terras requisitadas devem ser atribuídas aos trabalhadores, a saber: assalariados agrícolas; seareiros e rendeiros; pequenos alugadores de máquinas».

No Encontro foi dada particular atenção ao sector comercial de produtos para a agricultura (máquinas, adubos, rações, pesticidas) e dos produtos da agricultura (cereais, carne, leite, etc). Considera-se, a este propósito, que tal comércio deve ser retirado das grandes empresas e organizado de maneira a favorecer o pequeno produtor e «chama-se a atenção do Governo para a necessidade urgente de pôr em execução aquilo que consta do Programa do M.F.A., no sentido de encurtamento, barateamento e simplificação dos circuitos comerciais».

Os pequenos agricultores de Évora preconizam a formação e fortalecimento, por toda a parte, das ligas de pequenos agricultores, «a fim de que a classe dos camponeses pobres possa tornar-se uma grande força, para enfrentar o poder económico e político das classes privilegiadas. Estas ligas têm um papel fundamental na defesa dos pequenos rendeiros e seareiros; na aplicação das leis do arrendamento rural; na criação de associações económicas (cooperativas verdadeiras, de produção, comercialização e industrialização de produtos); na extinção dos Grémios e das Federações, nacionalização dos seus bens e criação de cooperativas para substituírem essa corrupta organização corporativa; no saneamento das Caixas de Crédito Mútuo e outras cooperativas falseadas e dominadas pelos grandes senhores da terra».

Novas remunerações para os monitores da Telescola

. Por as remunerações atribuídas aos monitores dos postos oficiais de recepção do ciclo preparatório da Telescola estarem «em manifesto desacordo com a natureza, responsabilidade e o horário do serviço que lhes compete» o Ministério da Educação e Cultura determina, através de um decreto publicado na folha oficial de hoje, que atabela dessas gratificações, com efeitos a partir de 1 de Outubro de 1974, passe a ser a seguinte: horário completo 6.000$00 (dez meses); meio horário — 3.000$00 (dez meses); e encarregado do posto — 300$00 (doze meses).

TRABALHADORES CONTRA A INTENTONA

"O M.D.P. EM LUGAR DO P.P.D."

— pedem trabalhadores da "L'Urbaine"

. Dezenas e dezenas de comunicados e telegramas continuam a chegar à nossa Redacção. Repúdio pela intentona, julgamento severo para os responsáveis, apoio ao Conselho Superior da Revolução e à nacionalização da Banca são os principais pontos focados.

Assim, os trabalhadores da «L'Urbaine» decidiram em plenário: «Reiterar o seu inteiro apoio ao Presidente da República, à Junta de Salvação Nacional, ao Primeiro-Ministro, ao M. F. A. e particularmente aos seus elementos progressistas; que sejam apuradas responsabilidades dos implicados no criminoso golpe contra-revolucionário de 11 de Março e que sejam julgados e severamente punidos como traidores à Pátria; exigir que seja dado imediato conhecimento público do inquérito da intentona de 28 de Setembro de 1974; exigir um eficaz e imediato saneamento a todos os níveis dos diversos Ministérios, nomeadamente da Educação e Cultura, Economia, Negócios Estrangeiros e Justiça».

«Substituição imediata no Governo Provisório do P. P. D. pelo M. D. P./C. D. E.» é outro dos pedidos dos trabalhadores da «L'Urbaine», que continuam: «Desmantelamento completo e imediato da G. N. R., P. S. P. e G. F. e criação imediata de uma força única civiva, votada à defesa autêntica e intransigente dos direitos do povo português; julgamento imediato dos elementos da ex-P. I. D. E./D. G. S. e de todas as forças paramilitares; saneamento total e implacável de todos os lacaios fascistas e confiscação dos seus bens; saneamento imediato das autarquias locais; confiscação imediata da terra dos latifundiários e a sua consequente entrega aos trabalhadores rurais, com vista a uma verdadeira reforma agrária; nacionalização imediata e sem indemnizações de todos os sectores básicos da economia; expulsão imediata do embaixador dos E. U. A., Carlucci (C. I. A.) (e de todos os seus sequazes) e extinção imediata de todos os partidos reaccionários.»

. Os delegados dos trabalhadores da Mobil, a comissão dos trabalhadores das empresas J. Pimenta, o Sindicato dos Trabalhadores Electricistas do Sul, o Sindicato Nacional dos Profissionais na Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa também enviaram telegramas ao Presidente da República, ao Conselho Superior da Revolução e ao Primeiro-Ministro. Em todos eles se pede «uma justiça revolucionária contra os sabotadores da economia nacional e contra os implicados na intentona de 11 de Março». Idêntica atitude por parte dos trabalhadores da C. E. M. A. V. (Centro de Ensino por Meios Audio-Visuais) e dos trabalhadores de Construção Metalomecânicas Mague S. A. R. L. de Alverca do Ribatejo.

AS ORIGENS DO 11 DE MARÇO

«O 11 de Março não foi pura e simplesmente uma dissidência militar, mas sim uma tentativa contra-revolucionária» — afirmam no seu comunicado os delegados sindicais da «seguradora Industrial». E apontam, segundo a sua opinião, as origens desta intentona:

. «Crise ministerial em Junho; ofensiva reaccionária que culminou na derrota fascista de 28 de Setembro; nomeação do sr. Frank Carlucci, figura sinistra ligada às maiores ignomínias praticadas contra a Humanidade nos nossos tempos para embaixador norte americano no nosso País; agudização dos conflitos de trabalho com especial relevância para o caso da Rádio Renascença; surto de greves estudantis; boicote às leis dimanadas do Governo Provisório; os recentes acontecimentos em Setúbal e a generalização duma campanha anticomunista».

A concluir os trabalhadores afirmam: «O povo e os seus mártires exigem que lhes seja feita justiça imediata sem benevolências ou clemências. Exigem punição severa para os crimes de alta traição praticados.»

P.R.P.-B.R.:

"Não acreditamos em socialismos a cinquenta por cento"

A recusa de participação «nas eleições burguesas» e a urgência da «organização autónoma do proletariado, em ordem à vitória da revolução socialista», foi o tema central do primeiro comício público do P.R.P.-B.R. (Partido Revolucionário do Proletariado — Brigadas Revolucionárias), que decorreu no sábado à noite, na Praça do Campo Pequeno, que teve a presença de perto de duas mil pessoas.

Isabel do Carmo, directora do jornal «Revolução», porta-voz daquele organismo político, ao usar da palavra, afirmou que «há condições óptimas, neste momento, para a classe operária se organizar e ir para a frente na luta pelo poder e pela implantação do socialismo em Portugal». Mais adiante, ao fazer uma análise da situação política actual, atribuiu à forma do sistema capitalista, e não só ao fascismo, a crise económica, sublinhando que «os grandes meios de produção continuam nas mãos do grande capital» e que o P.R.P.-B.R. «não encontra solução dentro do sistema capitalista em Portugal». E a propósito acentuou: «Não acreditamos em socialismos a 50 por cento».

Isabel do Carmo apelou finalmente para os homens progressistas do M.F.A. para que saibam erradicar de si os elementos reaccionários («certeza de novos golpes e de outras tentativas de intentonas»), alertando ainda para o «reformismo» de certas organizações políticas.

«COMBATEMOS O IMPERIALISMO»

Carlos Antunes, membro da direcção do Partido acentuou que «a única alternativa revolucionária numa situação objectiva, é a tomada do poder pela classe operária». E em seguida afirmou: «Não combatemos meras corjas de spinolistas e de reaccionários, mas sim o imperialismo capitalista, neste país da Europa tão ligado ao Terceiro Mundo».

Afirmou noutro ponto que «não é intenção do P.R.P.-B.R. fazer propagandas», pois nunca seremos nós a assumir o Poder — ou é a classe operária ou seremos vencidos». Falaram também, Pedro Goulart, da direcção do Partido, Manuel Crespo, em representação das células do P.R.P.-B.R. na Lisnave e na Setenave, Centeio, de uma companhia de Seguros, um elemento da organização revolucionária italiana «Lota Continua» e um militante do P.R.T. da Argentina.

NOTARIADO PORTUGUÊS
Sexto Cartório Notarial de Lisboa
Sito na Rua Rodrigo da Fonseca, 78-1.º-Dt.º
A cargo do Notário Lic. Henrique Vaz Lacerda

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 16 de Dezembro de 1974, lavrada de folhas 31, verso, a folhas 33, do livro D-45, para escrituras diversas deste cartório, foi constituída entre António Felício Simões e Mário Martins Gil, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes nos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «GIL E SIMÕES, LIMITADA», e tem a sua sede na Rua José Purificação Chaves, número sete-A, em Lisboa, freguesia de Benfica, e a sua duração é por tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO — O objecto social é o comércio de retém, material plástico, utilidades e diversos, podendo no entanto vir a explorar qualquer outra actividade comercial ou industrial, em que os sócios acordem.

TERCEIRO — O capital social é de cinquenta contos, integralmente realizado, em dinheiro, dividido em duas quotas iguais, de vinte e cinco contos, uma de cada sócio.

QUARTO — A gerência da sociedade, a sua representação em Juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for acordado em assembleia geral.

Parágrafo Primeiro — Para que a sociedade fique validamente obrigada e representada em todos os seus actos e contratos é bastante e suficiente a assinatura de qualquer um dos gerentes.

Parágrafo Segundo — Os gerentes não poderão obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

QUINTO — A cessão de quotas entre sócios é livremente permitida, mas a favor de estranhos fica dependente da sociedade, em primeiro lugar, e dos sócios não cedentes em segundo lugar.

SEXTO — A sociedade dissolve-se nos casos legais e, no caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes, escolherão um, de entre si, que a todos represente na sociedade, enquanto se mantiver a indivisão, no prosseguimento da sociedade.

É certidão de narrativa que vai conforme ao original.

Lisboa, três de Fevereiro de 1975.

O AJUDANTE DO CARTÓRIO,
Maria Felicíssima Menezes

QUARTAS-FEIRAS

Nacional

A NACIONALIZAÇÃO VAI PERMITIR A EXPLORAÇÃO TÉCNICA DO SEGURO

— disse-nos o dr. Redondo Lopes

«Podemos afirmar que cerca de dez mil profissionais de Seguros aceitaram com todo o entusiasmo a nacionalização das respectivas Companhias. Aliás, já em Dezembro passado, numa assembleia efectuada no nosso Sindicato, foi aprovada por aclamação a nacionalização dos Seguros» — afirmou-nos, esta manhã, o dr. Redondo Lopes, elemento indigitado para a Comissão Administrativa do grupo de Companhias Mundial, Confiança e Continental de Resseguros.

O dr. Redondo Lopes encontrava-se a trabalhar com as Comissões Sindicais daquelas Companhias. Local: «A Mundial». Portas cerradas. A único público atendido era constituído por sinistrados de trabalho, acidentados, etc. Reformados, por exemplo.

«Na opinião de nós todos trata-se de um passo em frente no processo revolucionário em curso. Mas isto só não basta. Muitas coisas terão de ser alteradas... Bem, vamos aos Seguros. Terá que existir um órgão coordenador que assegure o serviço com uniformidade de actuação.»

Pormenorizando mais o problema, o dr. Redondo Lopes acentuou que «é necessário alterar todo um espírito de gestão capitalista que vigorou até agora».

«Nos últimos anos — afirmou — as companhias seguradoras viviam de especulação financeira, desprezando a exploração técnica do seguro.»

Dessa gestão capitalista errada, «acumularam-se problemas e formaram-se meandros condenáveis». Unicamente com a nacionalização, «se torna possível resolver uns e desmontar os outros».

Esta tarde, as Comissões Sindicais das diversas Companhias reúnem-se para equacionar uma fórmula orgânica que ultrapasse a até agora seguida e corresponda ao passo dado em frente: a nacionalização.

Um problema importante a ponderar é o relativo aos ordenados dos funcionários de seguros. Efectivamente, e como ontem os bancarios disseram no «Teledomingo», a reacção irá aproveitar a disparidade dos vencimentos existentes entre os trabalhadores da função pública (Ministérios, Câmaras, etc.) e os dos trabalhadores agora transformados em servidores do Estado. Tentará a reacção, como é óbvio, dividir os trabalhadores, afirmando que um funcionário bancário ganha mais do que (digamos assim) os funcionários públicos tradicionais...

Ora, nos Seguros, acontece que o irdenado mínimo é de 5000$00 (serventes de posto médico) e o máximo de 15 400$00 (director de serviço). Há que mostrar ao País que há funções e funções públicas, muito embora os vencimentos dos funcionários públicos tradicionais tenham, em tempo oportuno, de ser revistos. De acordo com o dr. Redondo Lopes, «é necessário, para já, apelar para a compreensão de todos quantos trabalham». Paciência, enfim, é uma palavra de ordem.

Porque a impaciência, como ontem foi dito no debate bancário via «Teledomingo», é «fascista».

SUGESTÃO DO P.P.D.

Inquérito para apurar as fontes de financiamento dos os partidos

A propósito de uma assembleia geral extraordinária dos Bancários de Lisboa, a comissão política nacional do P. P. D. tornou público o seguinte esclarecimento: «O Partido Popular Democrático surgiu em princípios de Maio, não dispondo de quaisquer dádivas ou subsídios provenientes do estrangeiro, cantando apenas com a contribuição dos seus simpatizantes.

É de salientar que, na altura em que aquela operação bancária foi concretizada, não existia ainda, «legalmente», nenhum partido político em Portugal, como se comprova pelo facto de a legalização de todos os partidos datar do mês de Janeiro deste ano.

Assim, não existindo ainda legalmente nessa altura o P. P. D., é abusivo e incorrecto descrever a situação nos termos apresentados.

A necessidade de dispor de fundos susceptíveis de cobrir as despesas indispensáveis à actividade de um partido democrático, levou a que militantes do P. P. D., pessoalmente, adquirissem os fundos necessários, pelo recurso a operações de crédito, tituladas por responsabilidades assinadas por esses mesmos militantes.

O que se passa, portanto, é que o P. P. D. se encontra obrigado perante militantes seus relativamente a tais operações que, no momento do arranque, eram imprescindíveis para um partido que não dispunha nem dispõe de financiamentos estrangeiros.

É inadmissível que na assembleia geral do Sindicato dos Bancários tais afirmações tenham sido proferidas, com intuito de relacionar o P. P. D. com um sector com o qual ele nada tem a ver.

E para que a opinião pública possa ser devidamente esclarecida sugere-se, desde já, que o M. F. A., Ministério das Finanças e a Comissão Nacional de Eleições procedam a um inquérito exaustivo com vista a apurar reais fontes de financiamento de todos os partidos políticos».

ENCONTROS SEPARADOS ENTRE A F.S.P. E O M.D.P./C.D.E.

Durante o fim-de-semana, delegações do Partido Comunista reuniram-se separadamente, com representações da Frente Socialista Popular e do Movimento Democrático Português/C.D.E.

No encontro com a F.S.P. (em que participaram, por parte do P.C., Dias Lourenço, e por parte da F.S.P., Rui Carneiro e Marinela Coelho), foram analisadas, segundo um comunicado conjunto dos dois partidos, «as circunstâncias que rodearam o golpe de Estado reaccionário de 11 de Março, e as favoráveis perspectivas que se abrem para o desenvolvimento do processo revolucionário com a nova derrota da reacção e a institucionalização do M.F.A. através da constituição do Conselho da Revolução e da primeira medida legislativa deste orgão — a nacionalização da banca.

As delegações da F.S.P. e do P.C.P. apreciaram também o estado de relações entre os dois partidos e resolveram continuar a troca de opiniões e manter a cooperação recíproca no quadro mais geral da unidade das forças democráticas e da aliança destas com o M.F.A.

O encontro das delegações do P.C.P. e do M.D.P./C.D.E. desenrolou-se em duas sessões de trabalho, tendo estado presentes Álvaro Cunhal, Sérgio Vilarigues e Carlos Brito, pelo P.C.P. e Francisco Pereira de Moura, Orlando de Carvalho, José Tengarrinha, António Galhordas e Herberto Goulart, pelo M.D.P./C.D.E.

De acordo com um comunicado conjunto, «as duas delegações passaram em revista os aspectos mais salientes da presente situação política, tendo verificado ampla coincidência de pontos de vista na maneira como apreciam as circunstâncias que propiciaram e rodearam o golpe de Estado reaccionário de 11 de Março, bem como as que concorreram para a sua derrota, as perspectivas favoráveis que se abrem ao desenvolvimento do processo democrático e revolucionário

PAGAMENTOS A APOSENTADOS

(RUA TOMÁS RIBEIRO)

OS PAGAMENTOS REFERENTES AOS DIAS 12, 13 E 14 DO CORRENTE MÊS SERÃO PAGOS PELA SEGUINTE FORMA, ÀS HORAS NORMAIS DE EXPEDIENTE:

— OS DO DIA 13: NO DIA 18, 3.ª FEIRA

— OS DO DIA 14: NO DIA 19, 4.ª FEIRA

NESTES DIAS SERÃO TAMBÉM EFECTUADOS OS PAGAMENTOS NORMAIS

BANCA:

MANTÊM-SE AS COTAÇÕES E AUMENTAM OS DEPÓSITOS

As cotações da moeda e nota mantêm-se iguais às do dia 10 de Março.

Apenas houve uma pequena alteração na cotação dos cheques.

Assim a cotação dos cheques no dia anterior à intentona reaccionária era a seguinte: em Londres cotava-se em 58$32, 8, a compra, 58$88, 8 a venda. Em Nova Iorque, 24$26, 5, a compra; 24$49, 3, a venda.

Em relação ao dia 15, temos que a compra e a venda em Londres, eram respectivente de 58$35, 5 e 58$91, 5. Em Nova Iorque, 24$18, 7, a compra, 24$41, 5 a venda.

Sabe-se também através do Grémio dos Bancos e Casas Bancárias, que se mantêm as cotações da nota e da barra de ouro».

Por outro lado, segundo apurámos, uma agência do Banco Pinto Magalhães, teve um movimento de dinheiro que é bem significativo da tranquilidade, com que o depositante encara o futuro do País.

Com efeito, sábado, enquanto naquela agência eram depositados oito mil contos, apenas se procedeu ao levantamentos de trezentos.

Esta ordem de grandeza, segundo nos foi possivel apurar, é geral a todas as dependências e Bancos do País. No B. N. U. de Lisboa, por exemplo, foram depositados cerca de 99 mil contos e levantados 36 mil, verificando-se a abertura de muitas novas contas.

Actos de violência são contra-revolucionários

O Conselho da Revolução, logo após a sua primeira reunião, considerou conveniente esclarecer a opinião pública sobre as garantias de liberdades democráticas, compromissos internacionais e garantias de ordem pública definindo os actos de violência como actos contra-revolucionários. É o seguinte o teor do comunicado oportunamente difundido:

«1 — É determinação do M. F.A. e do Governo Português manter inalteráveis as linhas de política externa enunciadas no Programa do M. F. A. nomeadamente o respeito pelos compromissos assumidos e o cumprimento das obrigações decorrentes de acordos e tratados internacionais celebrados...

«2 — O M. F. A. e o Governo reafirmam a garantia de protecção das pessoas e bens de todos os estrangeiros residentes em Portugal, em completo respeito às convenções internacionais a que aderiu.

«3 — O M. F. A. garantirá as liberdades democráticas e a realização das eleições para a Assembleia Constituinte.

«4 — Entende o M. F. A. que as alterações da ordem pública e outras acções atentatórias da autoridades democrática, verificadas no período que antecedeu a tentativa contra-revolucionária, constituiram um dos factores de que a reacção se serviu para criar um clima favorável às suas actividades, quando não foram por ela mesmo provocadas.

«Consideram-se, assim, contra-revolucionárias, e, como tal, passíveis de severa repressão, os actos de violência, roubo ou outras quaisquer formas de desrespeito pela ordem democrática.

«Nestas condições, o Conselho da Revolução apela para a consciência democrática do povo português e para os partidos políticos, seus lídimos representantes, no sentido de que a proclamada adesão ao Programa do M.F.A. se traduza no integral e pronto cumprimento das normas e medidas executórias dele emergentes!»

PREÇOS LIVRES PARA A RECOLHA DE AUTOMÓVEIS

Passou ao regime de preços livres o serviço de recolha de automóveis, segundo uma portaria oriunda da Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços com data de 5 do corrente.

A recolha de automóveis estava, em 25 de Abril do ano passado, sujeita ao regime de homologação prévia, passando dois meses depois ao de preços controlados. Entretanto considerou-se que este serviço só interessa, com carácter permanente, a uma percentagem «muito escassa» de utentes de automóveis, utentes que, regra geral, auferem «proveitos superiores à média dos seus concidadãos», o que lhes permite à primeira vista «possuir automóvel e recolhê-lo em garagem».

Pequeno reparo em tempo: não abundam garagens particulares nos centros urbanos como Lisboa e Porto.

PESCADORES RETOMAM O TRABALHO

Os pescadores do sector das Conservas, no Algarve, suspenderam ontem a greve que haviam iniciado em 29 de Janeiro último.

Esta decisão vai ter imediatamente influências benéficas na laboração normal das fábricas de conservas que até ontem ocupavam os seus empregados apenas três dias por semana.

Nacional

A N.A.T.O. preocupada com o futuro de Portugal

NAPOLES, 17 — (R.) — O secretário-geral da N. A. T. O., dr. Joseph Luns, mostrou-se preocupado pelo estado do flanco sul da aliança.

Numa conferência de Imprensa, durante uma visita feita ao quartel-general da N. A. T. O. para o Sul da Europa, em Nápoles, Joseph Luns disse: «as maiores preocupações da N. A. T. O. situam-se no flanco meridional da Europa que atravessa um período inquietante. Portugal é politicamente extremamente incerto, ao passo que a Grécia e a Turquia são dois países que não se entendem.»

. Luns acrescentou que se qualquer desses três países se retirar indefinidamente da Aliança Atlântica, as frotas navais dos Estados Unidos, Itália e França terão de ser reforçadas.

A França mantém actualmente relações excelentes com a N. A. T. O. e até tem participado em alguns exercícios militares.

Disse ainda que muitos políticos portugueses têm assumido posições anti-N. A. T. O. e anti-americanas, ainda que o Governo de Lisboa não tenha feito qualquer declaração oficial nesse sentido.

Joseph Luns acrescentou: «Como resultado disso estamos a seguir com grave apreensão os acontecimentos em Portugal.»

«TIMES» DESCONFIA

. LONDRES, 17 — A confiança em Portugal como membro da N. A. T. O. dificilmente pode ser classificada como muito boa, segundo afirma hoje o «Times».

Esse jornal independente londrino diz ainda num editorial: «Como o chefe de Estado-Maior português é membro com plenos direitos da importante Comissão Militar da N. A. T. O., o facto deve inevitavelmente provocar dúvidas acerca da segurança dos segredos militares da Aliança Atlântica, especialmente devido ao Partido Comunista Português ser um dos mais fiéis na Europa Ocidental na sua lealdade à União Soviética.

«A N. A. T. O. não ficaria seriamente prejudicada pela neutralidade portuguesa, mas seria um grave golpe para a segurança ocidental se Portugal se passasse inteiramente para o campo soviético.»

. O liberal «Guardian» declara num editorial que se Portugal aceitar o pedido da União Soviética de facilidades de reabastecimento na Madeira, seria prematuro inferir que essa anuência é um sinal de inclinações pró-soviéticas.

«A N. A. T. O. pouco fez para ajudar Portugal durante os seus anos de sofrimento e um país tem direito a afirmar a sua independência» — nota o «Guardian».

CONTRA AS INTERFERÊNCIAS AMERICANAS EM PORTUGAL

WASHINGTON, 17 — (F. P.) — O senador Stuart Symington (democrata do Missuri) afirmou ontem, numa entrevista concedida à TV-ABC, que os Estados Unidos devem retirar-se da Tailândia, e que têm muitas tropas na Coreia do Sul e na Europa.

A América, disse, não está em posição de dar a Portugal ou a qualquer outro país conselhos sobre a política que deverão seguir.

Finalmente o senador democrata afirmou que os E. U. A. deveriam contar mais com a dissuasão nuclear, em vez de manter tantos contingentes no estrangeiro.

NÃO HAVERÁ BASES RUSSAS OU AMERICANAS EM CABO VERDE

PRAIA, 17 — (FP) — A visita que Aristides Pereira, secretário-geral do P.A.I.G.C., acaba de efectuar ao arquipélago de Cabo Verde situa-se num momento importante para o futuro destas ilhas em três aspectos: primeiro, coincidiu com a viagem a Cabo Verde da delegação do Comité de Descolonização da O.N.U.; segundo, realiza-se dois meses depois da instalação do Governo Provisório, o que permite ao P.A.I.G.C. fazer projectos de desenvolvimento económico com conhecimento de causa; e, finalmente, no plano político desenrola-se numa altura em que se lança o plano de reforma administrativa, enquanto vários grupos de trabalho ou comissões se reunem para estudar a futura organização do arquipélago e suas relações com o exterior.

Foi um êxito político a viagem de Pareira a Cabo Verde. O secretário-geral do P.A.I.G.C. foi saudado por várias dezenas de milhares de pessoas, que se apinhavam no aeroporto, nas ruas e na grande praça da cidade.

O P.A.I.G.C. dedica-se a um programa de organização política: uma reforma administrativa foi iniciada, substituindo as autoridades administrativas por comissões populares.

Uma outra comissão estuda a lei eleitoral para a eleição, em 30 de Junho próximo da Assembleia Constituinte, de acordo com o Governo português. O projecto será aprovado daqui a dias.

Por fim, os juristas das duas Comissões Nacionais do P.A.I.G.C. de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, estudam as formas que poderá revestir a futura união entre os dois países.

É importante salientar o que Aristides Pereira sublinhou, quando da sua chegada a Cabo Verde, ao afirmar que esta unidade passará «por um respeito integral da individualidade dos dois Estados, como da sua respectiva soberania», e que se situava num total «não alinhamento», excluindo dependência «a qualquer bloco militar, seja ele qual for». Isto exlui, portanto qualquer cedência temporária do porto de Mindelo ou do aeroporto do Sal à União Soviética ou aos Estados Unidos da América.

Aristides Pereira, regressou na sexta-feira passada a Bissau, depois de vinte e dois dias de visita as ilhas de Cabo Verde.

Declarou no seu regresso que a viagem foi «a confirmação dos sentimentos do povo cabo-verdianos para com o P.A.I.G.C».

INTERCÂMBIO CULTURAL

PARTIU PARA A R.D.A. UMA DELEGAÇÃO PORTUGUESA

A convite da Liga para o intercâmbio com os povos estrangeiros partiu esta manhã, com destino à República Democrática Alemã uma delegação portuguesa, chefiada pelo director da Cultura e Espectáculos, eng.º Vasco Pinto Leite e na qual se integravam pessoas de diversos sectores:

. O Capitão Morais Silva, da Academia Militar na qualidade de representante do M. F. A., o eng. Miradores, do M. E. C.; Rita Salagado, (membro da Associação de Amizade Portugal-R. D. A.); prof. Noronha Feio, (inspector do M. E. C.); Joaquim Namorado (escritor) e Sérgio Nisa, (pedagogo).

Depois de se submeterem ao apertado controlo de passageiros, no aeroporto da Portela vigiado por forças militares armadas de G 3, os elementos componentes da missão cultural que se deslocara à R. D. A., trocaram breves palavras com os órgãos da Informação sobre os objectivos da sua visita aquele país socialista.

«Vamos à R. D. A. com o objectivo de tomar contacto com a realidade social, económica e cultural daquele país. Na verdade durante o anterior regime falava-se muito do muro da vergonha mas eu penso que a principal vergonha foi o muro de silêncio que nos impediu de conhecer a realidade da R. D. A. que nos apresentavam deformada e até de uma maneira difamatória. Por outro lado, pretendemos analisar as hipóteses de estabeler um intercâmbio cultural, político e económico — disse o eng.º Vasco Pinto Leite.

Em seguida referiu-se a um aspecto que lhe parecia importante naquela visita da missão portuguesa à República Democrática Alemã; relacionado com as lições que se poderiam tirar da via encontrada por um país que sofreu enormes dificuldades e as soube resolver. «Isso ajuda em certa medida, comparando as situações, a procurar soluções para a nossa realidade».

O pedagogo Sérgio Niza, pela sua parte, salientou que tentaria, sobretudo, entrar em contacto com o sector de sua especialidade: o ensino. «Gostaria de apreciar o sistema politécnico do ensino e saber as dificuldades que surgiram desde o pós-guerra até à última reforma que se processou de uma maneira lenta e baseada num plano onde se traçaram os objectivos a atingir» (afirmou).

O escritor Joaquim Namorado teceu algumas considerações sobre a R. D. A. e o significado daquele visita para a delegação portuguesa. «O contacto com as experiências e os resultados da construção de uma sociedade socialista, o conhecimento dos meios logísticos empregues é fundamental para o planeamfeto da sociedade socialista cuja construção está a ser empreendida pela revolução portuguesa». Referindo-se à sua condição de intelectual, Joaquim Namorado acentuou: «num país em que a cultura é declarada não uma actividade marginal mas como um modo de viver necessariamente que nos interesse esse aspecto da realidade da R. D. A. na medida em que queremos dar ao nosso povo todas as possibilidades de desenvolvimento do seu sentido criador.»

. O capitão Morais Silva, em representação do M. F. A., acompanha a delegação com o intuito de «estabelecer contactos com camaradas do Exército do R. D. A. e aperceber-se da forma como é que as pessoas conseguiram sair de uma situação de País devastado para a realidade actual que só conheço através da leitura de livros».

Por outro lado o porta-voz do M. F. A. declarou que simultaneamente tentaria transmitir na R. D. A. a realidade política portuguesa pois sabia que existe, para além da curiosidade, um verdadeiro interesse daquele País pelo que se passa em Portugal.

HOLDEN AFIRMA SER A FAVOR DO SOCIALISMO

LUANDA, 17 — (R.) — Holden Roberto apelou para a unidade e reconciliação nacionais, de modo a assegurarem o futuro de Angola logo que o antigo território português da África Ocidental se torne independente em 11 de Novembro do ano corrente.

Holden Roberto, presidente da Frente Nacional de Libertação de Angola (F. N. L. A.), discursou em Kinshasa, no Zaire, tendo as suas palavras sido transmitidas pela rádio para Angola.

No discurso — que comemorou o aniversário dos primeiros ataques realizados no Norte de Angola em Março de 1961 pela União do Povo Angolano (U. P. A.) organização a que saudam a F. N. L. A., Holden Roberto censurou a falta de unidade dos angolanos durante a Guerra de 14 anos contra o Governo fascista português, dizendo que foi a principal causa da demora em se conseguir a independência total.

C.D.S. DEFENDE-SE EM PARIS

. PARIS, 17 — (R. F. P.-D. L.) — Jovens liberais europeus de vários países, reunidos, desde há três dias em Paris dirigiram, através do Ministério Português dos Negócios Estrangeiros, um telegrama ao Presidente da República e Primeiro-Ministro de Portugal, com o seguinte texto:

. «Saudando a força dos partidos democráticos portugueses é toda a sua luta contra as manobras das forças antidemocráticas, as organizações de jovens e estudantes europeus, apelam ao Governo português para que garanta a legalidade da próxima campanha eleitoral.

A nossa inquietação é sobretudo pelo relato dos ataques ao Partido do Centro Democrático Social, que é um partido honesto, operando para a realização dos objectivos do 25 de Abril.

Julga-se sempre uma democracia pelo seu grau de pluralismo, liberdade e tolerância, e lamentariamos que estes ideais comuns a todas as democracias da Europa não fossem respeitados no novo Portugal democrático.

Seguimos de perto os esforços do vosso Governo para garantir os direitos de todos os partidos democráticos e fazer cessar os ataques contra o C.D.S. e outros partidos democráticos.

Esperamos que em breve Portugal possa ocupar o seu lugar na família das democracias europeias».

As preocupações destes «jovens liberais europeus» e a sua inquietação podem ser melhor compreendidas se dermos conta que o vice-presidente do C. D. S. esteve presente à reunião da chamada Juventude Europeia. Segundo um telegrama também da «France Press» o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Jean Sauvagnargues, declarou na reunião da Juventude Europeia que se «o ex-general Spínola se tivesse apresentado na fronteira francesa e tivesse pedido para beneficiar de asilo político seria recebido em França».

O ministro francês até respondeu a uma pergunta do vice-presidente do C D. S. quanto aos limites da Europa, nestes confusos termos:

. « preciso uma Europa europeia aberta a todos os que partilham os seus ideiais e suficientemente coerente para exercer uma influência no Mundo.

«Estamos abertos a todos os países e designadamente aos do Mediterrâneo desde que eles estejam animados do desejo de agir em conjunto e de uma vontade europeia comum, pois não vamos diluir a Europa sob o pretexto de a alargarmos».

Grande é pois a actividade do C.D.S. além-fronteiras tentando convencer a «Europa europeia» de que é um partido verdadeiramente democrático.

A IMPORTANCIA DE PORTUGAL SUBLINHADA EM ISRAEL

. JERUSALÉM, 17 — (R.) — Os Estados Unidos e a NATO encontram-se em dificuldades nos dois extremos do Mediterrâneo, afirma hoje o jornal de língua inglesa Jerusalém Post publicado nesta cidade.

As forças de esquerda em Portugal sairam fortalecidas, como era de prever, da malograda intentona de terça-feira passada — escreve em editorial. Essa intentona veio beneficiar a esquerda e em especial os comunistas.

As implicações desse facto para os Estados Unidos e para a NATO são desagradáveis, acrescenta o jornal, segundo o qual Portugal, por ser o país mais ocidental da Europa, representa para os Estados Unidos uma importante base que controla o acesso ao Mediterrâneo. A juntar a isso, existe uma situação confusa no Mediterrâneo Oriental, onde, devido à questão de Chipre se gerou um forte sentimento anti-americano, tanto na Grécia como na Turquia.

Talvez agora os congressistas americanos, que na semana passada chegaram à conclusão de que o auxílio a Israel precisava de ser cuidadosamente estudado, ponderem o facto de que a América possui actualmente poucos amigos seguros no Mediterrâneo Oriental — conclui o editorial.

RECHEIO DE CASA

Vendo em conjunto ou separado, mobília sala jantar e quarto século XVII, conjunto de quarto de bilros, cómoda Luís XV, armário sala lacado, consola e moldura dourada, 2 jogos maples com sofá-cama, estatuetas, quadros a óleo, carpetes, lustres, etc. Trata a porteira, Rua Joaquim António de Aguiar, 9 (junto Praça Marquês de Pombal).

QUADROS A ÓLEO

Assim como estatuetas, «bibiots» e enorme variedade de peças decorativas.

GALERIA ACTUAL

Av. da República, 12

(defronte estação metro Saldanha)

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

O Conselho da Revolução tomará hoje, dia 17, pelas 20 horas, posse no Palácio Nacional de Belém.

MOBILIÁRIO SÉCULO XVII

Fabricante tem em exposição grande variedade e executa por encomenda: mobílias completas, roupeiros, armários, cómodas, papeleiras, etc.

ARTIS

RUA MARIA ANDRADE, 64

(Perto da Igreja dos Anjos)

Estrangeiro

Intensifica-se a luta no Camboja na véspera do quinto aniversário do golpe militar contra Sihanouk

PHNOM PENH, 17 (R.) — A luta pela posse de Neak Luong, a última praça forte do Governo na margem do Mekong, intensificou-se nas vésperas do quinto aniversário do golpe militar que derrubou o príncipel Sihanouk e permitiu a subida de Lon Nol ao Poder.

Observadores militares estrangeiros pensam que as forças nacionalistas da Frente de Libertação farão todos os esforços para assinalarem esse aniversário, amanhã, com a tomada daquela posição estratégica, a 46 quilómetros desta capital.

Mais para Sul, o porto de Kampot, um dos últimos enclaves do Governo no Golfo da Tailândia, tem estado igualmente sob forte pressão das forças de libertação nos últimos três dias, segundo fontes fidedignas. Aquele porto, cercado há várias semanas, é constantemente bombardeado.

Há cerca de um ano travaram-se combates de rua em Kampot, quando os Khmers Vermelhos forçaram a entrada naquela cidade, que chegaram a ocupar parcialmente, antes de serem forçados a bater em retirada.

Entretanto, partiu mais um avião de Phnom Penh com civis evacuados desta capital assediada. Um avião militar francês partiu com 95 pessoas a bordo, na sua maioria franceses, além de chineses, vietnamitas e indianos.

Enquanto os evacuados tratavam da sua documentação na Embaixada francesa cairam mais quatro foguetões no aeroporto, causando uma vítima, e, mais tarde, quando as mesmas pessoas se preparavam para levantar voo do aeroporto, caiu um foguetão nos terrenos da Embaixada francesa, mas não causou estragos.

luta em pleiku

SAIGÃO, 17 — (R) — Artilheiros comunistas voltaram a bombardear com foguetões o Q.G. militar no centro do Vietmane, em Pleiku, enquanto as forças do Vietcong mantêm a pressão em pontos estratégicos ao longo do corredor de 500 quilómetros de Norte para Sul, segundo anunciou hoje o comando de Saigão.

O Q.G. de Pleiku está a ser atacado enquanto a área das montanhas centrais suporta o peso da actual arrancada das forças da Frente Nacional de Libertação.

Fontes militares governamentais disseram hoje que a decisão do comando de transferir alguns efectivos importantes para Nha Trang, na costa, fora tomada devido a Pleiku, a 385 quilómetros a Nordeste de Saigão, poder ser o próximo alvo comunista «e não desejam correr quaisquer riscos».

Os seis foguetões que cairam ontem à volta do Q.G. e do aeródromo da cidade não causaram vítimas — informou o comando.

Foi anunciado ainda continuar a luta à volta da cidade de Ban Me Thuot, o principal centro nas montanhas ao Sul de Pleiku, que forças da F.N.L. afirmam achar-se agora completamente sob o seu domínio, após ser atacada, pela primeira vez, há uma semana.

O comando, que assevera que as suas forças se encontram ainda dentro de Ban Me Thuot, comunicou que pilotos governamentais efectuaram ontem missões de bombardeamento à volta da cidade e que mais quatro tanques comunistas foram destruídos.

ENCONTRO IAN SMITH-VORSTER NA CIDADE DO CABO

CIDADE DO CABO, 17 — (R.) — O primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, encontra-se hoje nesta cidade para conferenciar com o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, o qual está vivamente interessado em que as negociações constitucionais sobre o futuro da Rodésia saíam do novo impasse em que caíram.

Um informador sul-africano disse que as conversações entre os dois dirigentes versarão principalmente sobre a coexistência pacífica entre brancos e negros na África, para o que uma solução do problema rodesiano seria fundamental.

Os dirigentes sul-africanos estão muito interessados no recomeçar das negociações entre o Governo de Ian Smith e o Congresso Nacional Africano, o movimento nacionalista negro da Rodésia.

Os africanos romperam as negociações após a prisão, no passado dia 4 de Março, de um dos seus principais dirigentes, o reverendo Sithole, que é acusado de conspirar para matar outros dirigentes africanos.

O Congresso Nacional Africano e o seu chefe, bispo Abel Muzorewa, consideram essas acusações infundadas, mas o Governo de Smith espera convencê-los, quando o caso de Sithole começar a ser ouvido por um tribunal especial no próximo dia 24.

O Governo de Saigão responsabilizado pela morte do jornalista Leandri

PARIS, 17 — (R.) — Colegas do jornalista francês, que foi morto a tiro pela Polícia de Saigão, no fim da semana, afirmaram hoje que as autoridades daquela capital tinham «a responsabilidade total e indesculpável por esse assassínio».

Paul Leandri, o correspondente em Saigão da agência France-Press, foi morto a tiro quando tentava abandonar o comando da Polícia em Saigão, onde fora chamado para ser interrogado acerca de telegramas que escrevera. A Polícia saigonesa disse que fora um acidente.

Delegados sindicais da France-Press declararam hoje num comunicado:

. «As autoridades de Saigão têm a responsabilidade total e indesculpável por esse assassínio.

«Esse crime, juntamente com as pressões a que o Governo de Saigão sujeitou o nosso colega, deve provocar a firme condenação de um regime que ainda ousa arrogar-se o direito da defesa das liberdades».

O director-geral da agência France-Presse, Jean Marin, declarou numa entrevista que concedeu à Rádio:

. «Morto em terras em revolta, desaparecido para sempre, em circunstâncias desconhecidas, morto por uma bomba, alvejado a tiro pelas costas numa Universidade, durante um motim, morto pela Polícia, eis alguns dos riscos a que, por vezes, um jornalista fica exposto.

«O campo de honra em que caem, às vezes, jornalistas, é o campo da liberdade.»

A Imprensa francesa é unânime em classificar hoje como assassínio a morte de Leandri.

O jornal conservador «Le Figaro» diz:

. «Leandri, uma testemunha precisa e honesta, foi assassinado, pois não há outra palavra para descrever a sua morte pela Polícia de Saigão.»

48 horas no mundo

■ O vice-director da agência noticiosa France-Press em Saigão, Paul Leandri, foi assassinado quando saia do quartel-general da Polícia sul-vietnamita, onde fora interrogado acerca de um artigo que escrevera.

■ Numa terceira fase de saneamento dos quadros das Forças Armadas gregas foram reformados compulsivamente 140 oficiais superiores e subalternos do Exército, Marinha e Força Aérea.

■ Aristóteles Onassis, um dos homens mais ricos do Mundo, faleceu em Paris. Tinha 69 anos de idade.

■ Segundo o «Sunday Telegraph» de Londres, agentes rodesianos negociaram com comerciantes venezuelanos a compra de 28 jactos norte-americanos Sabres.

■ O príncipe Norodom Sihanouk, chefe titular das forças Khmeres de libertação, anunciou em Pequim que poderia tomar a capital cambojana em qualquer altura.

■ Numa manifestação em Bilbau Espanha, ficaram feridas três pessoas, emconsequência de recontros com a Polícia. Entretanto, na capital a Polícia proibiu um encontro de católicos, que devia ser presidido pelo arcebispo de Madrid.

■ O rei Hussein da Jordânia aceitou um convite para visitar brevemente Washington. O convite foi-lhe dirigido pelo secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, actualmente em digressão pelo Médio Oriente, para uma série de conversações que parecem encaminhar-se para um impasse.

ACORDO PÉRSIA-IRAQUE

. TEERÃO, 17 — (R.) — A Pérsia e o Iraque chegaram hoje nesta capital a acordo formal sobre a solução das suas disputas fronteiriças, há muito pendentes.

Os dois países concordaram que a linha Talweg é agora a sua fronteira no disputado rio Shatt-el-Arab. A sua fronteira terrestre ficou também definida.

O acordo de reconciliação de Argel estabelece também o policiamento da fronteira terrestre comum contra a subversão, o que significa, na realidade, que os rebeldes curdos iraquianos perderam as linhas de abastecimento da Pérsia.

GRANDE COMÍCIO DA INTERSINDICAL

UNIDADE NA ACÇÃO A FORÇA DOS TRABALHADORES

FIM AO DESEMPREGO, CONTRA OS DESPEDIMENTOS!
CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA!
PELA ACTUALIZAÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO
PELO FIM DOS MONOPÓLIOS E LATIFÚNDIOS!
PELO SANEAMENTO A TODOS OS NÍVEIS DO APARELHO DO ESTADO!

PELO AVANÇO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO!
PELO REFORÇO DA ALIANÇA POVO/MFA!
CONTRA O FASCISMO PELA DEMOCRACIA!
CONTRA O CAPITALISMO, PELO SOCIALISMO!

TODOS AO CAMPO PEQUENO

INTERSINDICAL

TERÇA-FEIRA DIA 18 ÀS 21 HORAS

PRESENÇA ARTÍSTICA DOS COROS E DANÇAS DOS SINDICATOS SOVIÉTICOS

OS SINDICATOS DO DISTRITO DE LISBOA

FERROVIÁRIOS DO CENTRO, OURIVES E RELOJOEIROS, ECONOMISTAS, ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, PROFESSORES, MÉDICOS, ENFERMAGEM, JORNALISTAS, MÚSICOS, VIDREIROS (DELEGAÇÃO), MAQUINISTAS PRÁTICOS DA MARINHA MERCANTE, TELECOMUNICAÇÕES, JOGADORES DE FUTEBOL, MECÂNICOS DE AÇÚCAR, PROFISSIONAIS DE CINEMA, ESCRITÓRIOS, ELECTRICISTAS, TABACOS, SERVIÇO DOMÉSTICO, ODONTOLOGISTAS, CARTONAGEIROS, GARAGENS, SERVIÇO SOCIAL, TÊXTEIS E LANIFÍCIOS, CAPITÃES E OFICIAIS NÁUTICOS, MOTORISTAS, BANCÁRIOS, PROPAGANDA MÉDICA, COMÉRCIO, ENGENHEIROS TÉCNICOS, METALÚRGICOS, GRÁFICOS

SABEL — Santos & Bento, SARL

Rua de D. Estefânia, n.º 98-A-B — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da lei e dos estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir na sede social, no dia 31 de Março de 1975, pelas 21,30 horas, a fim de:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1974.

2.º — Proceder á eleição de um membro do Conselho Fiscal para o triénio de 1975/77 o qual será imediatamente empossado.

3.º — Tratar de quaisquer outros assuntos de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 7 de Março de 1975

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Henrique Manuel da Luz Rocha

Sociedade Imobiliária Costa & Filhos S. A. R. L.

Capital: 22 000 000$00
Sede.
Praça D. Pedro IV, n.º 1
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos da lei e dos Estatutos, convoco os Senhores Accionistas para se reunirem em Asembleia Geral Ordinária, na sede social, no próximo dia 31 de Março de 1975, pelas 17 horas, com a seguinte ordem do dia:

1.º — Discutir, aprovar e votar o Relatório e Contas do Conselho de Administração, relativo ao exercício de 1974 e Parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Eleição de Corpos Gerentes;

3.º — Deliberar sobre qualquer assunto de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 14 de Março de 1975.

O Presidente
da Assembleia Geral
Amélia Pereira Rodrigues Costa

PARA OS LEITORES DE MEMÓRIA CURTA

O MOVIMENTO FASCISTA INTERNACIONAL ESTEVE REUNIDO HÁ DIAS EM LYON

Notícia para os leitores de memória curta: esteve reunido há dias em Lyon o movimento fascista internacional, dirigido por uma central na cidade suíça de Lausanne, onde o homem forte é o sr. G. Amaudruz.

Esta reunião de Lyon contou com «delegações» vindas da Bélgica, Inglaterra, Suíça, claro, Itália, Canadá e outros países, entre os quais figuraria, por Portugal, uma representa da ultradireita no exílio (ou na expulsão, se se quiser). Interrogações são feitas em muitos círculos acerca de um eventual recrudescimento da actividade fascista, na Europa e não só, encabeçada por estes seguidores do *Mein Kampf* de Hitler.

Em tempo: o movimento de que falamos auto-intitula-se «Nova Ordem Europeia». Na Itália, por sinal, o «Ordine Nuovo» é um dado político a não esquecer, já que a esmagadora maioria dos atentados bombistas ali registados desde finais da década de 60 se lhe deve, segundo a própria polícia finalmente reconhece após os casos do Banco da Agricultura e da estação de Milão.

Para a «Nova ordem» há, desde já, um «ponto de ordem»: devem ser repatriados todos os africanos e asiáticos fixados na Europa e absolutamente proíbidos os casamentos mistos. Em nome de quê? Da «pureza das raças» — ou seja do racismo.

Explica Amaudruz: «É preciso pôr em prática uma verdadeira política biológica, indispensável para melhorar os caracteres hereditários dos povos, que sofrem um desperdício biológico elevado».

Um coeficiente intelectual pequeno e taras físicas são suficientes, segundo este fascismo em voz alta, para que o casamento não seja permitido.

NÃO HOUVE CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO!

Para os novos fascistas os campos de concentração alemães, onde foram assassinados cinco milhões de judeus, não passam duma «mentira posta a correr pelos aliados». Tudo encenação! Há ainda outros (fascistas) que têm uma opinião mais «favorável» sobre os campos de extermínio: foram um «remédio» profundamente «saudável»...

Diz o dirigente fascista francês Maurice Bardèche: «Está reconhecido e provado que jamais houve uma única câmara de gás nos campos de concentração. Os documentos que confirmam a sua não existência estão guardados em Washington, nos cofres fortes do Pentágono».

«A Ordem Nova Europeia» veio substituir o «Movimento Social Europeu», que fora fundado em 1951 na cidade suéca de Malmoe. Segundo os fascistas, esta organização dava nítidos sinais de fraqueza: era necessário que homens fortes e decididos a dirigissem. Assim, logo da primeira apanha encontramos o francês Binet, antigo Waffen SS; o alemão Fritz Roessler, eleito deputado com o nome de Fritz Ritcher; e o italiano Berti.

Dos nomes do Movimento Social Europeu, que se propunha «restabelecer os valores da disciplina e da ordem», caros aos nazis e condenados no processo de Nuremberga, destacamos o já referido Maurice Bardèche, o suéco Per Engdhal, o italiano Ernesto Massi, o alemão Karl-Heinz Prister e o inglês Oswald Mosley.

O LIBERTADOR DE MUSSOLINI

Antigos nazis, como o libertador de Mussolini, coronel Otto Skorzeny, trinta anos depois (como se no homem a capacidade de esquecer fosse sempre superior à capacidade, e necessidade, de recordar) viajam livre e impunemente, pela Europa, reúnem-se com antigos companheiros e novos afins, dão entrevistas aos jornais, à rádio, à televisão.

Senão vejamos o que diz Skorzeny: «O terceiro Reich foi vítima duma traição gigantesca e permanente. A Alemanha não perdeu a guerra por uma questão de inferioridade militar, mas tão somente como consequência da traição do almirante Canaris, do ministro dos Negócios Estrangeiros, Von Ribentropp, de alguns generais da Wehrmacht e da marinha italiana».

«O terceiro Reich foi apunhalado pelas costas», — acrescenta, para sustentar depois com todo o desplante: «Os documentos abandonados na Chancelaria alemã, os trabalhos dos historiadores, os testemunhos escritos e a análise dos comentaristas militares não passam de papel molhado, propaganda política e simples infâmias».

«Sou oficial do exército francês» — disse alguém ao amigo de Mussolini quando saía duma estação de rádio parisiense.

Skorzeny pôs-se em sentido e saudou-o militarmente. O desconhecido olhou-o por momentos, a direito nos olhos. Depois escarrou-lhe na cara.

Junho de 1974: em Brescia (Itália) um denso cortejo fúnebre acompanha ao cemitério os despojos de seis habitantes da cidade vítimas de um atentado bombista de extrema-direita, atribuído ao, mas nunca reivindicado pelo, «Ordine Nuovo», agrupamento de que fizeram parte o príncipe Borghese e outros homens de mão do «putschista» falhado De Lorenzo

Um nazi dos tempos modernos: capacete, emblema, cara dura. Quando nasceu, já Hitler se tinha suicidado no «Bunker» de Berlim

O SEGUNDO "MILAGRE" ALEMÃO

Numa Europa assolada pelas vagas de inflação e da alta nos preços do petróleo, a Alemanha dá-se ao luxo de ter uma balança depagamentos excedentária e uma taxa anual de inflação inferior a 6 por cento, o que leva Pierre Drouin, em artigo no jornal «Le Monde», a analisar este segundo milagre alemão, para concluir, de resto, que o êxito da indústria alemã está principalmente na sua gestão, na estrutura das suas empresas e na massa de trabalhadores. Em suma, na tradição industrial deste país.

Com resultados não muito brilhantes no que diz respeito a crescimento e portanto a emprego (o produto nacional bruto progrediu em 1974 apenas 0,4 por cento contra 5,3 em 1973 e o número actual de desempregados ronda o milhão), a Alemanha não conhece a «estagnação na inflação» (estagflação), o pior dos males que afectam os paises ocidentais.

O segredo do êxito alemão talvez consista na viragem operada no momento exacto. Com efeito, logo nos primeiros meses de 1973, o Governo de Bonn tentou evitar a subida da inflação através de algumas medidas de estabilização, o que permitiu que a bomba petrolífera» viesse a explodir numa atmosfera de descompressão conjuntural que lhe limitou consideravelmente os estragos.

Travada a procura interna, os industriais procuraram no mercado externo, negócios que os compensassem dos que tinha perdido em território nacional.

Factor determinante na saúde económica alemã, é sem dúvida também, uma certa maneira do seu povo se sentir mobilizado para uma causa comum ou para responder a um desafio.

Simples ameaças sobre a capacidade de enfrentar os riscos do tempo de paz os alemães desencadeiam mecanismos de solidariedade que facilitam a acção do Governo. Como exemplo disso, temos a recente sondagem, pela qual se verificava que 61 por cento dos alemães estariam prontos a renunciar a qualquer aumento de salários, se isso se tornasse necessário para sanear a situação económica.

Este rigor leva também 54 por cento dos alemães a considerarem que a tomada de medidas contra a alta de preços é mais importante do que a luta contra o desemprego e a exigir por parte do Governo a mesma autoridade (redução no auxílio ao desenvolvimento, defesa, etc.).

Estas reacções de agora, são muito semelhantes ás do período do pós-guerra, durante o qual os trabalhadores não se importavam de esperar pela satisfação das suas reivindicações até estas passarem a ser possiveis pelo aumento da produção.

Além do facto, do leque de salários ser mais apertado do que na maioria dos países europeus, também o número de encarregados, pequenos chefes, etc. é menos numeroso e com salários quenão diferem muito da massa operária em geral.

Esta estrutura mais harmoniosa das empresas torna a economia alemã numa maravilhosa máquina de exportar — os países do próximo Oriente compraram em 1974 8 por cento da totalidade das exportações alemãs contra 5 por cento em 1973.

Explicações para a agressividade comercial alemã, poderão ser tentadas a vários niveis: desde as abordagens meramente económicas — menor vulnerabilidade à alteração dos termos de troca, relativamente aosprodutores de matérias primu, até ás sócio-económicas, como a que conta com o envelhecimento da população que até 1980, sofrerá uma redução da ordem do milhão, o que susteria a procura interna, reduziria a pressão das importações e incentivaria a procura de novos mercados externos.

No entanto, quando a imagem de marca de uma indústria é realmente boa, como é o caso da Alemanha, até o factor preço tem pouca influência, o que se notou aquando das reavaliaçõs do marco.

Efectivamente não existe «milagre»algum: é a tradição industrial alemã que explica os seus próprios sucessos.

Nacional

DEFINIDAS JÁ TODAS AS TAREFAS DO SERVIÇO CÍVICO ESTUDANTIL

O gabinete da Imprensa do M. E. C. distribuiu aos órgãos de Informação um dossier sobre Serviço Cívico: estrutura, actividade, garantias, enquadramentos e programas.

«O Serviço Cívico Estudantil, é um serviço do âmbito nacional, integrado no Ministério da Educação e Cultura, com uma comissão coordenadora a funcionar em Lisboa, e com delegações regionais (em Lisboa, Porto e Coimbra), delegações distritais em todos os restantes distritos do continente, Madeira e Açores e ligações a nível de concelhio. Estas delegações são compostas por representantes dos Ministérios que tenham interferência nas tarefas realizadas pelos estudantes do SCE, na área do distrito. Serão chamadas a prestar colaboração voluntárias, as autarquias locais, escolas, sindicatos e organizações populares.

Existe ainda uma comissão interministerial, constituída por representantes do Ministério da Administração Interna, Ministério dos Assuntos Sociais, Ministério da Defesa, Ministério da Economia, Ministério da Educação e Cultura, Ministério do Equipamento Social, e Ambiente, Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho Universidades de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro, Sindicato dos Professores, representantes legais dos trabalhadores e estudantes. Esta comissão está directamente dependente do Ministério da Educação e Cultura.

O Serviço Cívico Estudantil cuja criação foi deliberada pelo Conselho de Ministros, visa, entre outros, os seguintes objectivos:

. Assegurar aos estudantes mais adequada integração na sociedade portuguesa e mais amplo contacto com os seus problemas, a par de melhor compreensão das necessidades e carências da população. Garantir maior harmonização do conteúdo e prática do ensino com as situações concretas da vida nacional.

Contribuir para a combinação da educação pelo trabalho intelectual com a educação pelo trabalho manual e quebrar o isolamento da escola em relação à vida, da cidade em relação ao campo.

Contribuir para a reconversão do sistema de ensino, fomentar o espírito de trabalho, colectivo, incentivar a cooperação entre estudantes e o povo trabalhador.

O Serviço Cívico não podendo ser considerado de forma alguma uma solução de emergência para um 1.º ano que não pode funcionar por falta de infra-estruturas faz parte, no entanto, «de uma nova visão do ensino, em que a Universidade deve estar intimamente ligada às realidades e necessidades do povo».

«Uma medida deste alcance nunca poderia ser tomada por um Governo que não tivesse características democráticas e progressistas», conclui o M. E. C.

Por outro lado, «estão a envidar-se todos os esforços para que os candidatos ao 1.º ano de 1974/75, possam entrar na Universidade no próximo ano lectivo.

CARACTERÍSTICAS DO SERVIÇO

«A inscrição dos estudantes no Serviço Cívico Estudantil é voluntária.

O período de duração do S. C. E. dependerá da natureza das tarefas a desempenhar não podendo em caso algum, exceder a data limite de 30 de Setembro do ano escolar correspondente.

A prestação do S. C. E. constitui factor de prioridade no acesso às escolas do Ensino Superior.

Será reduzido o tempo do serviço militar obrigatório aos estudantes que tenham cumprido o S. C. E.

Serão assegurados o alojamento, alimentação e transporte de todos os estudantes que forem deslocados do meio familiar e em funções do S. C. E.

Será assegurada a assistência médica gratuita bem como o seguro contra acidentes, será mantido o direito a abono de família e não serão remunerados.

As tarefas que vierem a ser desempenhadas pelos estudantes não podem ser realizadas em empresas privadas.

Não deverão ser ocupados por estudantes do S.C.E. postos que possam ser preenchidos através do recurso ao mercado de trabalho e não poderão de forma alguma ser utilizados contra os interesses dos trabalhadores, nomeadamente em situação de greve.

Alfabetização, educação, sanitária, animação cultural e desportiva, levantamentos estatísticos e obras públicas, electrificação, esgotos caminhos, reparações ligeiras em escolas, estas últimas em regime de autoconstrução, são alguns dos pedidos enviados pelas Câmaras Municipais e também por Juntas de Freguesia. As tarefas atrás referidas terão, na maior parte dos casos, de ser apoiadas por alguns Ministérios (MESA, Direcção-Geral dos Desportos e Direcção-Geral de Educação Permanente, do M.E.C.; Secretaria de Estado de Saúde do MAS).

Nas campanhas de alfabetização a serem realizadas pela Direcção-Geral da Educação Permanente com a colaboração do M.F.A. será posto em prática o método de Paulo Freire, nos distritos de Castelo Branco, Guarda, Viseu, Bragança, Viana do Castelo, Braga, Porto, Aveiro e zonas urbanas de Lisboa e Porto. Nos restantes distritos, será aplicado o método clássico.

A Direcção-Geral dos Assuntos Culturais propõe a realização de tarefas em bibliotecas, arquivos e museus, escavações arqueológicas e em animação cultural.

Segundo a proposta, este tipo de actividades, incidirá, designadamente na elaboração de inventários, catálogos e bibliografias, no que se refere a bibliotecas, arquivos e museus.

Quanto ao programa de animação cultural junto das populações, será levado a cabo por uma comissão interministerial de que faz parte a Direcção-Geral dos Assuntos Culturais e que está neste momento, já a funcionar, nos distritos da Guarda, Castelo Branco e Viseu.

PROGRAMA DE ANIMAÇÃO DESPORTIVA

A Direcção-Geral dos Desportos, que conta com a colaboração de técnicos do Ministério do Equipamento Social e Ambiente e da Secretaria de Estado da Saúde, apresenta um programa de trabalho que visa o apoio à montagem de infra-estruturas destinadas à prática desportiva, levantamentos estatísticos e documentáveis, como serão os casos do inventário e cadastro das instalações gimnodesportivas.

Por outro lado, a Direcção-Geral do Ensino Secundário, apresenta um programa que, a realizar-se, vai levar a cabo a criação de centros de documentação e informação pedagógica junto das bibliotecas dos estabelecimentos de ensino.

Propõe-se ainda prestar ajuda nos trabalhos em offeset, nas escolas que possuam estas máquinas, ou em serviço técnico ou de apoio na elaboração de jornais da escola.

Estas tarefas, sublinha o programa serão apenas realizadas nos estabelecimentos de ensino dependentes daquela Direcção-Geral.

PROGRAMA PARA A SAÚDE DA COMUNIDADE

O programa do S. C. E. para a Saúde da Comunidade, foi elaborado por uma comissão da Secretaria de Estado da Saúde em colaboração com estudantes candidatos ao 1.º ano da Faculdade de Medicina.

Consiste este programa num levantamento dos recursos existentes nos campos da saúde, hospitais, postos de previdência, centros de saúde, instituições de assistência (menores, velhos e deficientes), fábricas, cooperativas, serviços municipalizados, escolas, sociedades de recreio e cultura, sindicatos e ligas, bombeiros e outras instituições de carácter cívico.

PROGRAMA DO MINISTÉRIO DE TRABALHO

O programa de Prevenção de Riscos Profissionais, apresentado pelo Ministério do Trabalho, consiste em acções a desenvolver junto das fábricas, por equipas de dois estudantes, designadamente, rastreio de deficiências visuais, medição de intensidade luminosa de cada sector da fábrica, noções de primeiros socorros no trabalho, levantamento das condições de higiene e segurança do trabalhador.

PROGRAMA DO MINISTÉRIO DE ECONOMIA

O programa do Ministério da Economia vai ser realizado pela Direcção da Fiscalização Económica e pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais.

A primeira destas direcções-gerais vai ocupar os estudantes em tarefas de averiguação de queixas sobre arrendamentos, nos distritos de Lisboa Porto e Setúbal, e também a divulgação de normas higiénicas em estabelecimentos comerciais na província.

Quando aos estudantes a serem enquadrados pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais, compete-lhes a limpeza de povoamentos florestais nos distritos de Viseu, Guarda, Vila Real, Bragança, Coimbra, Aveiro, Porto, Viana do Castelo, Braga, zonas de Alcobaça, Trafaria, parques da Pena e Monserrate.

É tarefa ainda destes estudantes o esclarecimento sobre a nova legislação dos baldios e a elaboração de inquéritos sobre a actividade silvícola.

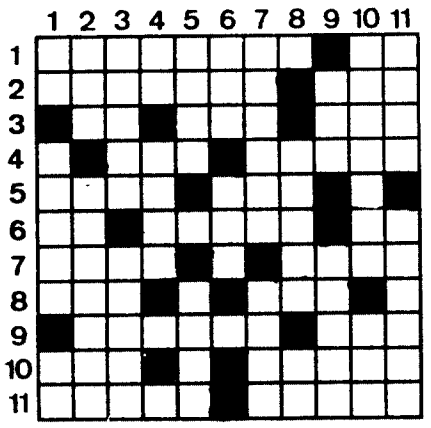
PROGRAMA DO M. E. S. A.

O programa do Ministério do Equipamento Social e Ambiente propõe levantamentos estatísticos para efeitos de elaboração de planos urbanísticos, actualização das plantas topográficas, inquéritos habitacionais de todos os aglomerados populacionais urbanos e rurais.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11034



HORIZONTAIS:

1 Reservar. Grama.
2 Tratares por tu. Transpira.
3 Viração. Dá mios. Suspiros.
4 Claridade. Impera.
5 Magnete. Duzentos e um em romano.
6 Laço. Domesticar. Tempo do verbo haver.
7 Cidade da Alemanha, Guarneceu de asas.
8 Rio da Sibéria. Agarrei.
9 Velhas. Recusa.
10 Prende. Ficar quieto.
11 Saburra na língua. Tiragem da cortiça.

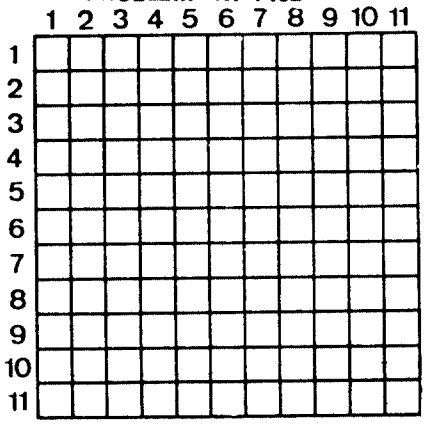
VERTICAIS:

1 Em antiguidades romanas abreviatura de Divus Augustus. Abrigo (fig). Artigo definido.
2 Letra grega. Língua dos Moabitas.
3 Que não ouve. Labutar.
4 Basta. Ainda.
5 Mana. Tosto.
6 General de Napoleão. Novecentos e cinco em romano.
7 Género de orquídeas da América Austral. Guarnecem de asas.
8 Freguesia do concelho de Coimbra. Preposição.
9 Vai para fora. Signos (ant).
10 O mesmo que águia-pesqueira. Duna da Suécia.
11 Descrédito. Madrugada.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7192



HORIZONTAIS:

1 Aperfeiçoas (fig). Nome de frutos.
2 Medida de superfície. Preposição e artigo definido. Guarneço de asas.
3 Zomba. Preposição. Uma das partes do Mundo.
4 Erraras.
5 Preposição latina que designa movimento. Zombar. Bruxa.
6 Escavar. Amónio (s.q).
7 Amofinaram.
8 Brisas. Nome de astro.
9 Escarnece. Anel. Catedral.
10 Cento e seis em romano. Cingis.
11 Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente. Pronome demonstrativo (pl).

VERTICAIS:

1 Lagarta. A Morte.
2 Que tem as cores da íris. Dá uivos.
3 Pronome pessoal. Prefixo de negação.
4 Defumaram.
5 Vila e sede de concelho (Lisboa).
6 Estimar. Preposição.
7 Moderato. Aparelhos de ginástica.
8 Duna na Suécia. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda.
9 Tecido de algodão ou linho muito transparente. Campeão. Apelido.
10 Agarrei. Gomos (prov).
11 Ecoaram. Obrigação.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11033

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 FALEM. Alvor.	1 Final. Muita
2 Imito. Nuas.	2 Amor. CARTAS.
3 Nora. Co. SE.	3 Lírico. Cs.
4 Ari. Catanas.	4 Eta. Balão.
5 Cá. Lava.	5 Mo. Tosara.
6 Co. Teia. Ba.	6 CALEM. Ras.
7 Má. Bom. Fam.	7 Anotai. Pg.
8 Ursas. Piara.	8 Lu. Avá. Iara.
9 It. Larga. Br.	9 V. A. Na. Fa.
10 Tacara. Ruão.	10 Ossa. BARBAS:
11 Assoas. SS.	11 És. Amaros.

PROVÉRBIO FALEM CARTAS, CALEM BARBAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7191

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Salmo. Caril.	1 Samas. Cravo.
2 Amial. Oledo	2 Amua. Arenas
3 Mui. Aer. Sou.	3 Lll. Aluí. Ga.
4 Aa. Mimar. Sr.	4 Ma. Mi. Mac.
5 Aia. Rui.	5 Olaias. Nisa.
6 Al. Só. Iró.	6 Em. Ocos.
7 Crua. Maço.	7 Corar. Atas.
8 Rei. Noa. Ras.	8 Al. Ruim. Ota.
9 An. Misto. Rs.	9 Res. Irar. Ri.
10 Vagas. Átrio.	10 Idos. Ocaria.
11 Osaca. Saias.	11 Loura. Ossos.

ÁGUAS BELAS — FERREIRA DO ZÊZERE

CARLOS BARBOSA GODINHO

FALECEU

CONFORTADO COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Fernanda dos Prazeres Godinho e restante família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido e parente e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 15 horas da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA MEGA — Tel. 86 34 32

Por GINA DE FREITAS

As mulheres e a política

. A mulher portuguesa tem grandes tradições de luta que não podemos esquecer, desde aquelas que no campo da literatura se bateram pela integração da mulher na sociedade, com os mesmos direitos concedidos a qualquer outro cidadão, até às mais obscuras camponesas que, quantas vezes à custa da própria vida, lutaram na clandestinidade e sofreram nas cadeias toda a espécie de torturas da polícia fascista. Entre umas e outras, dois nomes apenas: Adelaide Cadete e Maria Machado.

Subitamente, com a eclosão do 25 de Abril e sem que uma palavra de ordem fosse necessária, as mulheres portuguesas saíram para a rua e, lado a lado com todo o povo, integraram-se num processo revolucionário a quem deram o melhor do seu esforço e do seu entusiasmo.

A partir daí, a sua luta não mais parou. Nem a sua participação. Hoje as mulheres estão em toda a parte, em todas as frentes de luta, digamos, com uma capacidade de energia de que talvez as não julgassem capazes. Mulheres que têm a sua profissão, a sua casa e os seus filhos, a sua vida enfim e que no entanto conseguem tempo para se dedicar integralmente a inumeras actividades de carácter político e social. Até que ponto isso é possível e quais os problemas que tiveram de vencer? Que opcções fizeram?

. Mulheres que , pelo menos algumas, antes do 25 de Abril talvez não estivessem conscientemente interessadas nas condições políticas do seu país. Ou estariam?

. Ouvi-las é a melhor forma de tirar conclusões.

ALICE VIEIRA

Casada com o crítico Mário Castrim, dois filhos. Licenciada em Germânicas, faz crítica de televisão no «Diário Popular» é candidata pela CDE de Lisboa.

— Já te interessavas por política antes do 25 de Abril?

— Já. E muito antes do 25 de Abril!...

— Recordas-te como começou esse interesse?

— Bom, eu pertenço a uma família de velhos republicanos, o meu avô materno era amigo do António José de Almeida, o tio que me criou foi um dos activistas do 5 de Outubro, de maneira que vivi sempre num ambiente tradicionalmente «oposicionista», antifascista, antisalazarista, etc. Eu tinha cinco anos na altura da campanha do Norton de Matos e recordo-me dessa época com uma nitidez espantosa! No entanto penso que foi a campanha do Humberto Delgado que me despertou, conscientemente, para a realidade política e social deste País. Nessa altura eu teria os meus 16 anos, e lembro-me que o maior «choque» (positivo, entenda-se) que sofri foi um discurso notável proferido pelo então capitão Varela Gomes no Centro Republicano Fernão Boto Machado. São daquelas coisas que uma pessoa nunca esquece...

— E depois da campanha do Humberto Delgado?

— Depois disso a minha participação orientou-se para a vida universitária. Eu fazia parte da Pró-Associação da Faculdade de Letras (naquilo a que muito pomposamente se chamava Comissão Cultura!...) durante a crise académica de 61. Foi uma época bastante dura mas havia então, como te deves lembrar, uma muito forte união entre todos os estudantes. É claro que ainda não havia nessa altura os tristemente célebres «gorilas» nas faculdades. Isso foi a última estrebuchante invenção do governo fascista de Marcelo Caetano. No entanto a polícia de choque e os cães-polícias — e, evidentemente, todos os «pides» que proliferavam na Universidade — já não eram brincadeira nenhuma... A única força que lhes podíamos opor era a força que resultava dessa nossa ampla frente unitária de resistência antifascista, e o forte apoio popular que nessa altura **efectivamente** os estudantes tinham.

— Entretanto acabas o teu curso...

— Entretanto acabo o curso, vou para França onde «apanho» com o Maio de 68, volto, e são as eleições de 69 com a campanha da C. D. E.. Nessa altura começo a trabalhar no «Diário Popular», e então a minha actividade política centra-se, evidentemente, no que escrevo, com a consequente repressão da Censura, a todos os níveis. Mas do que foi a censura neste País já muitos falaram e não vale a pena repisar o que foi dito. Era uma luta quotidiana, desgastante, mesquinha, de arrasar os nervos.

— Chega o 25 de Abril e com ele a participação activa das pessoas na vida política do País. No teu caso, achas que esta actividade política colide com a tua actividade profissional, por exemplo?

— No meu caso pessoal, não colide porque tenho um horário muito especial, uma vez que faço crítica de televisão e os dias são divididos entre mim e o meu colega Marcos Rui. Mas conheço pessoas que têm tido sérias dificuldades em conciliar as duas actividades.

— E com a tua vida particular?

— Bom, com a minha vida familiar eu prefiro não empregar o termo «colidir» porque não é exactamente o que se passa. Há, sim, uma completa mobilização familiar, o que me parece extremamente positivo. Cada um contribui a seu modo para que não exista essa tal colisão de que tu falas. Eu tenho uma reunião durante a tarde, por exemplo — e o meu tio oferece-se para ir buscar os meus filhos à escola. Eu vou a uma sessão de esclarecimento e o meu marido tem de ir a outra ao mesmo tempo — e os meus pais ficam com os miúdos até um de nós chegar a casa. (E é claro que às vezes também me acontece levar as crianças comigo, para que elas se vão habituando a participar também...) Uma vez que nenhum deles é activista, digamos que é o seu modo de colaborar no 25 de Abril...

MARIA DA GRAÇA VARELLA CID

Escritora e chefe de departamento de pesquisa da Cinevoz McCann Erickson. Casada, um filho.

— Interessavas te por política, antes do 25 de Abril?

. No último ano da Faculdade (talvez a partir da prisão do meu colega Orlando Costa) comecei a pôr em dúvida todos os valores que uma educação e um círculo familiar eminentemente burgueses me transmitiram. Li, pelos meus próprios meios, desordenadamente, uma série de livros que viriam mais tarde a situar-me politicamente. Desde essa época, (anos 60) não me foi mais possível dissociar qualquer fenómeno da vida do seu contexto político. Por um lado, aquele, vigente, que eu recusava e contra o qual me batia. Por outro, aquele que eu desejava ver implantado e que tão inacessível me parecia. Não obstante um enorme desalento interior, continuava a agir contra a ditadura fascista. Hoje sei que era mais uma questão de princípio do que a certeza de a ver algum dia derrotada. Tenho bem a noção da verdade do que estou a dizer, se atender ao estado de choque emocional que sofri nos primeiros dias após o 25 de Abril. Contudo, relembro a alegria das pequenas vitórias, nomeadamente ter colaborado na eleição da primeira associação de «esquerda» que o ISCSPU jamais teve durante o fascismo. Como me lembro das pequenas e grandes amarguras com que a opressão fascista nos marcou.

— A partir do 25 de Abril sei que tens uma actividade política intensa. Consegues programá-la de forma que ela não colida com a tua vida profissional nem particular?

. A partir do 25 de Abril (e talvez até por um mecanismo de compensação do desalento que atrás referi) a actividade política tornou-se para mim perfeitamente absorvente. Sinto-a, de momento, colidir não só com a minha vida profissonal como até com a minha vida familiar. Mas penso que sou útil e que o meu modestíssimo contributo é aquele segmento de actividade que também colabora, somado ao de tantos outros camaradas, no processo de democratização em curso. Se honesta, objectiva e estruturada, nenhuma actividade política antifascista é inútil. Se o meu filho hoje sentir que eu estou menos tempo junto dele, amanhã (direi que até já hoje) ele compreenderá que da reconstrução de uma sociedade mais justa se trata. Reparará, por certo, que desde já ele é um ser livre — estatuto que eu não tive senão após o 25 de Abril.

— Pensas reequilibrar as tuas actividades profissional e familiar, em detrimento da acção política?

. Nem pensar. Afigura-se-me bem dura a luta que temos de travar pela consolidação da democracia. Felizmente que os meus dois homens (companheiro e filho) lutam a meu lado e eu ao seu. A «família» para nós era dantes um estado de espirito. Além disso, agora, é uma arma de luta.

A Comissão de Extinção da P.I.D.E./D.G.S. recusa as insinuações de Fernando Oneto

. Do Serviço de Coordenação da Extinção da PIDE-D.G.S. e Legião Portuguesa recebemos o seguinte comunicado:

. «1 — Os ataques surgidos nos órgãos de Informação à presidência desta Comissão inserem-se numa ampla manobra de características nitidamente reaccionárias que visam, no fundo desacreditar o processo democrático iniciado em 25 de Abril.

«Trata-se, afinal de mais uma manobra entre tantas outras, que, de forma concertada pretendeu atingir os pontos nevrálgicos da condução do referido processo de democratização, levando à criação de um clima de perturbação da opinião pública.

«Só nesta perspectiva de facto, se podem compreender por exemplo as acusações de «tentativa de criar uma nova Pide».Tais acusações têm sido repetidamente feitas a nível nacional e internacional, pelas forças reaccionárias e é claro o seu intuito de paralisar as forças apostadas na liquidação definitiva e irremediável do fascismo.

«Agitando o espantalho da criação de uma polícia política que, de qualquer modo, pudesse utilizar elementos constantes dos arquivos e ficheiros da ex-PIDE pretende-se criar um clima emocial que no fundo, conduza à neutralização de quaisquer actividades sérias e profundas de averiguação das responsabilidades de todos aqueles que estiveram ligados aos mecanismos da repressão política durante o fascismo.

«Se é certo que a situação democrática instaurada no nosso País em 25 de Abril necessita de meios de defesa das conquistas populares que tal situação representa, é profundamente ridículo pretender-se que, a partir desta Comissão, se possa instaurar ou legitimar qualquer órgão de carácter policial destinado a preencher tais fins.

«2 — A consolidação da democracia em Portugal, em que o M.F.A. está totalmente empenhado, juntamente com as forças verdadeiramente democráticas exige o apuramento das responsabilidades dos elementos da D.G.S. e L.P.

«Naturalmente, 48 anos de atropelo aos direitos do Povo Português na mais completa impunidade dos agentes da repressão fascista, fazem com que o trabalho da Comissão de Extinção constitua uma tarefa que, qualitativa e quantitativamente, se reveste do mais alto interesse nacional.

«Ora, o facto é que, por diversas razões não foi possível imprimir aos trabalhos da comissão o ritmo exigido pela necessidade do rápido e completo desmantelamento do aparelho de repressão fascista. Impõe-se portanto que com urgência sejam prosseguidas com firmeza objectividade e profundidade as diligências em curso para aquele efeito. Obviamente, uma tarefa como esta não se compadece com a pretensão de determinados individuos procurarem afirmação ou promoção pessoal. O problema é, pois de todos os portugueses verdadeiramente interessados no avanço do processo democrático pelo que esta comissão se reserva o direito que é também acima de tudo sua obrigação de tomar todas as medidas necessárias para que o desmantelamento da D.G.S. e da L.P. avance com decisão e rapidez.

«3 — Dos dois civis Fernando Oneto e Alfredo Caldeira, só o segundo foi dispensado pelo actual presidente interino major Nápoles Guerra, tendo o primeiro pedido a sua demissão em 20 de Dezembro do ano findo, data a partir da qual não mais compareceu ao serviço a não ser em fins de Janeiro quando, surpreendenmente, se dirigiu aos serviços administrativos pretendendo receber a sua gratificação. É evidente que esta não lhe foi paga, pois gratificações só são pagas a quem trabalha. O motivo apresentado ao então presidente da Comissão para pedir a sua demissão foi o não aceitar o enquadramento militar que lhe havia sido então posto.

«Os motivos de dispensa do civil Caldeira foram-lhe na altura comunicados e relacionavam-se exclusivamente, com métodos e processos de trabalho.

«4 — Constitui pura especulação sem qualquer fundamento sério a afirmação de que a saída do civil Fernando Oneto significa por qualquer forma, um entrave às investigações sobre o caso Humberto Delgado. Este processo exemplar do modo como o regime fascista perseguia e eliminava os seus opositores foi enviado ao Tribunal Militar, terminada a sua instrução em 20 de Agosto de 1974, encontrando-se fora da alçada desta Comissão. Quaisquer investigações complementares que, porventura possam estar a decorrer, situam-se fora do âmbito da Comissão pelo que se desconhecem os motivos pessoais que possam ter levado o sr. Oneto a ter qualquer espécie de participação nos mesmos.

«5 — Esta Comissão reafirma que, orientada exclusivamente pela defesa dos interesses do Povo Português, naquilo que estes têm a ver com a esfera da sua competência, prosseguirá com firmeza e determinação e sem ambiguidades nem contemplações para quaisquer manobras oportunistas de carácter pessoal, as tarefas que lhe incumbem.»

A "BICA" FOI ARMA NO CAFÉ "PALLADIUM"

A partir de hoje, a «bica» deixou de ser uma arma nas mãos dos trabalhadores do Café «Palladium», passando a ser vendida ao preço legal, ou seja a 2 escudos e 50 centavos. Conforme há dias anunciámos, os empregados de balcão e de mesa, daquele estabelecimento dos Restauradores, tinham iniciado uma greve pouco vulgar ao recusarem-se a subir o preço da «bica», enqunto as suas reivindicações não fossem satisfeitas pela entidade patronal. Reivindicações que se resumiam no aumento dos salários de três contos e quinhentos para quatro contos e quinhentos e na construção de novos balneários, já que os existentes, segundo afirmação do porta-voz dos trabalhadores, «eram mais próprios para bestas do que para seres humanos».

Estas exigências foram parcialmente satisfeitas e os trabalhadores do «Palladium» decidiram «enterrar a arma de luta», regularizando o preço da «bica» à semelhança do que já tinha acontecido em todos os estabelecimentos congéneres do País.

IBM

ALTERAÇÃO DE NÚMEROS TELEFÓNICOS

A Companhia IBM Portuguesa SARL comunica que os n.os de telefones das suas instalações da Praça de Alvalade, 7 — LISBOA — passam a ser os seguintes, a partir de 15 do corrente :

894161
899101
898001
894041

Nacional

"DIREITOS DO HOMEM"

. A propósito da notícia «Direitos do Homem» publicada no Diário de Lisboa, no dia 11, em que se fazia referência ao suicídio de um ex-militar, recebemos da Comissão de Delegados Sindicais Representantes de Trabalhadores de Grémios Facultativos (da qual o referido militar faria parte) o seguinte esclarecimento:

. «1.º Aquele nosso colega foi-lhe negada, na verdade, pela União dos Grémios de Lojistas de Lisboa, a sua reintegração naquele organismo após cumprimento do serviço militar, aliás de curta duração.

2.º Não esteve, porém, o nosso colega em missão de serviço em África, pelo que se julga oportuna e necessária a devida rectificação, por forma a que a opinião pública não tire conclusões erradas ou emocionais que não procuramos.

3.º Esta Comissão deseja apenas a verdade eo apuramento dos responsáveis por uma situação que entendemos poderia ter sido evitada.

4.º Permitimo-nos chamar a atenção de V. Ex.as para o comunicado que, sobre o assunto, esta Comissão em tempo oportuno enviou a esse Jornal.»

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

AUMENTE AS SUAS VENDAS
Distribua **BALÕES PUBLICITÁRIOS**
Fábrica Nacional LATEX-DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779 PORTO

n/t PRÍNCIPE PERFEITO

Aceitam-se propostas até 28 do corrente mês para a compra deste navio, exclusivamente de compradores portugueses e para exploração sob bandeira nacional.

O navio tem capacidade para o transporte de 1.000 passageiros.

As suas características principais são :
Comprimento FF — 190,43 m
Calado máximo — 7,77 m
Arqueação bruta — 19.392,66 T
Porte — 8.600 T
2 turbinas a vapor, de 12.000 BHP cada
Consumo: 115/117 T a cerca de 18 nós
145/150 T a cerca de 20 nós
Combustível — IFO (1.500 seg)
2 estabilizadores Dermy Brown
322 cabines, sendo 24 de 1 passageiro, 188 de 2, 50 de 4, 40 de 6 e 20 de 8
Equipamento completo de ajudas à navegação e TSF
Tripulação — 319 pessoas
Ar condicionado em todo o navio

O navio tem certificado de classificação válido até Junho de 1975 e poderá ser entregue em Lisboa na segunda metade de Abril deste ano.

A venda está sujeita a autorização das autoridades portuguesas e o vendedor reserva-se o direito de rejeitar qualquer das propostas apresentadas.

Os interessados deverão apresentar propostas firmes para :

Administração da Companhia Nacional de Navegação
Rua do Comércio, 85 — Lisboa

CONSTRUÇÕES CANTIAL, LIMITADA

Avenida Professor Egas Moniz, n.º 40-B, r/c.
Telefone 276 15 57 — COVA DA PIEDADE

TEM PARA VENDA

NA COVA DA PIEDADE (Avenida Professor Egas Moniz)

Cave e r/c., c/ a área cada de 164 m2.

ALUGADOS

Estab. c/ cave c/ 164 m2 e r/c. c/ 230 m2 ..... Renda Anual — 128 000$00
Estab. c/ cave c/ 180 m2 e r/c. c/ 115 m2 ..... Renda Anual — 96 000$00
Estab. 1.º andar (em galeria) c/ 130 m2 ..... Renda Anual — 72 000$00
Estab. 1.º andar (em galeria) c/ 130 m2 ..... Renda Anual — 66 000$00
Estab. 1.º andar (em galeria) c/ 106 m2 ..... Renda Anual — 60 000$00

NA COVA DA PIEDADE (Rua A à Estrada das Barrocas)

ALUGADOS

Armazém c/ a área de 620 m2 ..... Renda Anual — 90 000$00
Armazém c/ a área de 620 m2 ..... Renda Anual — 90 000$00

EM CONSTRUÇÃO

NA COVA DA PIEDADE (Avenida Rainha D. Leonor)

Andares c/ 2, 4 e 5 casas assoalhadas.
Garagens independentes c/ a área de 80 m2.

NO LARANJEIRO (Frente ao Alfeite)

Andares c/ 2, 3, 4 e 5 casas assoalhadas.
Armazéns c/ 360 m2 e 437 m2.
Estabelecimento c/ 325 m2.

CONSTRUÇÃO ESMERADA ACABAMENTOS DOS MELHORES MOSTRAMOS ANDAR PADRÃO

Até 31 de Março de 1975, os andares para habitação ou rendimento (mesmo em construção), os nossos preços estão isentos de sisa.

TERRENOS
LOTES APROVADOS

EM ALMADA (Fontainhas — Junto ao novo Liceu e futuras Escolas Técnicas)

Alvará n.º 18, passado pela Câmara Municipal de Almada.
Lote destinado a 26 Inquilinos de habitação, 4 de comércio em 2 pisos e 1 Armazém para Comércio ou Estabelecimento.
Projecto aprovado pronto a levantar licença

NO LARANJEIRO (Frente ao Alfeite)

Alvará n.º 36, passado pela Câmara Municipal de Almada.
Lote destinado a 20 Inquilinos de habitação 2 de comércio e 1 Garagem ou indústria e no nono andar porteira e atelier.
Projecto aprovado pronto a levantar licença.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICOS SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA

ADMITEM-SE ENFERMEIRAS/OS E AUXILIARES DE ENFERMAGEM

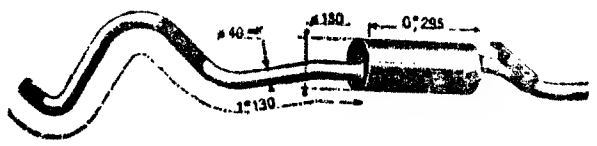
para os seguintes Postos Clínicos :

Posto Clínico n.º 29 (Alhandra)
Posto Clínico n.º 40 (Pero Pinheiro)
Posto Clínico n.º 52 (Torres Vedras)
Pohto Clínico n.º 58 ((Azambuja)
Posto Clínico n.º 91 (Mafra)
Posto Clínico n.º 95 (Vialonga)
Posto Clínico n.º 97 (Venda do Pinheiro)
Posto Clínico n.º 114 (Caneças)

Os candidatos devem dirigir os seus requerimentos à Avenida Estados Unidos da América, n.º 77-10.º, em Lisboa-5.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE
BORTEX



Substituições em menos de 60 minutos!...
na Rua do Arco do Carvalhão, 75-A — Telef. 65 07 63
e Rua de Entrecampos, 10-A — Telef. 76 90 84

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES
Av. João XXI 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA-LIVRARIA MAGALHÃES

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Para os devidos efeitos se declara que a abertura do Concurso Público n.º 3-0051/75, respeitante a obras de alteração, beneficiação e pinturas gerais na Lavandaria do Hospital de S. José, se verificará no próximo **dia 30 de Abril** e não em 31 de Março, como no mesmo foi indicado.

Com os meus cumprimentos,

O Chefe do Serviço
Alexandre Pinheiro

HOSPITAL DA ORDEM TERCEIRA
R. Serpa Pinto, 7—Lisboa
T. 370121

Clínica particular
desde 1674,
das maiores da Europa
Quartos - Enfermarias
7 salas operações
MATERNIDADE
permanente para doentes
das Caixas e particulares
Cerca de 100 médicos
ao serviço

Medicina

CORRER COM REGULARIDADE AJUDA A PERDER PESO

. . . . Uma grande corrida faz perder pouco peso. Contudo, praticado com regularidade, este exercício provoca considerável redução ponderal. Um novo estudo, de uma equipa de investigadores da Academia da Força Aérea do Colorado, mostra qual é exactamente o consumo calórico provocado por uma corrida de cerca de 2500 metros, relativamente ao peso do corredor e à velocidade com que faz a prova. Por exemplo, um homem de 77 kg que faz aquele percurso em oito minutos, consome 175 calorias. Se correr mais devagar, demorando 16 minutos, gastará 157 calorias. Um homem de 55 kg consumirá menos calorias no mesmo exercício e, um de 100 kg, consideravelmente mais. Um achado deste estudo é o facto dessa pessoa que faz a prova com calma poucas menos calorias «queimar» do que um indivíduo que se esfalfe. No caso do homem de 77 kg, o consumo calórico a pequena velocidade é inferior ao da corrida rápida, em apenas 18 calorias. Claro que para «queimar» cerca de meio kg de gordura é necessário um dispêndio de 3500 calorias e o exercício, só por si, não o consegue. É preciso fazer dieta, com as calorias ingeridas bem contadas. Mas, se se puder manter uma perda diária de 100 calorias, através do exercício, no período de um ano resultará uma perda de peso de mais de quatro e meio kg. Este trabalho experimental também aponta as limitações do exercício, só por si, na redução do peso. Mas salienta, por outro lado, a sua importância, não só para o balanço calórico, como também para a educação da vontade. Neste aspecto de adaptação pessoal, a corrida rápida é preferível.

A ARTRITE REUMATÓIDE RESULTA DE UMA INFECÇÃO?

. . . . A Medicina comparada procura, há muito tempo, doenças-modelo, em animais, de onde possam ser deduzidas a natureza e a terapêutica das afecções reumáticas humanas. Investigadores das Escolas Médica e Veterinária de Hanover, trabalhando em conjunto desde 1971, avançaram algunas passos neste caminho. A partir de várias bactérias, particularmente da que causa o mal rubro do porco, foi possível obter estirpes que produzem, nas articulações dos animais, modificações crónicas semelhantes às da artrite reumatóide humana. Os cientistas depositam grandes esperanças nos estudos bioquímicos e imunológicos actualmente em curso. Estes trabalhos poderão vir a definir se as analogias detectadas por aquele estudo comparativo são ou não legítimas.

ECOCARDIOGRAFIA-ULTRA-SONS ESTUDAM O CORAÇÃO

Uma nova técnica de diagnóstico das doenças do coração, baseia-se nos ultra-sons. Não implica a introdução de tubos nas cavidades cardíacas, nem o preenchimento destas por meio de substâncias radiopacas, como é o caso dos métodos mais antigos o cateterismo cardíaco e a angiocardiografia. Permite obviar aos riscos do cateterismo e às limitações dos Raios X. A técnica dos ultra-sons implica a interferência com a massa do coração de ondas sonoras cuja alta frequência as torna inaudíveis. Graças a um equipamento especial, estas ondas «desenham» o coração numa imagem chamada ecocardiograma. A ecocardiografia é rápida e não envolve os perigos e azares dos cateteres e das radiações.

Por ser utilizada em doentes ambulatórios das consultas externas, fornecendo as informações básicas que até ao presente só a angiocardiografia e outras técnicas complexas, difíceis e perigosas podiam dar. Em certos casos, proporciona mesmo dados que nenhum outro método garante. Contudo, o ecocargiograma não é ainda um exame de rotina, nem um subtítulo de todos os cateterismos. «A nossa meta é eliminar o cateterismo cardíaco logo que o possamos fazer» — explicou à Associação Americana de Cardiologia, o dr. Harvey Feigenbaum, o perito em ecocardiografia da Universidade de Indianápolis.

OS FUMADORES JÓVENS TAMBÉM NÃO SERÃO POUPADOS?

Os jóvens fumadores fumam cigarro após cigarro, alegando que os danos provocados pelo fumo, tais como o enfisema e o cancro do pulmão não os atacarão pelo menos, nos anos mais próximos. Resultados de experiências publicados em «New England Journal of Medecine» (10 de Outubro) mostram-nos agora, pela primeira vez que os pulmões desses jóvens já estão a ser atacados.

Dennis E. Niewoehner e a sua equipa do «Saint Luke's Hospital» em Cleveland estudaram 20 jóvens que não tinham o vício do tabaco e 19 fumadores. Descobriram que todos os fumadores tinham alterações patológicas nos canais periféricos e que um dos efeitos do tabaco era a bronquite respiratória. Somente 5 dos não fumadores apresentavam anomalias semelhantes.

«Estas lesões», concluiram os investigadores «podem ser antecessoras de lesões anatómicas muito mais graves. A ausência da destruição dos tecidos ou a fibrose neste estádio da doença sugerem que estas lesões estão ainda susceptíveis de regressão e salientam a importância de campanhas para controlar e eliminar o cigarro na população mais jóvem».

MSD Colaboração dos Serviços Profissionais da MERCK SHARP E DOHME

TENDÊNCIAS EM MEDICINA

DIAGNOSTICANDO DEFEITOS NUM NASCITURO

Por WALTER FROEHLICH

Um jovem casal preocupado, entrou no consultório do Dr. Henry . . Nadler, no Hospital Children's Memorial, com uma pergunta urgente. .

Três das irmãs da mulher eram atrasadas mentais, e esta já tinha tido um filho gravemente atrasado, que morreu antes do ano. Seria a criança, que o casal esperava agora, também atrasada

Considerando a história da família, a única resposta que qualquer médico poderia ter dado há alguns anos atrás, seria que havia grandes probabilidades. Uma resposta tão vaga e estatística, não teria reduzido os receios e o «suspense do casal.

O dr. Nadler realizou agora um teste, que lhe permitiu responder sim ou não. Anestesiou localmente o abdómen da mulher, introduziu uma agulha hipodérmica fina e retirou uma quantidade reduzidissima do fluído que envolve o bebé no útero.

O fluído continha células descamadas do corpo do bebé em crescimento. O dr. Nadler fez uma cultura dessas células no laboratório. Adicionou-lhes uma solução salina, que as rompeu e separou os cromossomas onde se encontram os genes transmissores de características hereditárias duma geração para a outra.

Fotografou estes cromossomas com um microscópio potente, ampliou a fotografia, e verificou que, em vez de 46 cromossomas normais, havia 47, indicação sintomática de que o bebé teria o sindroma de Dow, ou mongolismo, uma modalidade grave de insuficiência mental.

Ao ter conhecimento, o casal não hesitou. Não quiseram experimentar a dor de trazer ao mundo outra criança gravemente diminuida. Recorreram ao aborto, o qual se realizou.

Alguns meses depois, a mesma mulher voltou ao dr. Nadler. Estava novamente grávida, e desta vez o dr. Nadler verificou que os cromossomas do nasciturno eram normais em tamanho, forma e número. Um par dos cromossomas era o que os médicos chamam um par «XX», indicando que o bebé era uma rapariga. (Um rapaz tem um par «XY».

Com um sorriso, o dr. Nadler comunicou ao casal o que eles ansiavam ouvir: «Parece que vão ter um bebé normal uma rapariguinha. «Meses depois, nasceu ao casal uma rapariga saudável.

Com ligeiras variantes, esta história repete-se, quase diariamente, nos Estados Unidos. Verifica-se nos hospitais e nos «centros de conselho genético». De há 20 anos a esta data, o número destes centros nos Estados Unidos aumentou de 12 a mais de 150, havendo, pelo menos, um em quase todas as áreas populacionais principais.

A possibilidade, recentemente alcançada, de diagnosticar alguns defeitos denascença antes do nascimento, é um dos progressos mais prometedores em medicina. oderá a ajudar a antecipar o tempo em que os médicos poderão assegurar a todos os seres humanos o que alguns chamam « direito a um nascimento íntegro e saudável e uma oportunidade para uma vida feliz e útil .

O processo que foi utilizado na mulher, chama-se «amniocentesis . O nome procede do fluído amniótico, no qual um feto «nada antes do nascimento. Além do sindroma de Down, pode-se detectar, agora, através da amniocentesis, mais de 30 doenças hereditárias, que podem prejudicar gravemente o nasciturno. Este número aumentará quase de certeza.

As lesões no feto, outrora frequentes, provocadas por doenças infecciosas, diminuiram bastante, devido à acção das vacinas e doutras medidas de saúde. As lesões obstétricas durante o parto, vão-se tornando raras, mediante técnicas obstétricas modernas.

Daí resulta que as doenças hereditárias sobressaem claramente como um bloco principal, para satisfazer o objectivo de conseguir crianças livres de condições incapacitantes física ou mentalmente. Os investigadores americanos estão empenhados numa exploração mais profunda das sequências dos acontecimentos, ainda misteriosos, ocorridos durante os meses decisivos, em que a vida começa.

or volta dos anos 60, o dr. Nadler cultivava células de pele no seu laboratório e examinava a sua estrutura cromossomica e actividade enzimática para provar a doença hereditária. Um dia teve um pensamento fascinante. Se as células de pele podem revelar por que razão não se podia prognosticar essas situações no nasciturno, por meio de um exame às suas células?

A ideia era plausivel, pois 12 anos antes, tinha-se desenvolvido a amniocentesis para outro tipo de diagnóstico.

Nessa altura, usava-se este processo para investigar a doença do RH, em que os diferentes tipos sanguíneos da mãe e do feto podem causar problemas graves, por vezes fatais, para o nasciturno.

ela análise da composição do líquido amniótico, os médicos podiam controlar a situação da criança. O dr. Nadler aplicou a sua técnica às células vivas, libertadas pelo feto no fluído amniótico.

isto que esta técnica envolve um risco de lesão, embora pequeno, para o feto, ela é únicamente aconselhada para «casos de grande risco casais com ascendência, fratria ou já com filhos, marcados por anomalias gravemente incapacitantes.

Ainda não há à disposição tratamentos eficazes para muitas doenças genéticas, assim como não há ainda meios para as prevenir. Mas o processo tem vantagens nalgumas outras situações.

or exemplo, na Escola Médica da Universidade da Califórnia, em San Diego, uma equipa de investigação tem estado a examinar os componentes do líquido amniótico para determinar se o pulmão do feto está suficientemente apto para funcionar regularmente após o nascimento.

Este teste é útil antes da indução do parto ou da cesariana. O nascimento pode, por vezes, ser retardado, até que os pulmões estejam suficientemente desenvolvidos para permitir a vida.

Se os testes mostrarem que um feto tem defeitos irrecuperáveis, que votariam uma criança ao fracasso durante toda uma vida, os pais podem decidir se querem ter a criança ou terminar com a gravidez, no caso de viverem sob uma jurisdição, em que o aborto terapêutico seja legal.

nvestigadores nos Estados Unidos encaram estas novas técnicas, como sendo só um degrau para uma nova era da medicina, em que tais diagnósticos possam ser completados por medidas correctivas.

Os conceitos de «engenharia genética e «cirurgia genética» para remediar os erros da natureza nos genes de uma célula estão a deslocar-se gradualmente do plano da teoria para o da prática.

im médico pode agora, segundo esta nova concepção alterar um gene defeituoso com produtos químicos. Ou pode ainda injectar deliberadamente, numa célula, um vírus determinado que fornece à célula um bom componente hereditário para substituir um alterado.

Quando esta investigação der frutos, aliar-se-á ao milagre do nascimento, um milagre da medicina moderna.

CHOCOLATE QUEIJO E ENXAQUECAS

John Fothergill, muito depois do início das suas célebres dores de cabeça, publicou em 1874 o primeiro ensaio clínico relacionando as enxaquecas com o consumo de alguns tipos de alimentos.

Descobriu que muitos dos seus doentes se queixavam de enxaqueca depois de comerem queijo.

Só em 1967 outro médico inglês Edda Haninghton, concluiu que a tiramina do queijo era o elemento desencadeante da dor de cabeça.

Três anos mais tarde, Haninghton afirmou que o mais comum «gatilho alimentar é o chocolate.

Obviamente, a questão era saber que substâncias químicas comuns existiam nestes dois alimentos. ensou-se ser a feniletilamina, que o chocolate contém em grandes quantidades e que é comum a muitos, mas nem a todos, os queijos.

Continua na pág 22

Desporto

Resultados e classificações

1.ª DIVISÃO

RESULTADOS:

Benfica - CUF	1-0
Espinho - Oriental	1-3
Boavista - Sporting	2-0
Leixões - Belenenses	2-0
Farense - Olhanense	2-1
Tomar - Académico	1-4
Atlético - Porto	1-2
Setúbal - Guimarães	0-4

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BENFICA	25	18	6	1	50-8	42
Sporting	25	15	7	3	48-19	37
Porto	25	15	5	5	46-27	35
Guimarães	25	14	5	6	53-29	33
Boavista	25	13	6	6	50-25	32
Belenenses	24	11	4	9	35-32	26
Farense	24	11	3	10	35-35	25
Leixões	25	8	8	9	25-29	24
CUF	25	8	6	11	28-35	22
Setúbal	25	7	7	11	34-32	21
Atlético	25	8	5	12	30-57	21
Tomar	25	7	5	13	29-47	19
Oriental	25	5	8	12	19-40	18
Académico	25	6	5	14	27-40	17
Espinho	25	4	5	16	21-51	13
Olhanense	25	4	5	16	34-58	13

PROXIMA JORNADA:

Oriental - CUF
Sporting - Espinho
Belenenses - Boavista
Olhanense - Leixões
Académico - Farense
Porto - Tomar
Guimarães - Atlético
Setúbal - Benfica

2.ª DIVISÃO:

ZONA NORTE
RESULTADOS:

Oliveirense - Penafiel	0-1
Paços Ferreira - Varzim	0-1
U. Coimbra - Braga	1-3
Tirsense - Fafe	3-0
Régua - Famalicão	3-2
Riopele - Sanjoanense	4-1
Feirense - Chaves	0-0
Lourosa - Gil Vicente	2-0
Beira-Mar - Alba	2-1
Salgueiros - Vilanovense	1-1

CLASSIFICAÇÃO:

	V.	E.	D.	B.	P.
BRAGA	15	6	6	34-19	36
Beira-Mar	13	9	5	42-18	35
Varzim	12	8	6	39-18	32
Famalicão	12	7	8	39-27	31
Riopele	12	7	8	37-25	31
Sanjoanense	11	8	8	27-31	30
Penafiel	10	9	8	24-20	29
Gil Vicente	11	5	11	32-25	27
P. Ferreira	9	8	10	37-33	26
Alba	12	2	13	30-42	26
Salgueiros	10	6	11	39-39	26
Desp. Chaves	8	10	8	23-23	26
Régua	10	6	11	27-42	26
Fafe	9	7	11	21-25	25
U. Coimbra	11	3	13	39-42	25
Lourosa	8	9	10	39-27	25
Oliveirense	7	8	12	28-42	22
Feirense	7	7	13	21-43	21
Vilanovense	6	9	12	18-32	21
Tirsense	7	4	16	24-43	18

PRÓXIMA JORNADA:

Varzim - Penafiel
Braga Paços Ferreira
Fafe - U. Coimbra
Famalicão - Tirsense
Sanjoanense - Régua
Chaves - Riopele
Gil Vicente - Feirense
Alba - Lourosa
Vilanovense - Beira-Mar
Salgueiros - Oliveirense

ZONA SUL
RESULTADOS:

C. Piedade - Portimonense	1-2
Estoril - Montijo	4-1
Estrela - Caldas	1-1
U. Leiria - Torriense	5-1
Sesimbra - Juventude	2-1
Lusitano - Almada	3-0
Odivelas - Torres Novas	3-2
Peniche - Marinhense	1-1
Barreirense - Marítimo	0-0
Montemor - Sintrense	0-0

CLASSIFICAÇÃO:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
ESTORIL	27	17	8	2	68-19	42
Barreirense	27	16	8	3	47-18	40
Portimonense	27	14	6	7	49-31	34
Marítimo	27	14	6	7	48-29	34
Caldas	27	10	12	5	44-26	32
Torriense	27	14	3	10	46-39	31
Montijo	27	13	5	9	40-31	31
U. Leiria	27	11	5	11	43-39	27
Marinhense	27	8	11	8	37-23	27
Portalegre	27	7	13	7	24-27	27
Sesimbra	27	9	8	10	25-36	26
Peniche	27	5	14	8	17-22	24
Almada	27	8	8	11	38-48	24
Juventude	26	9	5	12	24-30	23
Lusitano	27	7	9	11	24-44	23
Sintrense	27	6	10	11	18-35	22
Montemor	27	8	6	13	28-39	22
T. Novas	26	6	7	13	24-51	19
Odivelas	27	7	2	18	33-61	16
C. Piedade	27	4	6	17	15-44	14

PROXIMA JORNADA:

Montijo - Portimonense
Caldas - Estoril
Torriense - Estrela
Juventude - U. Leiria
Almada Sesimbra
Torres Novas - Lusitano
Marinhense - Odivelas
Marítimo - Peniche
Sintrense Barreirense
Montemor - Cova da Piedade

PASSAGENS
PARA QUALQUER PARTE DO MUNDO
DE AVIÃO, DE BARCO, DE COMBÓIO, OU AUTOCARRO, RIGOROSAMENTE AOS PREÇOS OFICIAIS
ALUGUER DE AUTOMÓVEIS COM OU SEM CONDUTOR, EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO
RESERVA E EMISSÃO IMEDIATA
UMA FACILIDADE
QUE POMOS AO SEU SERVIÇO, POUPANDO-LHE TEMPO E INCÓMODOS
PAGUE SUAVEMENTE COM CREDI-STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

TOTOBOLA
A CHAVE

ESPINHO - ORIENTAL	2
BOAVISTA - SPORTING	1
LEIXÕES - BELENENSES	1
FARENSE - OLHANENSE	1
U. TOMAR - ACADÉMICO	2
ATLÉTICO - PORTO	2
SETÚBAL - GUIMARÃES	2
P. FERREIRA - VARZIM	2
U. COIMBRA - BRAGA	2
RÉGUA - FAMALICÃO	1
C. PIEDADE - PORTIMONENSE	2
U. LEIRIA - TORRIENSE	1
PENICHE - MARINHENSE	X

NACIONAIS DE FUTEBOL

TUDO AZUL PARA OS "ENCARNADOS"

Três treinadores estreitamente ligados à vida e à carreira do Belenenses (Fernando Riera, Carlos Silva e Peres Bandeira) não conseguiram melhor do que três ex-jogadores do Benfica, agora a treinarem outras equipas da 1.ª Divisão nacional (Artur Santos, José Torres e Fernando Caiado): todos perderam os encontros referentes à 25.ª jornada do «Nacional» maior, uma jornada que teve (afinal) um único triunfador chamado Benfica. Na verdade, o grande beneficiado da ronda número 25 foi o Benfica, que levando de vencida o Desportivo da C.U.F., beneficiou da derrota imposta pelo Boavista ao Sporting. Assim, a cinco jornadas do fim, o Benfica é o grande favorito, pois tem uma vantagem de cinco pontos sobre o seu mais directo adversário (exactamente o Sporting), podendo-se dar ao luxo de empatar (pelo menos) todos os jogos que lhe faltam disputar.

Para além deste pormenor, há a salientar a luta que os últimos estão a travar entre si: ontem foi a fez do Oriental e do Académico vencerem fora do seu reduto e na casa de dois clubes do «seu campeonato»: o Espinho e o União de Tomar, respectivamente.

Surpreendente (também) a facilidade com que o Vitória de Guimarães se livrou de um Vitória de Setúbal que ainda corre o risco de mergulhar na zona perigosa da clsssificação: em Alvalade (onde o jogo se cumpriu) os minhotos fizeram uma exibição à altura dos seus pergaminhos e triunfaram com um esclarecedor 4-0.

Em Leixões, o Belenenses não conseguiu travar o entusiasmo dos locais e perdeu por 0-2; e no «derby» algarvio o triunfo sorriu à equipa mais esclarecida, mas o resultado «diz-nos» das dificuldades que os de Faro terão sentido sobre a força de vontade dos seus vizinhos de Olhão.

Tudo somado ao anterior, temos a questão do título praticamente resolvida, ficando-se por saber (ainda) quem virá a ter direito a participar nas taças europeias da próxima época: o Porto está só a 2 pontos do Sporting, mas esse mesmo F.C. do Porto é perseguido pelo Vitória de Guimarães, que está somente a dois pontos de distância. Vem depois o Boavista a um ponto apenas dos minhotos, pouca coisa se nos lembrarmos que estão ainda em disputa dez pontos...

Cá no fundo é que as coisas se complicaram um pouco: não propriamente em relação aos que descem automaticamente de divisão (Espinho e Olhanense são os mais que prováveis para a despromoção) mas antes aos que terão que cumprir o mini-campeonato da permanência: com as vitórias ontem alcançadas, Académico e Oriental aproximaram-se do União de Tomar e do Vitória de Setúbal e Atlético: com tantos pontos ainda a discutir, é mínima a vantagem destes em relação a este duo ontem triunfador; o Académico está a um ponto do Oriental, a dois do União de Tomar e a quatro do duo Setúbal-Atlético. O Oriental (pelo exposto) tem a caminhada facilitada em um ponto em relação ao Académico. Isto significa que nas cinco jornadas que faltam, a luta vai ser empolgante, na fuga à zona perigosa...

Alder Dante é um árbitro cheio de personalidade: só porque as novas leis lhe facultam levar no equipamento um cartão amarelo e outro encarnado, faz todos os possíveis para mostrar a toda a gente que deles não se esqueceu. Para além de ter expulsado Alves (que tocou duas vezes com a mão na bola, uma delas para defender parte fraca do seu corpo), estreou aos olhos de Yazalde um cartão amarelo. O exagero da atitude do sr. Dante está bem patente no ar admirado do argentino, sem dúvida um dos profissionais mais honestos e leais que pisam relvados portugueses.

No sábad, no intervalo do Benfica-Cuf, Eusébio foi promovido a «médico» do clube: é isso, pelo menos, o que está documentado nesta foto de Nuno Ferrari

2.ª DIVISÃO

Na Segunda Divisão nacional, Zona Norte, o Sporting de Braga justificou a subida ao primeiro posto, indo vencer a Coimbra por 3-1; dos seus mais directos perseguidores o Varzim foi também buscar dois pontos ao campo do adversário (Paços de Ferreira), enquanto o Beira-Mar triunfou em casa. Só o Famalicão perdeu terreno (perdendo na Régua), deixando-se apanhar pelo Riopele. As posiçõesmantiveram-seportanto, com o Braga com um ponto de vantagem sobre o Beira-Mar, e quatro sobre o Varzim.

Na Zona Sul, o Estoril ganhou um ponto ao Barreirense: porque triunfou no seu campo frente ao Montijo e os barreirenses não foram além de um empate sem golos frente ao Marítimo, no jogo que ambos disputaram no D. Manuel de Melo.A sua vantagem é agora de dois pontos, que justificam a carreira bonita que têm vindo a fazer.

ORLANDO DIAS AGUDO

3.a DIVISÃO NACIONAL

CHUVA DE GOLOS NA SÉRIE "A"

Nada mais nada menos do que 35 golos foram ontem marcados na série «A» da Terceira Divisão Nacional: para isso muito contribuiram as goleadas do Avintes sobre o Moncorvo, 6-1; U. Lamas-Bairro Lamas sobre o Bairro Latino (8-1). Os resultados verificados nas quatro séries foram os seguintes: na série «A», Limianos-Cabeceirense, 1-0; Desp. Aves-Vizela, 4-1; Avintes-Moncorvo, 6-1; U. lamas-Bairro Latino, 8-1; Monção-Vianense, 2-0; Esposende-Ponte Barca, 1-0; Vila Real-Sp. Lamego, 2-1; Desp. Bragança-Leça, 2-0; Paços Brandão-Rio Ave, 2-1 e Paredes-Freamunde, 1-1.

Na série «B»: Ala Arriba-Valecambrense, 2-1; Desp. Gouveia-Anadia, 3-0; Ovarense-Agueda, 1-0; Naval-Penalva Castelo, 4-2; Mangualde-Febres, 3-1; Lusitano-Sp. Covilhã, 0-0; Oliv. Bairro-Desp. Guarda, 2-1; Marialvas-Esperança, 2-1 e Lousanense-Cucujães, 2-0.

Na série «C»: Ponte Sôr-Vila-Franquense, 1-1; Nazarenos-Almeirim, 1-6; Sacavenense-Cartaxo, 4-0; Sp. Pombal-Bombarralense, 1-1; Benf. C. Branco-Campomaiorense, 2-1; Elvas-U. Mirense, 1-1; Alcanenense-Tramagal, 5-0; Alverca-Marrazes, 0-0; U. Santarém-Portalegrense, 2-1 e Alhandra-Gin. Alcobaça, 0-1.

Finalmente na série «D»: Costa Caparica-Desp. Beja, 2-1; Aljustrelense-Luso, 0-4; A. Reguengos-U. Sambrazense, 6-2; Vasco Gama-Casa Pia, 1-1; Esperança-Seixal, 1-1; Amora-L. Olivais, 0-1; Paio Pires-Silves, 1-1; Operário-U. Santiago, 0-2; Alcochetense-Lusitano .V. Real 2-0 e Torralta-Odemirense 2-1.

estádio do Benfica
Espectáculo para todos
BENFICA * P.S.V. EINDHOVEN
VENCEDOR DA TAÇA DOS PAÍSES BAIXOS
TAÇA DOS VENCEDORES DAS TAÇAS
DIA 19 DE MARÇO ÀS 21,30 H
PREÇOS DOS BILHETES

SÓCIOS	30$00	SENHAS DE CAMAROTE	180$00
GERAL	50$00	BANCADA CENTRAL	150$00
SUPERIOR SUL	60$00	TRIBUNA CENTRAL (Sectores 31-32-33-34)	200$00
SUPERIOR CENTRAL	70$00	TRIBUNA CENTRAL (Sectores CS-CS 29-CS 30)	250$00
BANCADA LATERAL	100$00		
TRIBUNA LATERAL	140$00		

SENHORAS ACOMPANHADAS DE SÓCIOS — 1 BILHETE DE GERAL
Bilhetes à venda na Secretaria do Clube – 1.º Andar – todos os dias úteis das 10.00 às 19.30 horas, aos sábados das 10.00 às 14.00 horas e nas Agências habituais.
ESTE JOGO NÃO SERÁ TRANSMITIDO PELA RTP

Desporto

Modalidades

CICLISMO

Realiza-se a segunda prova do campeonato «regional» de «fundo», que se disputou no sistema de contra-relógio e que servia para atribuição do título de campeão. Vencedor de primeira metade da prova, o sportinguista Firmino Bernardino confirmou e chamou a si a insígnia de campeão. Apesar da falta de Joaquim Agostinho, a prova não perdeu interesse, para o que bastante contribuiu o sportinguista José Gonçalves (promovido, no início da época, a profissional) que alcançou o segundo melhor tempo na corrida de ontem, apesar das péssimas condições atmosféricas. Melhor que ele, só o vencedor. Fernando Mendes, (Benfica) que desta vez classificou em 3.º lugar, alcançou a segunda posição na classificação final.

Firmino Bernardino: esforço para um título

HÓQUEI EM PATINS

Resultados da 2.ª jornada do «nacional» de hóquei em patins na zona Norte. Ac. Espinho-Riba de Ave, 7-4; Académico-Inf. Sagres, 3-6; Fanzeres-Beira-Mar, 5-3; Carvalhos-F. C. Porto, 3-3 e Valongo-Sanjoanense, 7-2. Sul: Benfica-Juventude Salesiana, 3-7; Cascais-C. A. C. O., 10-6; Oeiras-Cuf, 5-2; Paço de Arcos-Parede, 0-1 e Sporting-Hóquei de Sintra, 6-4. Nota: o segundo fracasso consecutivo da jovem equipa do Benfica.

Esta noite disputa-se a 3.ª jornada, que inclui os encontros: Sanjoanense-Carvalhos, Porto-Beira-Mar, Infante de Sagres-Valongo, Riba de Ave-Académico e Fanzeres-Académica de Espinho (zona norte); na zona sul: Juventude Salesiana-Cascais, C. A. C. O.-Hóquei de Sintra, Parede-Benfica, Oeiras-Paço de Arcos e Sporting-Cuf.

RÂQUEBI

Embora o rânguebi seja um desporto de Inverno, em virtude do mau estado da maioria dos terrenos foram adiados os encontros Técnico-Benfica, Académica-Agronomia e Medicina-C. D. U. L.

O Belenenses venceu, por falta de comparência o C. D. U. P. No único jogo que se disputou, o Estrela da Amadora foi derrotado, no seu campo, por Direito, por 4-3.

ATLETISMO

A fim de proporcionar aos praticantes uma melhor preparação para a Maratona Nacional, a Associação de Atletismo de Lisboa levou a efeito nos (já tradicionais) terrenos do hipódromo do Estádio Nacional, uma prova de corta-mato, na distância de 15 km. Saíu vencedor Aniceto Simões, do Benfica, actual campeão nacional de corta-mato. A 1 minuto e 47 seg. classificaram-se José Abreu e Hélder de Jesus, ambos companheiros de equipa do vencedor.

BASQUETEBOL

Invicta durante 13 jornadas, a equipa «encarnada» de basquetebol viu quebrada a sua invencibilidade na sua deslocação ao Norte, onde o F. C. Porto venceu por 87-83, com 75-75 ao fim do tempo regulamentar. Outros resultados da jornada: Sangalhos-Académico do Porto, 92-68; Algés-Belenenses, 78-58; Sporting-Académica, 94-59 e Conimbricense-Cuf, 58-49. Embora derrotado, o Benfica mantém o comando da prova, com 27 pontos, um a mais que o seu adversário de ontem e quatro de vantagem sobre o Sporting.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Oriental - CUF	1
Belenenses - Boavista	2
Olhanense - Leixões	X
Académico - Farense	X
Porto - União Tomar	1
Guimarães - Atlético	1
Setúbal - Benfica	2
Chaves - Riopele	2
Alba - Lourosa	X
Caldas - Estoril	2
Juventude - União Leiria	1
Almada - Sesimbra	1
Sintrense - Barreirense	2

Curioso instantâneo do jogo de Alvalade, onde se defrontaram os dois Vitórias: bancadas vazias, um charco de água e Jacinto João, de quem dizem estar já a caminho do Brasil. Dentro de dias se saberá tudo sobre o futuro do popular J.J.

ATLÉTICO, 1 - F.C.PORTO, 2

O PORTO AOS GOLOS

NEVES DE SOUSA

O F.C. do Porto veio à Tapadinha para igualar o Benfica na mais rendosa colheita de êxitos fora de casa: oito, neste campeonato. Mas, não foi muito fácil fazer a vindima, pois a um primeiro tempo de suplante quase imparável, sucedeu um período complementar em que a defesa e o meio do terreno portista abriram brechas por todo o lado. Valeu, então, a classe (verdadeira, soberana) de Peres, Cubillas e Teixeira: foram eles que, ao lado do atento Tibi e do experimentado Rolando, fizeram travar o ímpeto alcantarense que, a partir da entrada de Monis (sem que ela justificasse a troca pelo Vasques do «drible» ensarilhante) foi uma constante a desabar perto das redes nortenhas.

Viveu-se um tempo de abertura sob um só signo: domínio das camisolas azuis-brancas. O técnico Monteiro da Costa dispusera bem as unidades naquele terreno ensopado e intratável, dando a batuta (para o comando alternado) a Peres e Cubillas, livres e soltos ao longo dos metros quadrados de relva e terra revolvida. E, aqui, um parêntesis: foi pena (sinceramente o escrevemos) que o Atlético não tivesse sido ajudado pelo tempo: com outro boletim meteorológico, haveria uma enchente na Tapadinha e uns contos a mais no seu depauperado e exaurido cofre. Ainda uma nota: para as ausências de unidades fundamentais (Murça e Oliveira, Guerreiro e Candeias) numa e noutra turma.

Regressemos ao jogo, propriamente dito: para referirmos (novamente) o domínio intangível do Porto em 45 minutos. Com apontamentos que moram hoje na retina: Luís Horta a salvar, sobre o risco, uma «cabeça» do peruano; Gomes (isolado) a perder um tento «feito»; Cubillas a disparar com beijo na trave. No meio disto, uma agressão (rasteira-pontapé) de Gabriel a Vasques levantou o público e proporcionou a maior vaia da tarde plúmbea: o «cartão amarelo» é fraco «presente» para quem desconhece a ética a profissão.

METADE

Deixando a moralidade para quem dela deve encarregar-se (urgentemente...) volta-se ao desafio da Tapada da Ajuda: Arcanjo, no único golpe bem engendrado pelo seu emblema na fase de abertura do espectáculo, a lançar a bola contra o elástico Tibi, que vinha em «prancha» pela relva adiante. E, novamente as rédeas para o Porto, tranquilo porque Tibi (sabendo as leis do seu posto) parava primeiro o esférico para só depois tentar o encaixe daquele peixe escorregadio e traiçoeiro. Veio, então, o golo que se adivinhava: «canto» da direita marcado por Peres com o pé inverso e salto repousado de Laurindo a empurrar o esférico para uma baliza sem guarda em todo o flanco. Estava aberto o marcador: tarde para a força portista, já a merecer conforto e repouso.

DEPOIS

Depois do intervalo, Jailson (um brasileiro de cotação média) substituiu Pietro, que anda desfazado no tempo do remate. Mas, logo de rompante, o Porto chegava ao 2-0: Gomes não teve o mínimo trabalho para se esquivar a dois deslizes da defensiva alcantarense (pontapés em seco e a bola a passar). Como o guardião Lapa também foi burlado pela força imprimida à bola, o Norte exultava com a «tragédia» alheia.

Porém, o Atlético estava alí para mostrar a sua capacidade em matéria de brio e destemor. Atirou-se para a frente e aconteceu, então, que o Porto passou tratos de polé para se esquivar daqueles diabinhos com sete tôlegos, como os gatos da encosta vizinha. Moniz troca com Vasques: no lance imediato, Arcanjo volta a perder um golo, com as malhas à mercê total. Todavia, o «forcing» dos alunos de Carlos Silva seria interrompido num lance muito duvidoso: endosses bruscos de Peres para Laurindo e deste para Gomes, com «cabeça» do «Mueller do Norte» para a baliza. Lapa escorrega, o esférico saltita dele para a barra superior e, com muitos protestos nortenhos, o árbitro César Correia não «vê» golo. Com justiça diremos que o juiz estava optimamente colocado para discernir: deve ter actuado (portanto) em inteira consciência. Aliás como procederia daí a momentos: ao assinalar um indiscutível «penaltie», por «sanduíche» da dupla Gabriel-Nino ao possante Nogueira, que estava (só) a ser o melhor executante do Atlético e, perigosamente, acabava de rasgar as 18 jardas contrárias. Foi (finalmente) a vez de Arcanio ter o pé calibrado: 1-2 no quadro de desfechos, Vieira Nunes a render Rodolfo, um exaltado a entrar pelo campo fora, Lemos a substituir Laurindo, Nino (uma estreia) a repelir um «tiraço» de Moniz, o Atlético a atacar sem coordenação de movimentos, o Porto (leia-se Peres e Cubillas, mais Gomes e Rolando) acantonado na parcela de palco que lhe competia, a defender-se como podia da avalancha que vinha em galopada.

Estava feito o resultado. César Correia (mais João Gralho e Odílio Raimundo) a rubricar uma arbitragem que quase podia ter sido inatacável. Gabriel a tomar um duche que deveria ter servido para refrescar as ideias bélicas. O Atlético inconformado com a falta de sorte e o Porto a justificar no triunfo o seu rompante de abertura.

Nomes que ficam na peneira: Caló, Luís Horta, Franque e Esmoriz a baterem-se como tigres. Vasques e José Eduardo só suplantados pelo primoroso Nogueira, Moniz a mostrar valimento e Lapa com desfortuna no tento decisivo. Entre a comitiva nortenha, referência para a serenidade de Rolando, nota de brilho para Peres, destaque para a eficiência de Teixeira e Gomes, palmas para o excelente toque de bola por Cubillas e, sobretudo, um propósito de confiança para o segundo guarda-redes português, Tibi de seu nome. Em tempo: um aceno a Nino, que pode discutir um lugar no quarteto defensivo e a certeza de que Monteiro da Costa transporta na bagagem o toque de psicologia que emerge na sua linguagem para os homens que orienta. Fala como eles: e eles entendem-no à maravilha.

Disparo de Peres: um pé esquerdo (ainda) famoso

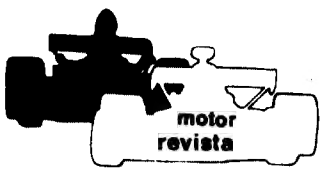
GINÁSIO CLUBE: FESTA NA LUZ

Comemora-se amanhã o 1.º centenário do Ginásio Clube Português, uma colectividade que tem dedicado o melhor do seu esforço à ginástica, mas que se pode orgulhar do seu ecletismo. Cem anos não é idade de que se alcance facilmente, mais a mais por um clube com as características do Ginásio Clube.

Para lá das cerimónias previstas e organizadas pela própria colectividade homenageada, dois clubes (dos «grandes» da capital) resolveram dar as mãos e promover a primeira grande festa dedicada ao centenário clube. Benfica e Sporting, com o alto patrocínio do Comité Olímpico Português, realizam esta noite, a partir das 21 horas, no Pavilhão da Luz, um festival com um vasto programa, aliciante para todos os desportistas, dada a variedade de modalidades a apresentar. Como curiosisdade, as entradas serão livres, permitindo assim que maior número de público se associe a tão justa homenagem. O Comité Olímpico, por intermédio do seu presidente (Gaudêncio Costa) fará entrega ao Ginásio Clube Português de um troféu comemorativo.

Do programa elaborado, fazem parte: ginástica desportiva e educativa, judo, luta greco-romana, halterofilismo, esgrima, jogo do pau e futebol de salão entre escolas de jogadores dos fois clubes homenageantes. em que há a particularidade de serem os próprios componentes das equipas a indicarem as faltas. Árbitro, não haverá.

Inteiramente justa e merecida, esta homenagem deve entusiasmar o simples desportista, seja qual for a cor ou o emblema do seu clube. É preciso não olvidar os valiosos serviços prestados por quem, ao longo de brilhantes 100 anos tudo tem dado e dedicado à formação física e intelectual de milhares de rapazes e raparigas que vêem na prática de qualquer desporto um meio de promoção e de valorização.



SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE LISBOA

Calçada de Santos, 3-2.º — LISBOA

PLENÁRIO DE DELEGADOS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para um Plenário a realizar no dia 19 do corrente, pelas 20,30 horas, no Salão da Cooperativa da Caixa Económica Operária, na RUA VOZ DO OPERÁRIO, N.º 66 — LISBOA; com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. — Discussão do C.T.T. (vertical) da Indústria Metalúrgica
2. — Informações

A DIRECÇÃO

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SETÚBAL

AVISO

Estão os trabalhadores desta Caixa de Previdência empenhados na recuperação dos atrasos dos serviços. Até ao momento este esforço tem-se mostrado inglório dado que todos os dias é enorme a afluência de contribuintes e beneficiários à atendência das Secções. Neste período de crise de desemprego o aumento de baixas por doença foi extraordinário. E a vinda de toda esta gente à Caixa só não tem permitido a recuperação dos Serviços como tem agravado imenso o problema, prejudicando seriamente os direitos dos demais beneficiários que, quer por se encontrarem realmente doentes, quer por necessidade absoluta de não faltarem ao seu trabalho, aqui não se podem deslocar.

Perante esta tremenda realidade e no sentido de a tornar mais justa para todos, a Comissão Administrativa desta Caixa deliberou adontar as seguintes medidas, a título transitório e experimental, a partir de 1 de Abril de 1975:

1 — O horário de abertura ao público desta Caixa de Previdência passará a ser:

De 2.ª a 6.ª feira { **manhã — 9.15 às 11 horas**
tarde — 14.15 às 16 horas

Sábado ..... **9.15 às 11 horas**

2 — Os pagamentos de subsídios por doença só serão efectuados directamente na Tesouraria da Caixa desde que tenham decorrido 20 dias, pelo menos, após a data da baixa ou do último dia de subsídio processado;

3 — Os restantes benefícios só serão pagos directamente na Tesouraria da Caixa, relativamente a meses anteriores àquele que estiver a ser processado.

Pedimos a melhor compreensão de todos, pois estas alterações visam permitir, no futuro, o bom andamento dos Serviços desta Caixa de Previdência que queremos, efectivamente, ao serviço de todos os trabalhadores do Distrito de Setúbal.

À COMISSÃO ADMINISTRATIVA

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS

AVISO

CAPTAÇÃO DE ÁGUA SUBTERRÂNEA NA PENÍNSULA DE SETÚBAL

Encontrando-se em curso estudos destinados a averiguar as potencialidades aquíferas da península de Setúbal e a melhor forma de as explorar (designadamente com vista aos abastecimentos dos concelhos de Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal), bem como a avaliar dos caudais a importar para satisfação das necessidades futuras, desta região, entende esta Direcção-Geral conveniente, por medida de precaução, suspender temporáriamente a concessão de licenciamentos para abertura de captações de água subterrânea; estes licenciamentos são regulados pelo Decreto-Lei n.º 47 892, de 4-9-67. Poderão, no entanto, ser analizados pedidos relativos a instalações já existentes, devendo para isso os interessados demonstrar a necessidade absoluta de executar nova ou novas captações, depois de terem examinado a possibilidade de recirculação da água já captada e mesmo a viabilidade de recurso directo ao rio Tejo.

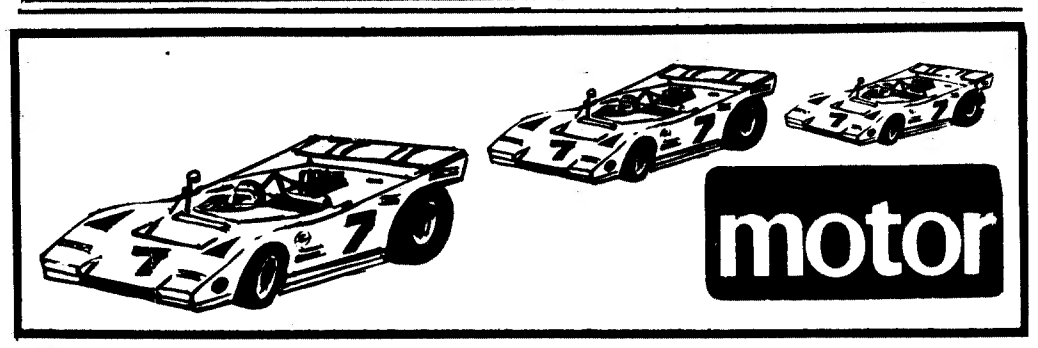
Esta orientação integra-se numa política geral de poupança da água, que se recomenda, aliás, a todos os consumidores e entidades, política que vem sendo seguida à escala mundial, e que tem em vista conseguir o maior rendimento possível de um bem natural que, não sendo inesgotável, já está em muitos casos a ser explorado em pleno, portanto sem possibilidades de maiores extracções. Como é compreensível, os reforços dos caudais a importar de fora da península de Setúbal serão necessariamente caros, razão também por si suficiente para que os recursos locais sejam utilizados da forma mais racional e parcimoniosa possível.

O MUNDO QUE NÃO CONHECE

Venha conhecê-lo na Rua D. Estefânia, 40, 2.º esq.º onde pode adquirir, pelo melhor preço, Electrónica, Relojoaria, Whisky, Tabacos, Perfumarias, Pronto-a-Vestir, Auto-rádios e Reprodutores de cassetes.

PROCURE-NOS NAS SUAS HORAS LIVRES OU DE TRABALHO

MANUEL MONTEIRO MOREIRA



Diagnosticando defeitos num nascituro

Continuação da pág. 19

Foi publicado um novo estudo sobre a enxaqueca e a ingestão de alimentos, por Haninghton, M. G. H. Youdim e M. Saudler. Estudaram um grupo de doentes administrando-lhe placebo e cápsulas contendo feniletilamina. Trinta dos trinta e seis doentes não mostraram qualquer reacção da enxaqueca às cápsulas de açucar, enquanto dezoito dos trinta e seis se queixavam de enxaquecas depois de feniletilamina.

«Isto» — afirmaram «parece ser uma «prima facie do caso para a existência de uma relação causa-efeito «entre a ingestão de amina e a enxaqueca nalguns doentes.

Um facto estranho associado a este fenómeno é o intervalo de três a quatro horas entre a ingestão da amina e o início da dor de cabeça. Nos seus relatórios a equipa apresentou e defendeu uma hipotese. O tempo decorrente entre a ingestão e o início da dor de cabeça parecia rejeitar a simples acção desencadeante da feniletilamina e assim suspeitaram de que esta substância podia causar de alguma forma a libertação de agentes vaso-activos (produtos químicos que causam a constrição das veias e das artérias .

A feniletilamina é conhecida como sendo neutralizada pela monoamina-oxidase (MAO e a equipa médica suspeita que uma forma de MAO nos indivíduos com tendência para a enxaqueca possa funcionar deficientemente, permitindo assim a elevação da amina. Se se atinge um nível crítico ocorre uma resposta total ou nula e o alto nível de amina desencadeia a libertação de um vasoconstritor que actua nos vasos cerebrais e que causa uma crise de enxaqueca.

Foram colhidas amostras sanguíneas de voluntários com e sem enxaquecas, e foram analisadas as plaquetas para determinar cm exactidão como a MAO decompunha as várias aminas.

Houve uma «redução altamente significativa na possibilidade de decompor estes produtos nos indivíduos com enxaquecas, afirmaram e o processo MAO é muito semelhante às origens do problema das enxaquecas.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Secretaria de Estado da Cultura e Educação Permanente

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

EDITAL

BOLSAS DE ESTUDO PARA A BÉLGICA

Está aberto até ao dia 8 de Abril o concurso para as seguintes bolsas de estudo para o ano lectivo de 1975-1976, oferecidas pelo Governo belga e destinadas a estudiosos de nacionalidade portuguesa que pretendam realizar estágios naquele país:

a) Bolsas de especialização (destinadas a licenciados):

b) Bolsas de investigação (destinadas a licenciados ou diplomados em estabelecimentos de ensino superior),

c) Bolsas de férias na Universidade Livre de Bruxelas (destinadas a estudantes universitários dos cursos de Filologia Romântica);

d) Bolsas de férias para participação nos Cursos de Verão de piano e cravo a realizar em Anvers (destinadas a especializados neste ramo de música).

As bolsas referidas em a) e b) serão atribuídas para o ano lectivo de 1975-1976 e as mencionadas em c) e d) para o Verão de 1975.

Os candidatos deverão apresentar os seguintes documentos:

1 — Requerimento em papel selado, dirigido ao Director-Geral dos Assuntos Culturais;
2 — Impressos a solicitar nesta Direcção-Geral;
3 — Certidão das habilitações literárias onde constem as classificações obtidas;
4 — Cartas abonatórias de duas individualidades de mérito reconhecido no domínio dos estágios requeridos;
5 — certificado médico.

Para as bolsas referidas em a) e b) os concorrentes deverão ainda entregar os seguintes documentos:

1 — Uma certidão de nascimento
2 — Trabalhos publicados ou dissertação final de curso.

Todos os esclarecimentos serão prestados pela Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, dentro das horas normais de expediente, na Rua Ocidental do Campo Grande, 83, 1.º piso (Edifício da Biblioteca Nacional), Lisboa-5.

Companhia das Fábricas Cerâmica Lusitânia, S.A.R.L.

CONVOCAÇÃO

São convocados os senhores accionistas a reunirem em assembleia geral, ordinária, na sede social, no próximo dia 31 do corrente mês, pelas 19 horas, para:

a) — Apreciarem e votarem o Relatório, Balanço e Contas da Direcção, do exercício de 1974 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal;

b) — Preencherem quaisquer vagas existentes, apreciarem e tomarem resoluções acerca de quaisquer propostas e outros assuntos de interesse para a Companhia.

O depósito de acções ao portador deverá ser feito, até dez dias antes da assembleia, na sede social ou em qualquer Banco de Lisboa que o comunique à Companhia.

Lisboa, 14 de Março de 1975.

Pelo CONSELHO FISCAL
a) Aníbal Carlos Valente Pinto de Oliveira
(Presidente)

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava encoberto o vento era fraco de Sul e chovia em quase todo o território

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11º
P. DOURADAS	3º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	12º
FARO	15º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE Máxima	18º
PENHAS DOURADAS Mínima	0,2º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,5º
Atmosfera	10,6º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.29	3,7 m		
18.43	3,6 m	12.10	0,9 m

Dia 18

7.02	3,5 m	0.31	1,0 m
19.19	3,5 m	12.49	1,1 m

Dia 19

7.44	3,4 m	1.15	1,2 m
20.06	3,4 m	13.37	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto vento fraco de Sudoeste; períodos de chuva ou aguaceiros

AMANHÃ

NASCER AS 7.45
OCASO AS 19.46

DIA 20	DIA 27	DIA 3	DIA 11

BARS BOITES

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.** a actuar JACKIE LA LOUVE ARTISTA BRASILEIRA.

ESPADARTE CLUB Sesimbra. Discoteca e acidentalmente fado ou musica de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. **229189**

HIPOPOTAMO Conjunto Hipopótamo. Encerra aos Domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A T. 48384.**

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loule, 69. T. 533117.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946**

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil.
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Fados
19.30 Música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Música portuguesa
21.15 Observação de teatro, por José Gil
21.25 Perspectivas do «rock»
21.45 Arte poética
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves, Madeira Claudino e Jorge Rodrigues
22.30 Música variada
23.00 Leis, por Meneres Pimentel
23.30 Último jornal

2.º Programa

16.00 2.º acto da ópera «Principe Igor» Borodine»
17.15 Solos de cravo
17.30 Música do século XX
18.00 Antologia sonora
18.45 Música de cena
19.05 Obras de Beethoven
19.30 Os grandes mestres do Barroco
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Stereo — MÚSICA LIGEIRA VARIADA
22.00 Música de bailado
23.37 Música para dois pianos
00.02 Música sinfónica
01.00 Fecho

Programa em Lisboa 2

20.30 «Seis Danças Alemãs», K. 509 (Mozart)
20.45 Música de piano
21.00 Concerto sinfónico — no intervalo: Partita em lá menor, BWV 1013 (Bach)
23.00 O conto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 «O Filho Pródigo», suite op. 46 (Prokofieff)
00.20 Quarteto n.º 18, me lá maior, K. 464 (Mozart)
01.00 Fecho

RADIO CLUBE

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.05 Movimento
20.40 Teatro livre
21.03 Alegria no trabalho
21.31 Quando o telefone toca
22.05 Tempo Delta (Imavox)
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Variando para agradar
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
02.05 A noite é nossa
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa C. D. C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita 1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
00.05 Em órbita 2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Vértice
07.03 Hora sete.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **11.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Peninsular
Das **11.00** às **17.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

farmácias de serviço

LISBOA

LISBOA

TURNO D-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944)
ALTO PINA
Ibérica, R. Barão de Sabrosa, 235-A, à Alameda (T. 728277)
ALVALADE
Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A/B, ao Pote de Água (T. 710131)
AMOREIRAS
Britânca, T. da Légua da Póvoa, 5-B (T. 689250)
AREEIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 726860)
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20/21 T(. 44995)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361)
BAIXA
Oliveira, R. da Prata, 240 (T. 321415)
BENFICA
Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393)
CAMPOLIDE
Rualto, R. Alto de Carvalhão. 5-A/B (T. 651721)
LUMIAR
Patuleia, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332)
MADRAGOA
Lys, R. da Esperança, 17-A (T. 660913)
OLIVAIS SUL
Nova dos Olivais, R. Manhica, lote 469 (T. 316402)

TURNO D-2

TODA A NOITE

ALFAMA
Anunciada, R1 do Vigário, 74 (T. 866360)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A, à P. Paiva Couceiro (T. 843571)
ALVALADE
S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A/B (T. 725140); **Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 717958)
ANJOS
Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973)
AREEIRO
Miranda, C. Pequeno, 36-B/C, à Av. Sacadura Cabral (T. 770776)
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, R. de S.José, 187 (T. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Universal, R. Actor Taborda, 5/7 (T. 44158)
BELÉM
Botânica, cR. da Junqueira, 38-40 (T. 638132)
BENFICA
Alegria, E. de Benfica 180-A/B (T. 780511)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857)
MOURARIA
Bastos Andrade, Cç. de Santo André, 107/111 (T. 860450)
PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (T. 728395/720703)
POÇO DO BISPO
Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (T. 381612)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granio. 2 (T. 213161)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839) Toda a noite
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691) Até às 11 horas
PAREDE
Macau, R.J.Elias Garcia, 60-C (T. 2471785) Toda a noite
MURTAL
Primavera, R.das Parreiras, 2 (T. 2472278) Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (T. 260087) Toda a noite
CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T. 280170); **A.Costa**, R.Freitas Reis, 24-C (T. 280214) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T. 930019); **Flama**, R.Elias Garcia, 78-B (T. 932485); **Confiança**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)
«DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T. 950045); **Correia**, L.do Mercado, 3 (T. 950906); **Serra e Pinto**
CACÉM
Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote, 1-B (T. 2940781)
MEM MARTINS
Química, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Misericórdia, Vila (T1 2930391)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250)
ALMADA
Galeno, R1Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)
BARREIRO
Piçarra, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62 (T. 270121)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)
MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T. 230008)
SESIMBRA
Lopes, R. cândido dos Reis, 67 (T. 229028)
SETÚBAL
Oliveira, L.da Misericórdia (T. 22488); **Louro**, R.Frei António Chagas, 24-A (T. 24491)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

Até às 22 horas

Pasteleira, Rua André de Rezende, 92; **Almeida Cunha**, Rua Formosa, 327; **Contumil**, Rua de Contumil, 540; **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636; **Vaz Teixeira**, Rua do Heroismo, 56; **Birra**, Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima**, Avenida da Boavista, 855; **Marques de Mendonça**, Rua do Ameal, 251; **Monte Cativo**, Rua do Monte Cativo, 444; **São Jerónimo**, Rua de Santos Pousada, 622; **Cardona dos Santos**, Rua de D. Manuel II, 90; **Oriental**, Rua do Bonjardim, 727.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Contumil, Rua de Contumil, 540; **Marques de Mendonça**, Rua do Amial, 251; **Costa Lima**, Avenida da Boavista, 855 e **Vaz Teixeira**, Rua do Heroismo, 56

COIMBRA

M. Nazaré, Av. João das Regras; **Figueiredo**, R. da Sofia; **S. José**, Arcos do Jardim

PASSE
UM FIM-DE-SEMANA
SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR
ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE

Barreiro-V.R.Sto.Antonio: sextas-feiras
V.R.Sto.Antonio-Barreiro: domingos
INFORMAÇÕES TELEF. 326226

Caminhos de Ferro Portugueses

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NO CINEMA

ESTÚDIO 444
DOROTHEA

CINEBOLSO
T. 573407 — 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
A SALAMANDRA
de Alain Tanner
2.ª Semana
Comédia à hora do almoço:
Amanhã às 12.30 - 12 anos
O MALANDRO DE BATA BRANCA
Com Alberto Sordi

BERNA
T. 776098 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
UM CRIME NO EXPRESSO ORIENTE
Uma obra de Agatha Christie
Um filme de Sidney Lumet
4.ª Semana

APOLO 70
T. 763319 — 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
Grupo B 10 anos
O MEU TIO
com Jacques Tati
Jean-Pierre Zola
4.ª Semana
Hoje às 00.15 - 18 anos
O EXÉRCITO DAS SOMBRAS

ROXY
T. 42872 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
DENTISTA NA CAMA
Colorido
Uma farsa, um pouco mais divertida, um pouco mais picaresca!
7.ª Semana

PATHÉ
T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EVA
Um dos melhores filmes Suecos do Ano
A primeira pedra o abuso da adolescência

ALVALADE
T. 717480 — 15.30, 18.30, 21.15
Grupo B 10 anos
OS TRÊS MOSQUETEIROS
Os diamantes da rainha
Um por todos!
Todos por um!
3.ª Semana

LIDO
T. 937593 — 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
OS 3 MOSQUETEIROS
O DIAMANTE DA RAINHA

CINESTÚDIO
T. 937593 — 15.30 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
EVA, A PRIMEIRA PEDRA

CARLOS MANUEL - SINTRA
T. 2930394 — 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OS PERVERSOS
Com Marlon Brando

D. JOÃO V — DAMAIA
T. 971794 — 21.00
Grupo D (18 anos)
OS DIABOS ALADOS

UNIVERSAL
T. 774402
Não acons. a menores de 13 anos
Às 14.30 e 20.30
OS FUZIS
De Rui Guerra
Às 16.30 e 22.30
Não acons. a menores de 13 anos
GREVE OCUPAÇÃO
Às 18.30
Não acons. a menores de 13 anos
ATTICA E TUPAMAROS

RESTELO
T. 610375 — 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
OS PECADOS INCONFESSÁVEIS DE UMA SENHORA BEM
Com Anna Moffo e Gianni Machia

EDEN
T. 320768 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Grupo B 10 anos
OS TRÊS MOSQUETEIROS
OS DIAMENTES DA RAINHA
3.ª Semana

TIVOLI
T. 570595 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
UM CRIME NO EXPRESSO ORIENTE
Uma obra de Agatha Christie
Um filme de Sidney Lumet
4.ª Semana
Candidato a 6 óscares da Academia

CASINO ESTORIL
T. 264621 — 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A RONDA DO AMOR

ROYAL
T. 865037 — 15.30, 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA MULHER

POLITEAMA
T. 326305 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
A PRIMA
Com Stefania Casini

ROMA
T. 727778 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LES VALSEUSES
3.ª Semana

OXFORD
T. 2865027 — 16.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A INICIAÇÃO
Um filme de Denis Heroux

VOX
T. 720808 — 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
IDENTIKIT
O Outono da Vida)
Com Elisabth Taylor

LUMIAR
T. 795296 — 21.15
Grupo C (14 anos)
O MASCARADO KRIMINAL

SATÉLITE
T. 562632 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
IREI COMO UM CAVALO LOUCO
7.ª Semana

MUNDIAL
T. 538743 — 15.00, 18.30 e 21.45
Não acons. a menores de 18 anos
TODA UMA VIDA
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A ESPOSA COMPRADA
de Jan Troell
c/ Gene Hackman, Liv. Ullmann
3.ª Semana

CONDES
T. 322523 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
...girissimo, cruel, encantador, inteligente, erótico e... maldonissimo!
LES VALSEUSES
AS BAILARINAS
c/ Gerard Depardieu
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON
T. 326283 — 15.15, 18.15 e 21.15
Grupo C - 14 anos
Um filme espectacular de total sensação popular
PUNHOS DE AÇO
As Artes Marciais no mais alto nivel da sua terrivel verdade
com um elenco
De famosos ídolos do «Kung-Fu»

LONDRES
T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O SILÊNCIO
O mistério dos seres e das coisas
c/ Ingrid Thulin, Gumel Lindblom

S. JORGE
T. 541534 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
CÓDIGO: JUGGERNAUT
O emocionante filme de Richard Lester

AVIS
T. 47163 — 15.30, 1830, 21.15
Grupo D - 18 anos
ESPANHOLAS EM PARIS
Com Laura Valenzuela

CASTIL
T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Grupo D 18 anos
UM AMOR PASSAGEIRO
c/ Romy Schneider

CINEARTE
T. 660446 — 15.30 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
BORSALINO & C.ª

ESTÚDIO
T. 555135 — 14.00, 18.00, 22.00
Interdito a menores de 18 anos
LA MAMAN ET LA PUTAIN
12.ª Semana
O filme de Jean Eustache

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 21.15
Interdito a menores de 18 anos
DOROTHEA
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

EUROPA
T. 661016 — 15.15 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O CASO ODESSA
4.ª Semana

IMPÉRIO
T. 555134 — 15.15, 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O BEIJO
com Maria Schneider

MONUMENTAL
T. 555131 — 14.45, 18.00, 21.00
Grupo B - 10 anos
EL CID
Com Sofia Loren

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
23.00 (18 anos)
«O Pá, Pega na Vassoura»
CAPITÓLIO
21.15 (10 anos)
Teatro Negro de Praga
COLISEU
21.30 (10 anos)
Ópera «Rigoleto»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Muro de Separação»
OLÍMPIA
(18 anos)
«Sartana o Vingador»
JARDIM
21.30 (18 anos)
«Caca Grossa»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«O Capitão Apache»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«A Ronda do Amor»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.30 (18 anos)
«Núpcias Vermelhas»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Você Interessa-se pela Coisa?»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Dentista na Cama»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Desprezo»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Donzelo»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Laranja Mecânica»
JULIO DINIS
21.30 (18 anos)
«Amor entre mulheres»
S.JOÃO
21.30 (18 anos)
«Ontem ao Fim do Dia»
OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«A Prima»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Castelo de Maldorais»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Cama com Música»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Chinatown»
ÁGUIA DE OURO
20.00 (18 anos)
«Chegam Django e Sartana»
CARLOS ALBERTO
(21.30 (13 anos)
«E Continuaram-lhe Filho da...»
TRINDADE
(18 anos)
«Laranja Mecânica»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Se...»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Campeão»
S. TEOTÓNIO
21.30 (18 anos)
«Joe»
GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Frente Popular»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Com Tanto Amor com Qual Amor?»

DL

RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 3211545/3202712/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

O M.P.L.A. acusa elementos das Forças Armadas de violarem o Acordo do Alvor

Paulo Jorge, membro da Comissão de Relações Exteriores do M. P. L. A. e representante permanente daquele movimento em Argel, passou ontem por Lisboa a caminho de Havana, onde vai participar numa reunião do Bureau de Coordenação dos Países Não-Alinhados.

Logo que teve conhecimento da intentona do 11 de Março, o M. P. L. A. publicou um comunicado a afirmar o seu apoio ao M. F. A. e ao Governo Provisório. Ainda a propósito da tentativa reaccionária Jorge declarou-nos:

. — Foi com alegria que verificámos que o M. F. A. fez fracassar a tentativa de golpe de Estado das forças reaccionárias. Julgamos que existe, agora, a possibilidade de radicalizar o processo revolucionário português, o qual terá de assumir plenamente as suas responsabilidades tanto em Angola como nas outras antigas colónias portuguesas. Abrem-se novas perspectivas de uma cooperação mais íntima entre as forças democráticas e progressistas portuguesas e o M. P. L. A., na medida em que o nosso movimento é a única força progressista angolana.

Quanto à situação em Angola, Paulo Jorge disse-nos:

. — Lamentamos ter de reconhecer que certas esferas das Forças Armadas portuguesas em Angola têm sistematicamente tomado atitudes discriminatórias em relação ao M. P. L. A., o que, a continuar, poderá comprometer a cooperação que nós desejamos manter com as forças progressistas portuguesas. Impõe-se que todas as forças que participam no processo de descolonização de Angola, e em particular as Forças Armadas portuguesas, respeitem rigorosamente os acordos do Alvor. Pela nossa parte, respeitaremos os nossos compromisssos e assumiremos as nossas responsabilidades. E não deixaremos de tirar as consequências de violação dos acordos.

O Estado-Maior desmente boatos

A 5.ª Divisão do Estado-Maior General das Forças Armadas esclarece a população do seguinte:

. «Integrados na campanha de boatos alarmistas postos a circular pela reacção em todo o País, elementos do M. R. P. P. estão a colar cartazes em várias cidades do País propalando afirmações como: «a esquadra americana está em Sines e vai desembarcar» ou «o povo não deve confiar no Governo nem no M. F. A.».

Tais boatos são absolutamente falsos e os seus propaladores elementos reaccionários encapotados. Por isso pedimos à população que ajude a neutralizar esses elementos e a combater os seus boatos reaccionários.

A propalação destes boatos, em vários locais, dera lugar à prisão, conforme noticiámos no sábado, de oito elementos daquela organização, que se diz marxista-leninista-maoista, quando procediam à distribuição dos respectivos folhetos na zona de Vila Franca de Xira. Denunciados a forças da Marinha por populares indignados com as ofensas ao Movimento das Forças Armadas contidas nos panfletos, os sete rapazes e uma rapariga viriam a ser conduzidos pelo Copcon em oito «chaimites» para Lisboa. Não foi divulgada a sua identidade.

Entretanto, o M. R. P. P. convocou uma manifestação de protesto para amanhã, às 19 e 30, no Rossio. No comunicado-convocação, refere-se o comunicado do Estado-Maior, dizendo que o mesmo se integra numa campanha que «tem por objectivo preparar a opinião pública para a repressão fascista sobre o nosso partido, sobre os antifascistas consequentes».

DESMENTIDA NOTÍCIA DA A.P.

Do Ministério da Comunicação Social recebemos o seguinte desmentido:

. «Têm sido recebidos no Ministério da Comunicação Social vários telefonemas pedindo confirmação de uma notícia enviada para o estrangeiro pela Associated Press e segundo a qual o Governo Provisório se teria demitido.

«Desconhece-se neste momento os termos em que foi redigida a notícia da Associated Press, mas desmente-se formalmente a demissão do Governo.

«Mais uma vez se alerta a opinião pública para a forma nebulosa que certos correspondentes procuram imprimir a notícias sobre a realidade portuguesa.

A NACIONALIZAÇÃO DOS SEGUROS

Continuação da pág. 1

e não para dele se servir.

«Igualmente serão salvaguardados os legítimos interesses dos accionistas, mediante legislação a publicar, onde serão definidos os respectivos critérios de reembolso.»

. Nestes termos ficam salvaguardados os interesses dos accionistas mediante reembolsos a determinar por legislação futura. A medida atinge três dezenas de companhias portuguesas, algumas delas pertencentes a grandes grupos económicos. As companhias estrangeiras não serão nacionalizadas, mas serão indicados delegados do Governo para as que incluam capitais estrangeiros e portugueses.

POSIÇÃO DOS TRABALHADORES

Em Janeiro último, e culminando processos de luta diversos, os trabalhadores de seguros de Lisboa e Porto haviam defendido em reuniões magnas a nacionalização das companhias. A medida do Conselho Superior da Revolução vem, pois, preencher as linhas apontadas pelos próprios trabalhadores quanto ao futuro do ramo de seguros, e ao seu papel no processo revolucionário em curso no nosso País.

As companhias de seguros estão hoje encerradas ao público. A este propósito o Sindicato dos Seguros de Lisboa divulgou a seguinte informação:

. «O Sindicato dos Seguros de Lisboa, de acordo com a decisão do Governo Provisório, informa todos os profissionais de seguros e o público em geral de que os serviços das companhias estão encerrados, ao grande público, segunda-feira, dia 17/3/75, devendo no entanto todos os trabalhadores apresentarem-se nos seus postos de trabalho de modo a salvaguardar devidamente a assistência aos sinistrados físicos e assegurar os serviços internos.

Mais informa o sindicato, que se desenvolvem todos os esforços para que, na terça-feira, dia 18, todas as companhias reabram normalmente ao público.»

. Os trabalhadores de algumas companhias decidiram já quais os camaradas que irão propor ao Governo para integrar as comissões administrativas que vão substituir as administrações capitalistas, as quais terão obrigatoriamente de ser sancionadas pelo Governo.

O seu mandato durará 90 dias, e terão, para já, as seguintes limitações: não podem fazer investimentos, não podem admitir, despedir ou promover pessoal, e terão de participar nos estudos da reconversão das companhias de seguros, adaptando-as à nova realidade portuguesa.

Entretanto e até à entrada em exercício de funções dessas comissões administrativas compete às comissões sindicais de empresa tomar decisões sobre os problemas correntes.

AS COMPANHIAS NACIONALIZADAS

Nestas circunstâncias foram desde já nacionalizadas as seguintes companhias:

. Açoreana, Alentejo, Aliança Madeirense, Argus, Atlas, Bonança, Comércio e Indústria, Companhia de Seguros de Créditos, Confiança, Douro, Fidelidade, Garantia Funchalense, Império, Mundial, Mutual, Mutualidade, Nacional, Ourique, Pátria, Sagres, Seguradora Industrial, Soberana, Tagus, Tranquilidade, Ultramarina, União e Universal, Igualmente nacionalizadas, as resseguradoras: Câmara Resseguradora Portuguesa, Continental de Resseguros, Equidade, Prudência e Vitalícia.

Em sete companhias nacionais, que têm participação significativa» de capitais estrangeiros (Europeia, Metrópole, Portugal, Portugal Previdente, Social Portuguesa de Seguros e Trabalho) apenas será nacionalizado o capital português. No entanto, nestes casos, no prazo de um mês, as administrações terão de provar que o capital estrangeiro é pertença de companhias estrangeiras.

Não serão portanto nacionalizadas as Mútuas (Mútua A. P. Arrasto, Mútua A. P. Sardinha, Mútua N. Bacalhoeiros e Mútua dos Pescadores) e as seguintes companhias estrangeiras: Alliance, Alpina, Associrazioni Generali, Baloise, Caledonian, Commercial, Union, Eagle Star, Equitativa — diversos, Equitativa-cida, España, Guardian, Legal e General, Liverpool e London e Globe, London Guarantee, Motor Union Nationale — I.A.R. D. Nationale — vie, Northern, Norwich, Pearl Phoenix, Préservatrice, Prudential, Royl Exchange, Royl Insuranse, Scottish el Fenix Español, Urbaine — LA.R.D., Urbaine-vie, Victoria e World Marine.

Em todas elas piquetes de vigilância montam guarda, desde que foi conhecida a notícia da nacionalização da Banca, no cumprimento das palavras de ordem do Sindicato.

Segundo um relatório do Sindicato dos Profissionais de Seguros de Lisboa e Porto os bancos portugueses desde há algum tempo que tinham penetrado e dominado o sector.

Assim, o grupo Borges detinha a Atlas; o grupo Jorde de Brito comandava as companhias Bonança e Comércio e Indústria; o grupo Champalimaud possuía a Mundial e a Confiança; a Império, a Sagres e a Universal pertenciam ao grupo C.U.F.; a Aliança Madeirense, Soberana e a Mutualidade, ao grupo Pinto de Magalhães; a Fidelidade, ao grupo BNU; Ourique, ao Banco Português do Atlântico; A Seguradora Industrial, ao Fonsecas Burnay; a Tranquilidade, ao grupo Espírito Santo.

Para se fazer uma ideia do volume de negócios que estas companhias atingiam, pode dizer-se que as doze companhias que integravam o grupo monopolista (num total de 41 companhias existentes em Portugal) possuiam, em 1968, 57,1 por cento de prémios de seguros directos, e 80,7 por cento de resseguro aceite.

Em matéria de rendimentos e investimentos, os exemplos são, também, significativos. Em 1973, o conjunto das companhias seguradoras nacionais investiram 13 milhões e 665 mil contos; as 12 companhias monopolistas, à sua conta, investiram 9 milhões e 62 mil contos; o grupo C.U.F., 3 milhões e 808 mil contos; e o grupo Champalimaud, 1 milhão e 532 mil contos.

Quanto aos resultados, o conjunto das companhias nacionais obteve em 1973 495 mil contos (contra 102 mil em 1968); destes 495 mil, o grupo monopolista teve à sua conta 337 mil contos, sendo 209 mil só das três seguradoras do grupo C.U.F.

CINCO COMPANHIAS

Se analisarmos rapidamente o mercado de seguros verificamos que o mesmo é dominado no nosso País por cinco grandes companhias: Império, Tranquilidade, Mundial, Confiança, e Comércio e Indústria. Registe-se que existem 72 empresas de seguros. Por outro lado, as companhias são basicamente controladas por cinco grandes grupos financeiros: C.U.F., Champalimaud, Espírito Santo, Jorge de Brito, e Pinto de Magalhães.

A Companhia de Seguros Império, só por si, detém cerca de um quinto do mercado e exerce, conjuntamente com mais duas companhias (Tranquilidade e Mundial) uma influência declaradamente do tipo monopolista em todo o território nacional.

REGOZIJO NO PORTO

Causou o maior regozijo na cidade do Porto, entre os trabalhadores do ramo de Seguros, a medida tomada pelo Conselho da Revolução de nacionalizar as companhias seguradoras.

Isso deu motivo à realização de uma assembleia geral dos profissionais de Seguros, que teve lugar na sede do respectivo sindicato, à Rua do Breiner.

O presidente da direcção, Fernando Oliveira, no uso da palavra, fez uma análise profunda acerca da nacionalização, afirmando que a hora que se vive é da maior transcendência e importância para os trabalhadores do ramo segurador.

Falou, ainda, José Campos, delegado sindical, para informar os presentes das medidas adoptadas a partir de segunda-feira e que começarão a ser postas em prática nos locais de trabalho. Cabe, disse, às comissões sindicais de cada empresa escolher elementos de confiança para fazer parte das comissões de gestão. Adiantou, ainda, que em breve, será constituída uma comissão técnica para elaborar um estudo completo a respeito da situação de cada empresa. Essa comissão deverá ficar a cargo do presidente da direcção, Fernando Oliveira, tendo já sido o dr. Armando de Castro convidado para coadjuvar os elementos da mesma comissão.

Os trabalhadores organizarão grupos de trabalho para assegurar o funcionamento das empresas enquanto não for montada a máquina de gestão. Por outro lado, as companhias estrangeiras não abrangidas pela nacionalização, serão controladas pelas comissões sindicais.

Spínola diz que vai dedicar-se a "actividades intelectuais"

O ex-general António de Spínola deverá permanecer cerca de uma semana em São Paulo, após o que tomará uma decisão, relativamente à sua futura residência.

Sabe-se, entretanto, que Spínola teria dito, no avião que o levou de Madrid, que queria fixar-se no Rio de Janeiro.

São os seguintes, os ex-oficiais que acompanham António de Spínola: general Francisco José de Morais, coronel Orlando José Saraiva Marques Amaral, tenente-coronel Vasco Augusto da Silva Pinto, tenente-coronel Carlos António de Quintanilha Reis de Araújo, major Vítor Manuel Silva Marques, major António Manuel Salles de Mira Godinho, major Jaime Zucheta da Fonseca, Major Carlos Alberto da Silva Pinto e Simas, primeiro-tenente Carlos Alberto Rolla, primeiro-tenente Amadeu Cardoso Anaia, primeiro-tenente José Maria Silva Horta, capitão-tenente Alberto de Brito, primeiro-tenente Raul Dias da Cunha e Silva, primeiro-tenente Benjamim Lopes de Abreu, segundo-tenente João Catulos Cansado Costa Corvo e alferes Miguel Vilar de Bois Somer Champalimaud.

Em jeito de manifesto, os ex-oficiais portugueses, prestaram a bordo do avião da Ibéria algumas declarações a alguns jornalistas. Segundo a Associated Press, justificaram-se afirmando que se revoltaram para «restabelecer a promessa da democracia da Revolução do 25 de Abril». E mais adiante: «O nosso povo tem estado a sofrer as mais abertas violações e a autoridade desapareceu nas ruas. A anarquia alastra pelo País. Foi para cumprir a nossa promessa, para garantir a liberdade, para salvaguardar as eleições de 12 de Abril, para aniquilar as forças antiportuguesas da desordem, que pegámos em armas.»

A declaração dos fugitivos diz ainda o seguinte:

«A perseguição política e religiosa é conduzida na sombra por agentes de partidos e internacionalistas, que se tornam cada dia mais fortes. A escalada da violência atingiu um ponto que nunca imaginámos. Um Governo complacente, a actuar em conjunto com as forças da subversão, assiste à ruína material e moral da Nação... lançando Portugal no descrédito do mundo livre. As Forças Armadas não intervieram em 25 de Abril para mudar de ditadura. Foi para instalar a democracia, para restituir ao nosso povo a liberdade contra os fascismos da esquerda ou da direita, os que se vestem de negro ou de vermelho... Não podemos consentir no martírio de Portugal e na ruína da Pátria. Portugueses... que desejais ser livres e optar livremente, que amais Portugal... as Forças Armadas... colocam as suas vidas ao vosso lado.»

«ESCREVERIA UM LIVRO»

RIO DE JANEIRO, 17 — (R.) — O correspondente de um jornal brasileiro que se encontrava no avião em que Spínola viajou de Buenos Aires para São Paulo declara que o ex-general lhe disse que se dedicaria a «actividades intelectuais» e escreveria um livro de «Reflexões sobre os dilemas do mundo contemporâneo».

MUITA ÁGUA NO RIBATEJO

(mas por enquanto não há cheia)

SANTARÉM, 17 — «A chuva cortou estradas aqui e acolá, mas por enquanto não há qualquer alarme de cheia no Ribatejo» — afirmou-nos um funcionário da Companhia Hidraúlica do Tejo comentando as dificuldades de trânsito registadas ontem nalgumas estradas da região.

«Que choveu muito, choveu» — acrescentou o funcionário. — «Simplesmente os rios tinham pouca água e não há perigo».

As atenções da Hidraúlica costumam centrar-se, para começar, em pontos sensíveis da área, nomeadamente o Vale do Muge, onde a situação é descrita como normal.

Por seu turno a Brigada de Trânsito da G. N. R. local informou-nos de que durante o dia de ontem esteve cortado o trânsito na E. N. N.º 118, entre Azeitada e Benfica do Ribatejo, numa extensão de 100 metros. Marca das chuvas: a água chegou a atingir ali 70 centímetros de altura.

A circulação automóvel fez-se com relativa dificuldade também entre o Paul e o Casalinho e na região da Azinhaga (Golegã). Hoje a água descia.